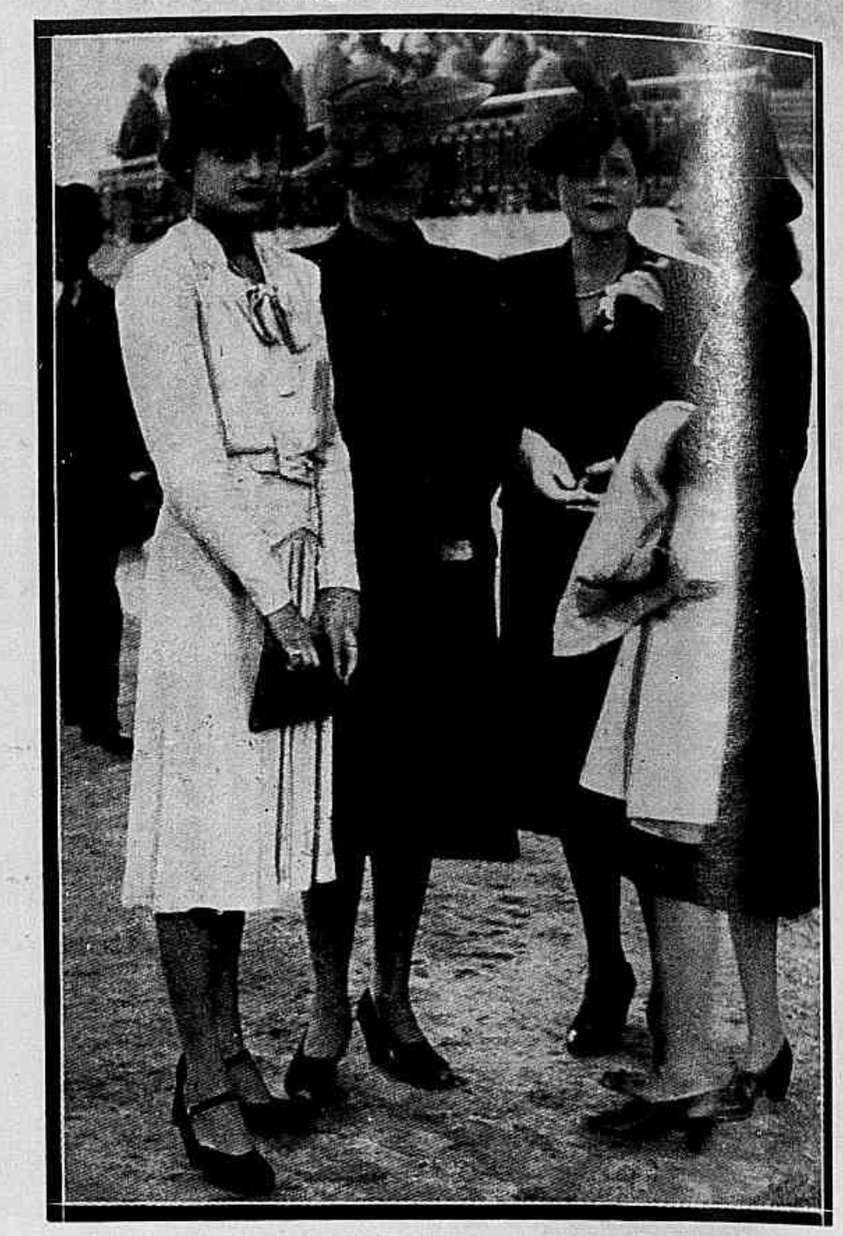
Revista da Semana
Ano XLII • Nº 44
1 de Novembro de 1945

TERESINHA

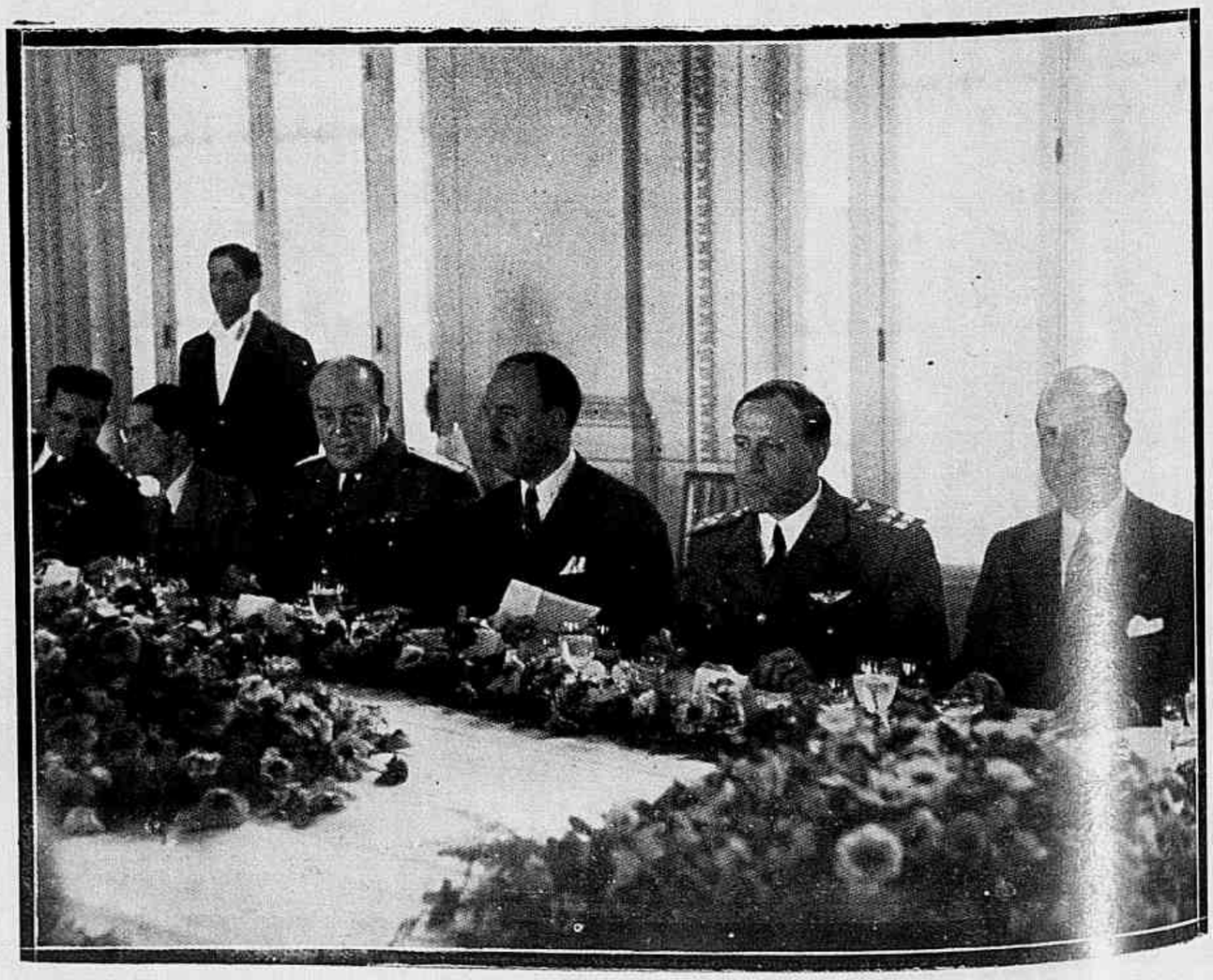
Foto de A. Vieira

BIBLIOTHECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL



A Semana da Asa no Jockey Club Brasileiro

Foi um grande acontecimento social o início da "Semana da Asa", com o almoço oferecido pelo Jockey Club Brasileiro à Força Aérea Nacional. O desejo de homenagear os nossos aviadores levou ao Hipódromo da Gávea uma multidão de **gentlemen** e damas elegantes, conforme se constata nas fotografias que ornam esta página.



Festa de Todos os Santos

por D. Aquino Corrêa
da Academia Brasileira

"TRISTITIA VESTRA VERTETUR IN GAUDIUM".

AQUELE tempo dissera Jesus a seus discípulos: «Chorareis vós, ao passo que o mundo gozará». "Flebitis vos, mundus autem gaudebit". Vinte séculos lá se foram, e ainda hoje, outro não é o ideal do mundo, senão o gozo, a filosofia nua e crua do hedonismo, desde as satisfações da vanglória, á sombra dos louros de efêmeros capitólios, até os deleites mais grosseiros da carne, na orgia pagã de todos os instintos, entre manjares e vinhos falernos, caricias de sedas e veludos, perfumes de rosas e lírios, requebros de músicas e danças, tudo á mercê da venus vaga e louca dos amores, no teatro, na ópera, no cinema, no romance, na poesia, nos casinos, nos bailes, nos carnavais, nas praias do mar, onde se diria que as oceânides não mais confortem com o seu canto, como na tragédia grega, o heroi que sofre, mas conspirem no seduzir e perder o heroismo de todas as virtudes.

Enquanto isso, os discípulos choram, uns nos santuários dos lares e dos templos, na solidão dos cláustros, aos horrores dos hospitais e leprosários, outros, em plena efervecência do mundo, onde, forçados a permanecer, não menos sofrem aos espetáculos dessa «abominação desoladora», de que falam os livros santos, e mais ainda, aos esforços sobrehumanos e contínuos, para se conservarem ilesos, como outrora os mancebos hebreus, em meio das novas fornalhas de Babilonia.

Bem acrescentou, porem, o Mestre que a tristeza dos seus se converteria em gozo: "Tristitia vestra vertetur in gaudium". E' que, ao contrário dos mundanos, cuja falsa alegria, com o fluir do tempo, desfecha no delírio trêmulo dos gozadores extenuados, os sequazes de Cristo sentem crescer, sempre mais, sob a coroa de espinhos das renúncias e dos sofrimentos, essa paz do espírito, cujas delícias, no dizer do Apóstolo, superam toda a berra brutal dos sentidos e das paixões da volúpia: "Exsuperat omnem sensum".

Alem disso, para os cristãos, para os que cremos a divindade do Cristo, é Ele um amigo tão onipotente quão misericordioso e bom, capaz de transformar em alegrias todas as tristezas ou, consoante a palavra da «Imitação», amigo, cuja ausência é horrivel inferno, cuja presença é doce paraiso.

Mas, sobretudo, no seu reino celeste, é que Jesus cumpre a divina promessa de florir em sorrisos a tristeza dos discípulos. E a sagrada liturgia no-lo relembra, todos os anos, a 1.º de Novembro, na grande e radiosa festa de Todos os Santos. Nesse dia, por sobre o mundo, que goza, mas goza na agitação e no orgasmo das voluptuosidades, que precipitam a velhice, a morte e a incógnita tremenda do alem-túmulo, desdobra anualmente o catolicismo, através dessa evocação litúrgica dos céus abertos, a imortalidade olímpica e serena da bemaventurança.

Felizes os que entendem esse apelo maternal da Igreja, e reerguendo o coração de em meio aos gozos mundanos, orientam-no para essoutros verdadeiros e eternos do céu, onde, na frase clássica do Veneravel Beda, não florecem apenas lirios, senão também rosas, pois a par dos lirios brancos da inocência, lá viçam perpetuamente as rosas vermelhas da penitência!

Histórias que o Teatro nos conta...

NOS intervalos que os estudos lhe concediam para sonhar, Maria Clara, em seus devaneios de menina-moça, revia a figura de Flavio.

Quando o conhecera, Flavio teria mais dois ou três anos de idade que Maria Clara. Mas fazia questão de parecer homem. Um homenzinho convencido das suas prerrogativas de mais velho e que tratava a sua pequenina condiscipula com uma certa superioridade.

Maria Clara irritava-se, ás vezes, com as atitudes de Flavio. Sim, ela realmente, era uma menina, mas com um pensar de moça, mais muito mais que a Suzanna, sua colega de turma. Entretanto, era Suzanna quem merecia as atenções do joven...

A vida, um dia, separou esses pequeninos personagens de uma comedia quasi infantil mas que se poderia transformar num doloroso drama de amor. Flavio iniciára o seu curso superior; Suzanna partira para a Europa com o pai diplomata; Maria Clara trocára o Ginasio pelo Colegio de Sion.

ELENCO

IRACEMA DE ALENCAR
AFONSO STUART
MARIA ISABEL
PASCHOAL AMERICO
RAMOS JUNIOR
NORMA DE ANDRADE
EVA TUDOR

E ante a espontaneidade amorosa de Suzanna, a que uma educação moderna dava maior força ainda, Flavio parecia ter capitulado irremediavelmente. E com a capitulação do joven rico e elegante começou o sofrimento de Maria Clara...

◆ ◆ ◆

Fraqueja a menina apaixonada. Ela, que não queria um amor sem luta, não se sente com a força necessaria para derrotar a amiga.

E quando Flavio a interroga sobre o carater de Suzanna ela lança mão das armas genuinamente femininas — a perfidia e a mentira. Procura, então, enganar-se a si mesma, acreditando que, ás suas palavras incisivas contra a educação e o carater de Suzanna, Flavio esquecerá o motivo da sua paixão...

Já, agora, é o rapaz quem deseja a luta... Ele irá conquistar a sua Suzanna, seu primeiro grande amor...

E o noivado se torna uma realidade...

— Aquilo é mais um galho que vai crescer no tronco...

E era ali, no rico educandario, que Maria Clara recordava a sua meninice e a sobriedade inexplicavel de Flavio...

◆ ◆ ◆

Naquele dia Maria Clara preparava-se para a festa que a querida mamãe oferecia ás suas relações pela terminação do seu curso no Sion e a sua entrada triunfal na sociedade.

Maria Clara preparava-se ansiosa. Flavio, já homem, formado em medicina, fôra convidado. Ela iria revêr aquele menino caprichoso, cheio de vontades e orgulhoso da sua personalidade.

Maria Clara, porém, já não se sentia mais a menina ingenua e timida dos seus tempos de colegio. Ela, agora, já possuia tambem a sua "mentalidade de mulher" e firmára em sua mente o tipo de homem que a teria de conquistar. Para ela, o seu amor não deveria ser nunca uma presa facil ao primeiro olhar e às primeiras frases de qualquer apaixonado que lhe aparecesse.

Desejava, sem duvida, o amor de Flavio. Mas imporia a Flavio condições que o obrigassem a lutar para conquista-la. Delineado o plano de ação, Maria Clara surgiu á frente do seu antigo condiscipulo como uma visão estranha e bela, que Flavio julgou poder arrebatar ás primeiras palavras de encantamento. Maria Clara sentiu, entretanto, ruirem os seus planos. Flavio não parecia disposto á luta, para a qual era feliz de mais. Só os que sofrem têm forças para a resistencia aos primeiros dissabores que o Amor traz em sua bagagem sentimental.

E Maria Clara esquecera que Suzanna fôra tambem convidada para a festa que mamãe organizou para aquela noite... Flavio e Suzanna dansavam no salão, revivendo os tempos de escola e pareciam já estar edificando o castelo que haviam imaginado quando frequentavam o colegio onde Maria Clara fizéra os seus primeiros estudos...

Que fazer? Maria Clara não observa, não reflete, não insiste nos seus planos. E' o destino, diz. Um destino máu que a quer aniquilar logo no inicio da sua vida de mulher. Seus ardis foram inuteis, como inuteis foram a sua beleza e a sua mocidade... Foge, então, de tudo e de todos. Da sua mamãe, do seu vovô querido, do seu vovô a quem ela confia os seus maiores segredos.

E o vovô sorri ante a suposta infelicidade da netinha. A sua experiencia, o seu conhecimento profundo da alma dos jovens que o rodeiam levam-no a sorrir.

— Mas tu não querias lutar? Pois luta, minha querida. O amor só se dignifica com o sofrimento, só se redime com lagrimas. Estás chorando? Não faz mal. Elas acabarão por te trazer a felicidade que construiste com os teus sonhos...

Maria Clara não o ouve, porém. Seu amor por Flavio ela o pressente como uma derrocada irremediavel... Seus sonhos uma pobre ruina, de cujos escombros só restará a saudade daquela ilusão fugace que entrevira ao deixar o Sion...

E resolve regressar ao colegio... Para que viver assim, sem o seu grande amor...

Agencia desta Revista em Maceió

E' nosso agente-vendedor, em Maceió, capital do Estado de Alagôas, o sr. Agenor Marques, com escritorio á rua do Comercio n.º 518.

Os sonhos de amor e a realidade de uma sublime renuncia...

◆

Sintese de

Terra de Senna

◆

A' hora da despedida, Maria Clara parece uma condenada ao desterro. Seus olhos moços já não têm aquele brilho que eram todo o encantamento da sua pequenina figura de mulher. O sentimento de renuncia á vida feliz que a mocidade lhe oferecia anuviava a sua mascara...

Um ultimo adeus a Flavio... Maria Clara submete-se à tortura daquele encontro fortuito. E Flavio descerra a cortina que encobria os dois destinos. O amor de Suzanna? Um plano de vovô para salvar a netinha querida. Maria Clara, sim, era o seu unico amor. Era a ela e não a Suzanna que ele amava.

E Suzanna acedêra?

— Suzanna é bôa. Suzanna é feliz porque parece não amar ninguem. A uma frase de amor, prefere uma cigarrilha perfumada; a um beijo apaixonado, prefere um "cock-tail" inebriante...

Suzanna sorri. Parece feliz... Mas nos seus olhos há uma tristeza que a vovó de Maria Clara descobre. E é vovó quem exalta o sacrificio da amiguinha querida da neta, agora feliz...

— Compreendo o teu sacrificio, minha bôa Suzanna; tu amas Flavio...

Suzanna não responde. Mas no silencio está a força oculta do seu grande amor...

Ela, que so ergueu a felicidade de Maria Clara, vai viajar de novo...

E na distancia que a separará de Flavio ela sufocará, por sua vez, a recordação dos dias felizes que a farça idealizada pelo avô de Maria Clara lhe havia oferecido...

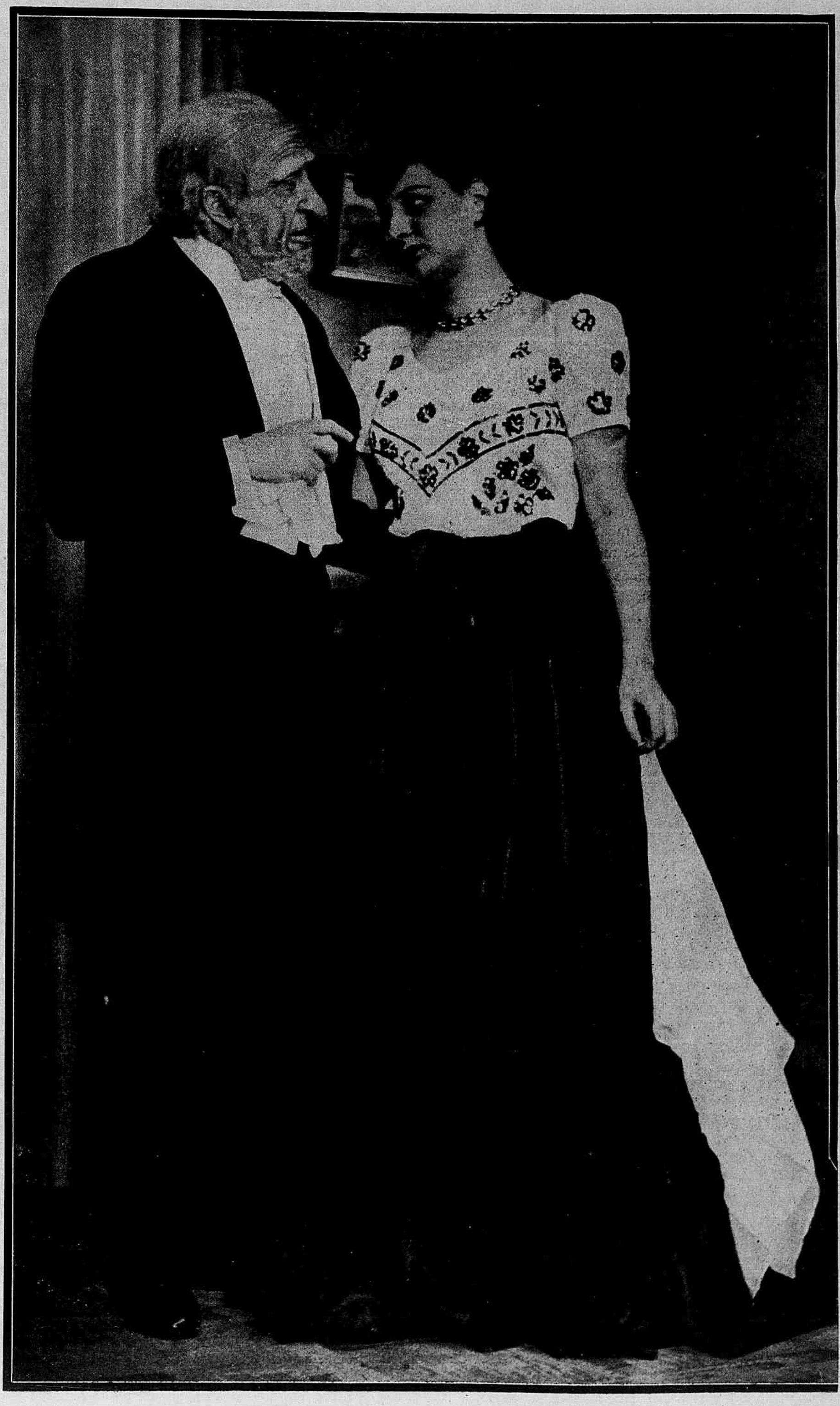
A felicidade pessoal é, ás vezes, insignificante ante a ventura que podemos proporcionar aos outros. O drama do seu amor ela o saberá viver, na sublimidade da renuncia que impôs a si mesma. E isso, afinal, o amor, o amor a em que se não crê, principalmente quando ele se abriga sob uma falsa indiferença e se condena ao exilio...

Em face dos sonhos de amor da amiguinha, avulta então a realidade da paixão de Suzanna, bem mais forte, bem mais humano que os sentimentos alimentados pelas lagrimas de Maria Clara...

◆

— Ninguem pode julgar-se vencedor si não lutou...

— Mas tú lutaste seis anos para conseguir o amor de Flavio!



A CAIXA DE PÓ DE ARROZ

conto de G. Guy-Tong

O nosso amigo Bonifácio tinha arranjado um emprego público; e, como si essa fortuna lhe não bastasse, começou logo a pensar no casamento. Casamento com moça rica, está claro! Desde que a sorte, depois de haver judiado dele bastante tempo, parecia agora disposta a bafejá-lo, por que não aproveitar a maré? E não escondeu tal projeto. Nós, os camaradas mais íntimos, fomos logo informados. E naturalmente demos a nossa aprovação.

Pois, senhores: Aquilo foi anda mão, fia dedo. Não eram passados muitos dias quando Bonifácio nos participou que era o homem mais feliz do mundo.

— Sim! disse ele, numa verdadeira explosão de júbilo — Vou casar com uma moça da nobreza: Mademoiselle Adelaide Boisdur. E' um anjo! Assim que a vi a primeira vez, senti que era a criatura dos meus sonhos, a companheira ideal para o resto da minha vida! Na humanidade inteira não há olhos que se possam comparar àqueles em inteligência e bondade. Os cabelos são maravilhosos de tão louros; os dentes dão impressão perfeita de dois fios de perolas; as faces...

Prosseguiu enfaticamente nesse estilo de logares comuns, detalhando as feições da bem-amada. E de repente, num tom de voz quase natural:

— Além disso, tem duzentos mil francos de dote e, como filha única, terá muitas vezes isso quando sua veneranda mãe esticar o pernil.

Todos nós felicitámos calorosamente o simpático Bonifácio. Dissemos-lhe que tudo aquilo ele merecia pelas suas excelentes qualidades. Era amado e ia ser rico. Com efeito, nada mais justo. E ainda mais satisfeita do que ele se devia mostrar a jovem fidalga, por encontrar um marido daquela superioridade moral, intelectual etc. etc.

Durante algumas semanas deixámos de o avistar; não estranhámos, porém, tal sumiço. Um rapaz em vésperas de casar tem que fazer uma porção de coisas, principalmente estar perto da noiva, que é o que toma mais tempo. Não se deve, portanto, exigir dele que pense nos amigos um momento sequer. Todos nós assim entendíamos; e íamos esperando que aquele período absorvente passasse, para voltarmos a gozar do convívio do nosso prezadíssimo Bonifácio. E, enquanto isso, frequentemente nas palestras da nossa roda nos referíamos à existência ditosa que ele devia estar levando entre os encantos da jovem aristocrata e as promessas duma riqueza não menos sedutora...

Imagine-se, portanto, o nosso assombro ao vermos, uma noite, entrar no salão do clube um Bonifácio triste, macilento, acabrunhado, enfim, com aquilo a que se costuma chamar cara de enterro. A bem dizer, no primeiro momento nem o reconhecemos. Só quando chegou perto de nós tivemos a certeza de que era ele mesmo. Exausto, Bonifácio deixou-se cair na cadeira que lhe oferecíamos. E sobre ele cairam, como graniso, as nossas perguntas afetuosas:

— Que é isso, Bonifácio? Que foi? Que aconteceu?

— Caros amigos... anunciou ele, em voz desesperada — o meu casamento... foi por água abaixo!

Veio-lhe um soluço das profundezas da alma angustiada; e enormes lágrimas lhe rolaram pelas faces côr de cera. O nosso espanto não tinha limites. Fui eu que, em nome de todos, o interroguei:

— Mas como foi isso? Por que? Conta-nos tudo. Teria Mademoiselle de Boisdur mudado repentinamente de opinião ou de sentimento a teu respeito? Fala! Bem vês que estamos ansiosos por saber...

— Que desastre, meus amigos, que desastre! gemeu ele, torcendo as mãos de desespero. — Oh, Adelaide, Adelaide! Pensar que perco a mais adoravel das noivas e duzentos mil francos, sem contar a futura herança, dez ou doze vezes maior!...

Esperámos que passasse essa crise patética; e os mais sensiveis de nós, eu inclusivamente, chegámos a verter algumas lágrimas sinceras. Depois, Bonifácio foi se acalmando, foi serenando, até que poude contar a história do rompimento do seu noivado:

— E' triste confessá-lo, mas o causador de tal catástrofe fui eu mesmo. Escutem o que se passou e julguem por aí da minha infelicidade. Ontem à noite, foi o baile de noivado. Primeiro houve um jantar de família que correu na maior alegria e no qual trocámos os brindes mais afetuosos. Pelas onze horas, pouco mais ou menos, começaram a chegar os convidados para o baile. Naturalmente, eu tinha que dansar com minha futura sogra...

— Tua futura esposa, queres dizer! interrompeu um de nós.

— Não! insistiu Bonifácio — Com minha futura sogra! Por aí se vê que ainda és da velha escola. Fica então sabendo que, hoje em dia, é mais à mãe do que à filha que se deve fazer a côrte. E, no meu caso, especialmente importava conquistar-lhe as boas graças e conservá-las. De tal modo cumpri esse programa que, tendo dansado apenas uma vez com Adelaide, já com Madame de Boisdur dansara três ou quatro. A velha estava satisfeitíssima com a minha preferência. Gorda, porém, como é, o exercício a fez transpirar copiosamente. Então...

Calou-se, ofegante, visivelmente com dificuldade de contar o resto. Quisemos ajudá-lo:

— Então...

— Disse-me, sorrindo e pondo a mão no meu braço: "Bonifácio... Não me posso ausentar por causa dos convidados, nem desejo que eles percebam coisa alguma... Quer me fazer o favor, querido — até "querido" já me chamava! — de ir lá acima, ao meu quarto, buscar a caixa de pó de arroz? Traga-a e entrega-m'a o mais disfarçadamente possivel. Está em cima do toucador". — "Pois não, minha querida senhora! respondi. — Vou e volto num instante"! — Então...

— Então...

— Então, meus amigos, chegado diante do toucador de Madame de Boisdur, vi que estavam alí três caixas. Ao acaso, sem me lembrar de examinar o conteúdo, como um verdadeiro idiota, peguei numa delas e desci rapidamente, para a entregar a minha futura sogra que me esperava com o melhor dos seus sorrisos. Tirou da *trousse* de ouro uma borlasinha de arminho e, com a caixa que eu trouxera, foi para trás duma cortina, onde se empoou à vontade. Meio minuto depois estava a operação terminada e a pobre senhora reaparecia, toda risonha, entre os convidados... Digo "pobre senhora", porque o sorriso não lhe durou muito tempo: ao vê-la, os convidados foram presas de incontivel, indisfarçavel hilaridade. Surpreendida e com um terrivel pressentimento, Madame de Boisdur aproximou-se dum espelho... Estava com a cara toda enfarruscada. Em vez do pó de arroz eu lhe trouxera a caixa de pós dentífricos, de carvão!

Não sei bem como vim ter à rua. Tenho, porém, razões para acreditar que me deram pelo caminho vários ponta-pés... E aqui estou eu, ainda dorido, e sem Adelaide, sem os duzentos mil francos, sem esperanças de herança futura, sem coisíssima nenhuma!

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das revistas nacionais
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e nos Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuerpia em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURA PARA O BRASIL E AMERICAS
Porte simples: Um ano — 63$000; seis meses — 32$000.
Registrada: Um ano — 80$000; seis meses — 40$000.

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO
Registrada: Um ano — 170$000; seis meses — 90$000.
O número avulso custa 1$500 em qualquer parte do país; o número atrasado: 2$000.
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço Telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro.
Telefones — Direção: 22-2622; Gerencia: 22-2550; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.
Tem agentes em todas as localidades do territorio nacional.
Sucursal em S. Paulo: Largo do Paissandú n.º 124. Telefone: 4-6070
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. **Em Portugal:** Agencia Geral de Publicações — Rua do Arsenal 84, Lisboa. **Na Africa Oriental Portuguesa:** D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. **No Uruguai:** Moratorio & Cia. — Constituyente 1746, Montevidéo.
Todos os originais enviados à REVISTA DA SEMANA devem vir datilografados, e os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.
ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS
— Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito —

Santos e Efemérides da Semana

NOVEMBRO

1 Todos os **Santos.** — O estabelecimento desta festa na Igreja romana tem sua origem na oferta que em 607 o papa Bonifácio IV fez da igreja do Pantheón a Roma. O antigo templo pagão foi dedicado á Virgem e a todos os mártires e tomou o nome de Nossa Senhora dos Martires. Por volta do ano 731, o papa Gregório III erigiu uma capela em honra de todos os santos na igreja de S. Pedro de Roma; desde esse tempo a festa de **Todos os Santos** tem sido sempre celebrada em Roma.

— A esquadrilha de André Gonçalves descobre a bahia de Todos os Santos (1501). — Nasce Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, célebre orador (1773). — Falece no Rio de Janeiro Manoel Ignácio da Silva Alvarenga, poeta, professor, que esteve envolvido na Conjuração Mineira (1814). — Falece no Rio o marechal João Paulo dos Santos Barreto, ministro de Estado, comandante do exército imperial em operações, em 1840-1841, no Rio Grande do Sul (1864). — Falece no Rio o Visconde do Rio Branco, professor, politico, estadista notavel, patrono da cadeira n.º 40 da Academia Brasileira (1880). — Falece em Santos (S. Paulo) Julio Ribeiro, filólogo, jornalista, romancista, patrono da cadeira n.º 24 da Academia Brasileira (1890).

2 Finados. — A instituição desta festa remonta a 998. A iniciativa é devida á Santo Odilon, abade de Chuny, que ordenou fosse celebrada em todos os mosteiros de sua congregação, em lembrança dos fiéis mortos. Aprovada logo pelos papas, a festa se difundiu, sendo hoje celebrada em toda a cristandade.

— São **Vitorino.** — Bispo de Pettau, em Pannonia, de quem São Jerônimo assinalou os escritos, que não chegaram aos nossos dias. Foi martirizado sob Diocleciano.

— Santa **Rosália.** — Virgem da Sardenha, martirizada em época imprecisa.

— Falece na Bahia Sebastião da Rocha Pitta, o notavel autor da «Historia da América Portuguêsa» (1738). — Nasce em Portugal Raimundo José da Cunha Mattos, general e escritor brasileiro, um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1776). — Nasce no Rio o general Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão, visconde de Santa Tereza, vulto da guerra do Paraguai (1800). — Falece no Rio de Janeiro o chefe de esquadra Diogo Jorge de Brito, guerreiro, ministro de Estado (1830). — Falece no Rio de Janeiro o almirante Teodoro de Beaurepaire, que comandou a divisão naval que trouxe de Nápoles a imperatriz D. Tereza Cristina (1849). — Falece no Rio de Janeiro João Pedro Belfort Vieira, ministro do Supremo Tribunal Federal (1910).

3 **Santo Huberto.** — Padroeiro dos caçadores. Filho de Bertrand, duque de Aquitania, descendente de Clovis, viveu na côrte da Nêustria, que deixou para furtar-se á tirania de Ebroin e refugiar-se junto de Pepino de Heristal. Pela caça, chegou a esquecer os deveres religiosos. Numa sexta-feira santa, enquanto caçava, teve uma visão, foi procurar S. Lamberto, bispo de Maestricht e, mudando de vida, consagrou-se integralmente á piedade. Eleito bispo de Maestrich, por morte de S. Lamberto, morreu em 727. Suas reliquias passavam por ter o dom de curar a mordidela dos animais atacados de raiva.

— **Santa Silvia.** — Esposa do senador Gordiano e mãe de S. Gregório, o Grande. Viveu retirada os ultimos anos de existência (século VI).

— Falece nas costas do Maranhão, no naufrágio do «Ville de Boulogne», Antonio Gonçalves Dias, etnógrafo, historiador, poeta notavel, patrono da cadeira 15 da Academia Brasileira (1864). — Falece em Passo Pucú o coronel Frederico Carneiro de Campos, preso pelo ditador Solano López com os passageiros do «Marquês de Olinda» (1867). — Falece em Santos D. Domitila de Castro Canto e Melo, Marquêsa de Santos, que deixou grandes traços na crônica do primeiro Império (1867). — Falece no Rio de Janeiro o visconde Vieira da Silva, ministro de Estado, senador do Império (1889).

4 **São Carlos Borromeu.** — Nasceu em 1538 no castelo de Arona, na Lombardia. Tornou-se arcebispo de Milão aos vinte e três anos, e foi sagrado cardeal pouco tempo depois. Reformou os costumes do clero e assegurou, em grande parte, pela sua atividade infatigável, o êxito do Concilio de Trento. Dedicou-se infinitamente á conjuração da epidemia de peste em Milão, em 1576, e morreu em 1584. Ergueram-lhe uma estátua colossal na sua cidade natal.

— **Santa Modesta.** — Virgem do Rheno, abadessa de Horren, morta em 680, aproximadamente.

— D. Luiz de Almeida Portugal Soares Alarcão Eça Melo Silva Mascarênhas, 2.º Marquês do Lavradio e 4.º Conde de Avintes, toma posse do cargo de vice-rei do Brasil (1769). — Nasce no Rio Carlos Augusto de Oliveira Figueiredo, ministro do Supremo Tribunal Federal (1837).

5 **São Zacarias.** — Pai de São João Batista. Emudecera, por não ter acreditado na palavra do anjo que lhe anunciava o nascimento de um filho; mas recuperou a palavra depois de ter dado um nome a esse filho. Foi morto por Herodes, por haver anunciado aos judeus que Nosso Senhor seria rei.

— **Santa Izabel.** — Prima da Virgem e esposa de S. Zacarias, tornou-se, depois de longa esterilidade, mãe de S. João Batista.

— Falece no Rio Grande o general Sebastião Xavier da Veiga Cabral (1801). — Nasce em Valença (Bahia) Zacarias de Góes e Vasconcelos, orador, parlamentar, estadista, grande figura do Império (1815). — Nasce no Rio Martins Penna, comediógrafo notavel, patrono da cadeira n.º 29 da Academia Brasileira (1815). — Nasce na Bahia Ruy Barbosa, jurista, politico, orador, verdadeiro gênio, membro da Academia Brasileira (1849). — Chega ao Rio a arquiduqueza Maria Leopoldina Josefa Carolina da Austria, que foi a 1.º imperatriz do Brasil (1817). — Inaugura-se no Rio de Janeiro a Academia de Belas-Artes (1826).

6 **São Leonardo.** — Companheiro de Clovis, fôra convertido por S. Remigio após a batalha de Tolbiac. Após haver passado alguns anos no mosteiro de Micy, fixou-se nos arredores de Limoges. Grangeou discipulos e, assim, formou o mosteiro de Noblac. Morreu em 559.

— **Santa Bertila.** — Virgem de Soissons, entrou para o convento de Jonarre, antes de tornar-se, a chamado da rainha Batilde, abadessa de Chelles, onde governou até a morte, ocorrida em 692.

— Realiza-se no Rio o casamento de D. Pedro I com a arquiduqueza da Austria, D. Maria Leopoldina (1817). — Nasce em Capivari (S. Paulo) Amadeu Amaral, jornalista, poeta, da Academia Brasileira (1875). — Falece no Rio de Janeiro Francisco Mariani, ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1905).

7 **S. Floro.** — Abade do mosteiro de Gloune, hoje de S. Floro-o-Velho, viveu sob Dagoberto. Notavel pela piedade e pelas virtudes cristãs, deixou hinos e cantos usados por muito tempo na Igreja e dos quais varios chegaram até nós.

— **Santa Salomé.** — Princesa polonêsa, nora do rei André da Hungria. Enviuvando, fundou vários conventos e recolheu-se a um deles, de que se tornou abadessa. Morreu em 1269.

— Tem inicio na Bahia a revolução conhecida por «Sabinada» (1837). — Falece no Rio de Janeiro Francisco de Faria Lemos, ministro do Supremo Tribunal Federal (1904).

Não confie em remédios que combatem todos os males. O "Sal de Fructa" ENO há 70 anos se anuncia como eficaz contra os males do fígado, estômago e intestinos.

Evite as imitações, porque só o ENO póde produzir os resultados do ENO!

ENO "Sal de fructa"

Consultorio Odontologico

Anna Maria (Sta. Catarina) — Remoção de todos os fócos dentarios.

Cristovão Crispim (S. Paulo) — Fixo ou movel.

Renato Bruno (Minas Geraes) — Compressas de agua quente (calor úmido).

Jair Vicente (Rio Grande do Sul) — Duas vezes por semana é o suficiente.

Monteuro d'Oliveira (Minas Geraes) — A Faculdade de Odontologia do Estado de S. Paulo vem de passar por grande reforma, tendo sido inaugurada a clinica odontopediatra, dirigida pelo ilustre colega professor Campos de Oliveira.

Carlos Pontes (Alagoas) — A permanencia só em condições especiais.

Brito Silva Costa (Amazonas) — Está sendo anunciada para breve uma reforma de ensino odontologico.

Ernesto Quirino (Minas Geraes) — Depois de remover todas as raizes e passado o tempo necessario á completa cicatrização do tecido gengival.

Zilda Ferreira (Alagoas) — Só o Departamento Nacional de Ensino poderá informar.

Mana Julia (Rio Grande do Sul) — Está certo como pensa.

Almerinda Rodrigues (Minas Geraes) E' possivel.

Julia Montes de Oliveira (S. Paulo) — Não é possivel.

Victor Gonçalves Dias (Rio Grande do Norte) — Antes de deitar-se (agua e sabonete fino).

Salustiano Kruel (Minas Geraes) — Deve mandar remover a raiz de que me dá noticia em sua carta.

Zilmann Rodrigues (Paraíba) — Não se apresenta como o colega julga.

Alexandrino Agra.

◆ ◆

A OPERA MALAZARTE

JOSE' SIQUEIRA

QUANDO um compositor brasileiro consegue fazer representar uma ópera de sua autoria, tem-se como certo que lutou muito, dada a precariedade do nosso meio musical e a falta de uma organização adequada que facilite a execução das obras novas, como estímulo aos nacionais, tão pouco considerados em sua própria Patria. Tudo é resolvido e feito á ultima hora, principalmente no que diz respeito á musica lirica, que é, sem duvida, a mais custosa. Não há um plano pre-estabelecido para as estações anuais, como em todos os países de alto nivel cultural. Assim sucede com os concertos sinfônicos, com os bailados, com as óperas, que, muitas vezes, dois dias antes da representação não se sabe verdadeiramente qual a escolhida. Improvisam-se atores, e até mesmo regentes, em cujos ombros repousam todas as responsabilidades do espetáculo. Não se cuida com o necessario carinho das óperas novas que surgem desfiguradas tantas são as falhas. Assim aconteceu no «Tiradentes», de Eleazar de Carvalho, e no «Malazarte», de Lorenzo Fernandez, óperas brasileiras, ambas de dificil execução, e que subiram á cena apenas com dois ensáios de conjunto, como se costuma fazer com as óperas do repertório lírico internacional, conhecidissimas da orquestra, dos coristas e dos bailarinos.

Mesmo nêstes casos de óperas do repertório, a orientação não deve ser essa, quando houver cantores brasileiros estreantes, que necessitam do maior numero possivel de ensáios de conjunto. Contudo ouvimos no dia 30 de Setembro ultimo no Teatro Municipal, «Malazarte», ópera que o notável compositor patrício já havia concluido há algum tempo. Anunciámos, por informações erradas da direção da temporada, que a ópera seria levada como primeiro espetáculo da temporada lírica nacional, mas não o foi, e sim como ultima récita de assinatura da temporada lírica oficial.

Cena do aparecimento da Mãe d'Agua. Final do 3.º ato.

O Serviço Nacional de Teatro, em combinação com a Municipalidade, ofereceu-nos o belo drama lírico de Lorenzo Fernandez, compositor cujo nome já atravessou as fronteiras do Brasil, projetando-se bem alto, como sucedera a Carlos Gomes.

O perfil de Malazarte, descrito por Graça Aranha e musicado por Lorenzo Fernandez, aquele escritor emérito, cujo estilo, concepção e elevação de forma colocaram-no entre os primeiros do Brasil contemporaneo e este notabilizado como autor de musica de camera, bailados e sinfonias, teria que formar um todo homogêneo, que ficará para todo o sempre nos anais da história da musica brasileira.

A causa da morte da ópera brasileira tem sido, em geral, o libreto. Assim o foi em Carlos Gomes, em Braga e nos demais operistas nossos.

A escolha do assunto e a maneira de trata-lo no teatro, e sobretudo no teatro lírico, não é tarefa fácil. Escolhendo Graça Aranha, após ter uma longa experiencia adquirida através de sua enorme bagagem para canto, bailados, coro e orquestra, Lorenzo reuniu em Malazarte todos esses conhecimentos e produziu uma ópera que, como disse acima, marcará época.

As idéias musicais são verdadeiramente belas, não só as de origem folclórica, que nos transportam a um ambiente caracteristicamente brasileiro, como as originais. Há trechos surpreendentes. No 1.º ato, o autor emprega os temas da «Náu Catarineta» e do «Jardineiro de meu pai», alem de outros caracteristicamente populares, como: pastorinhas, modinhas e batuques. Este ato culmina com um **Batuque** que já tem sido executado várias vezes em concertos sinfônicos no Brasil e no estrangeiro, obtendo sempre grande sucesso.

No 2.º e 3.º atos a musica, por força do assunto, interioriza-se, mantendo sempre, porém, os temas em que predomina a nostalgia de nossa raça, no-lo diz Lorenzo Fernandez. No 4.º ato o elemento folclórico intervem novamente, desta vez contido nos temas mais importantes da obra, que são: «Destino», «Sedução», «Amôr» e «Morte», os quais ilustram este comentário. O Destino personifica Malazarte; a Sedução e a Morte, Dionísia; e o Amôr, Eduardo — Dionísia. Afirma Lorenzo Fernandez: «A musica do drama lirico «Malazarte» caracteriza-se pela sua feitura exclusivamente constituida de elementos brasileiros, quer ritmicos, quer constancias melodicas e harmonicas, parecendo ser, por essa razão, uma das primeiras obras que dão ao teatro lírico nacional uma expressão definida, pois tanto o assunto como a musica, não acidentalmente mas nas suas mais intimas minucias, e a propria orquestração são absolutamente inspiradas ou nas fontes folclóricas ou na nossa **psyché** apresentando, apesar da enorme variedade ritmica e melódica grande unidade. A orquestração é geralmente colorida e forte com acentuados contrastes de intensa delicadeza e lirismo». No que diz respeito aos ritmos e ás melodias, concordamos com Lorenzo Fernandez, mas no que se refere á parte harmônica, não. Cremos não haver uma forma de harmonização brasileira ou, melhor, uma harmonização que nos transporte a um ambiente caracteristicamente brasileiro. Se harmonizarmos os temas do nosso folclore, sem fugir á naturalidade de suas linhas, ou melhor, como é feito no populório, teremos que usar processos harmônicos conhecidos em todos os países europeus, assim como em todas as obras em que o autor emprega nosso sistema tonal. Logo, não há harmonização brasileira como não há alemã, russa ou italiana. Os franceses modernos sim, êsses possuem um tipo bem marcado de harmonização, e mesmo assim não o consideram, êles próprios, harmonisação francesa. Cremos mais na existencia de uma forma popular de contraponto livre, a que se dá o nome de contracanto, em cujas linhas se observa algo diferente de outros países. Foi sem duvida Malazarte a primeira ópera em que foram empregado: modinhas, batuques e outras formas brasileiras de manifestações artistico-populares. Mas Lorenzo, que teve a coragem de introduzir em seu primeiro trabalho lírico inovações dessa natureza, não fez outro tanto com relação á orquestração, como pretendem. Seus processos orquestrais nesta ópera são internacionais. Nada ou quase nada têm de brasileiros. Por que não acompanhou a modinha de Malazarte com um tipo de orquestração que imitasse o violão ou, melhor, não empregou o próprio violão na partitura? Por que não empregou, igualmente, o tipo de orquestra denominada de «Pau e Corda» (violões, cavaquinhos, flautas, clarinetes) em determinadas passagens verdadeiramente adequadas? Alem disso observamos que a orquestração de Malazarte é um tanto pesada em certos trechos, chegando mesmo a prejudicar a parte cantante.

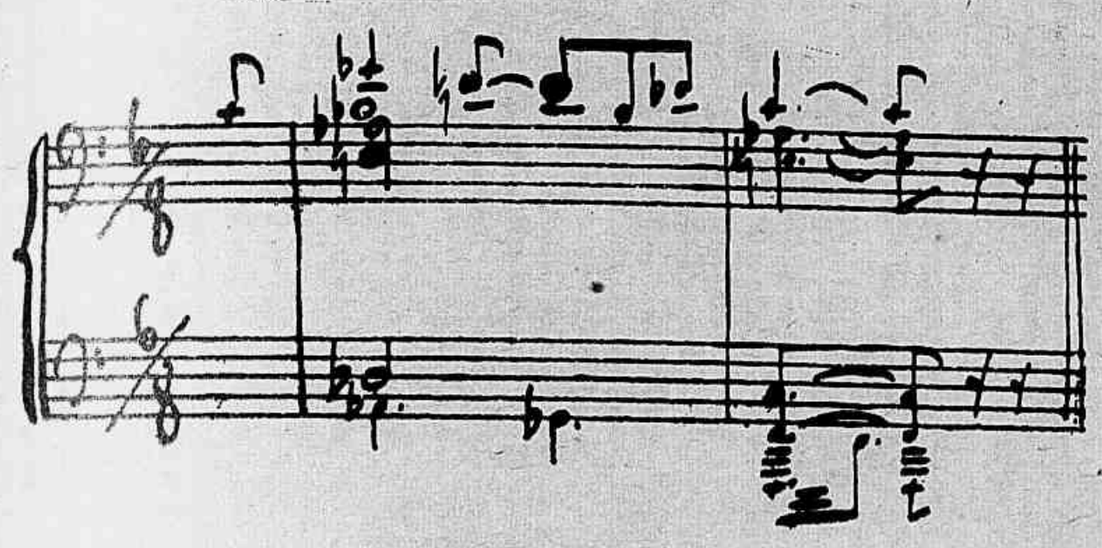
Flagrante do "Batuque". Final do 1.º ato.

Grupo de jovens que tomarão parte na audição de piano das professoras Nair, Laura e Alda Bevilacqua. Barrozo Netto, tocando a "Danse macabre" de Saint-Saens para 2 pianos e 8 mãos, a realizar-se no dia 9 de Novembro ás 16 1|2 horas.

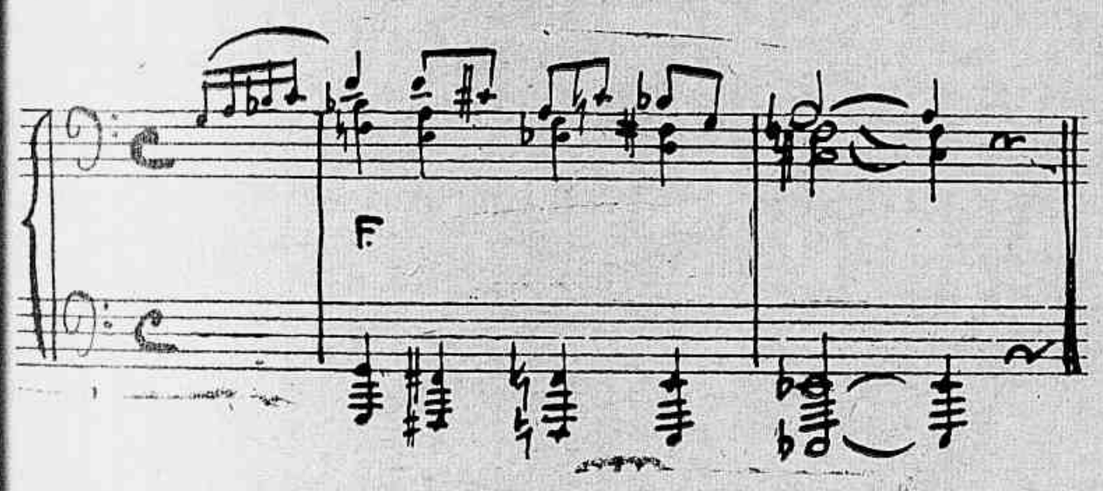
Com o Presidente da Republica os maestros brasileiros No ultimo dia 6, o presidente Getulio Vargas recebeu, no Palacio do Catete, uma grande comitiva de musicistas brasileiros, tendo á frente o maestro Vila-Lobos, que tratou dos interesses da classe com o chefe do governo. A este, após uma saudação feita pelo maestro Vila-Lobos, foi entregue um extenso memorial com numerosas assinaturas. Agradecendo a saudação, o sr. Getulio Vargas acentuou que já há tempo estudava medidas no sentido de dar organização à musica brasileira de modo a permitir que seus elementos representativos pudessem desenvolver atividades que interessassem a toda a Nação. Acrescentou o presidente da Republica que se tornava necessario articular os nucleos artisticos do país e que o governo se interessaria pelo assunto.

O emprego dos registros graves nos instrumentos de arco e o emprego abundante dos instrumentos de metal e percussão, principalmente o tam-tam, são as causas, talvez, do ruido ensurdecedor que ouviamos a cada instante.

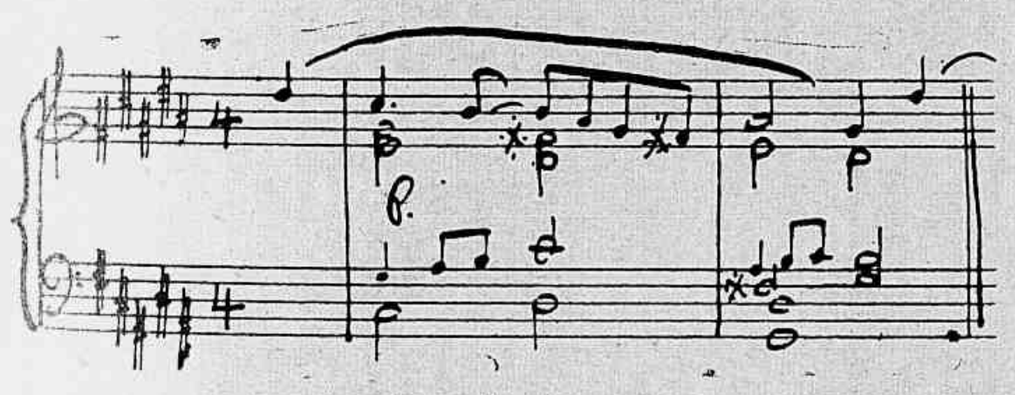
Por que empregar o tam-tam com tanta frequência, se êsse instrumento não é usado pelo nosso populário? Si somos rícos em instrumentos de percussão, como justificar o emprego demasiado de um instrumento oriental que nada tem de brasileiro? Discordamos dêsse emprego porque o proprio autor declara pretender fazèr uma orquestração brasileira, o que, diga-se de passagem, nos parece impossível, por enquanto. Cremos que o próprio Lorenzo Fernandez está convencido de que deve modificar a orquestração, em certos momentos, para que a sua ópera fique realmente perfeita. Devemos, porém, salientar a beleza orquestral do «Interludio Sinfônico», com que se inicia o 2.º quadro do II ato, assim como o coro dos pescadores (IV ato), que serve de fundo musical ao bailado das sereias (Yaras), alem de muitos outros de que não podemos precisar o nome e a posição que ocupam na ópera. A sensibilidade artística de Lorenzo Fernandez é refinada. Ele bem sabe o que deve modificar ou não. Não precisa dos nossos conselhos. E' um mestre. O certo é que Malazarte é a mais brasileira de todas as óperas até agora escritas, e teve a consagração publica na noite de sua representação.



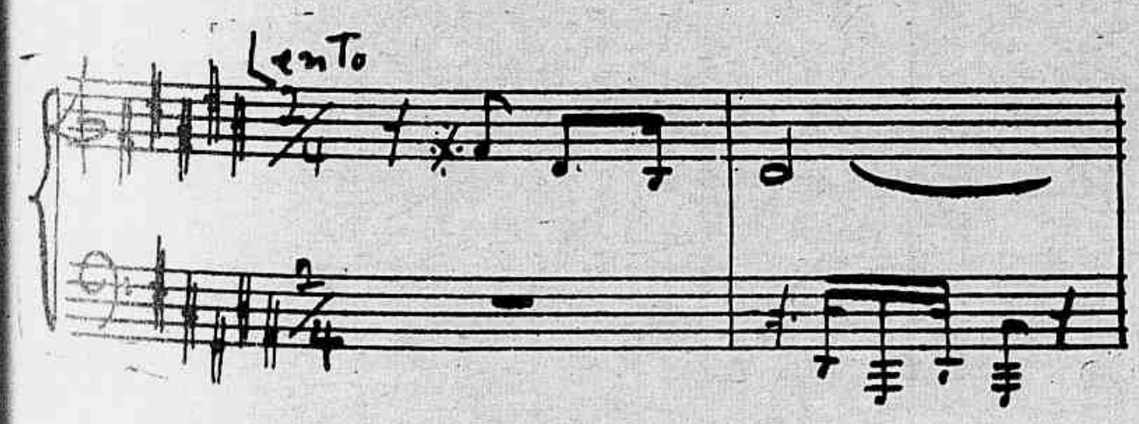
Tema do Destino.



Tema da Sedução.



Tema do Amor.



Tema da Morte.

Tema que percorre toda a opera indicando misterio.

Giuseppe Manacchini, Rina Saragni, Frederick Jagel, Alice Ribeiro, Helen Olhein, Darcila Barros, Clio Monti, Claudio Vincit, respectivamente nos papeis de Malazarte, Dionisia, Eduardo, Almira, Militina, Filomena, a Mãe e Raymundo, foram os interpretes da opera.

O corpo de baile e o coro do Municipal, sob a direção de Maria Olenewa e Santiago Guerra concorreram grandemente para o successo da apresentação. Carlo Piccnato foi o **régisseur**. Sua **mise-en-céne** causou-me a melhor impressão. Os cenarios encantadores de Jayme Silva deram á ópera esplendor e graça. A Orquestra Municipal foi dirigida pelo próprio Lorenzo Fernandez.

★ **Rugas na testa:** Marcam o fim de uma mocidade... destróem a beleza...

★ **Pés de galinha:** Pequenas rugas que aparecem no canto dos olhos, dando ao rosto uma aparência de muitos anos a mais.

★ **Cravos e espinhas:** Frequentes defeitos da cutis feminina, em qualquer idade. São Rebeldes aos tratamentos comuns, e enfeiam o rosto facilitando rugas prematuras.

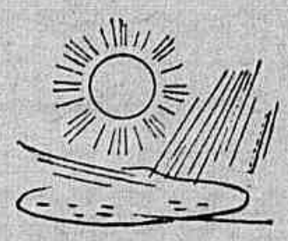
Cravos, Manchas, Espinhas e Sardas

INDICAM

O fim da mocidade...

Permaneça jovem com o uso
de um só creme
que protege a sua cutis!...

Não deixe que as imperfeições da pele, espinhas, cravos, manchas e póros dilatados abram caminho à "velhice prematura". Proteja a sua mocidade com um tratamento completo de beleza. Use Rugól à noite, antes de deitar-se e durante o dia como base de pó de arroz.
Em apenas 3 dias, a sua cutis sentirá os efeitos benéficos deste creme famoso que age cientificamente sobre as camadas subcutanêas fortalecendo e estimulando os musculos faciaes.



Contra os efeitos do sol, do vento e do frio, Rugól age como suavizante e protetor. Rugól é o verdadeiro embelezador da cutis!

Creme **RUGÓL**

LABORATÓRIOS ALVIM & FREITAS SÃO PAULO

UM TRATAMENTO DE BELEZA COMPLETO!

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu figado deve derramar, diariamente, no estomago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gazes incham o estomago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martyrio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada ha como as famosas Pillulas CARTERS para o Figado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam damno; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Figado. Não acceite imitações. Preço 3$000

PENSAMENTOS

Feliz aquele que soube fazer um juramento e cuja vida foi dedicada a um belo ideal.

◆◆◆

Enveredar para o caminho reto e aconteça o que acontecer, nunca se desviar.

M. Dieulafoy.

ATAQUES NERVOSOS OU EPILEPTICOS

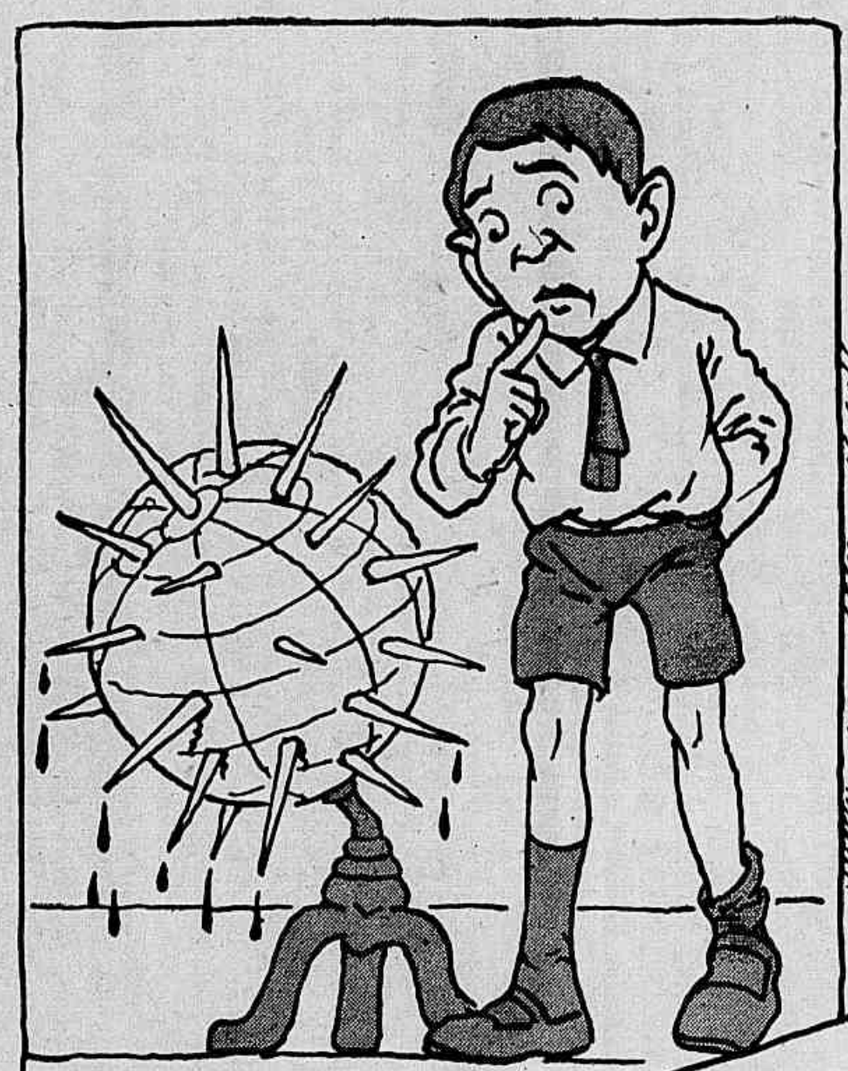
NOVO TRATAMENTO

O tratamento mais eficaz e seguro que a medicina tem hoje em dia para os **ataques nervosos ou epilépticos** é o que se faz com **MARAVAL** – solução. Este poderoso medicamento, graças à feliz combinação de elementos opoterápicos e vegetais de sua fórmula, restitue em pouco tempo a saúde, a alegria e o sossêgo aos doentes. **MARAVAL** – solução – é verdadeiramente o tratamento racional e cientifico dos **ataques nervosos e epilépticos.**

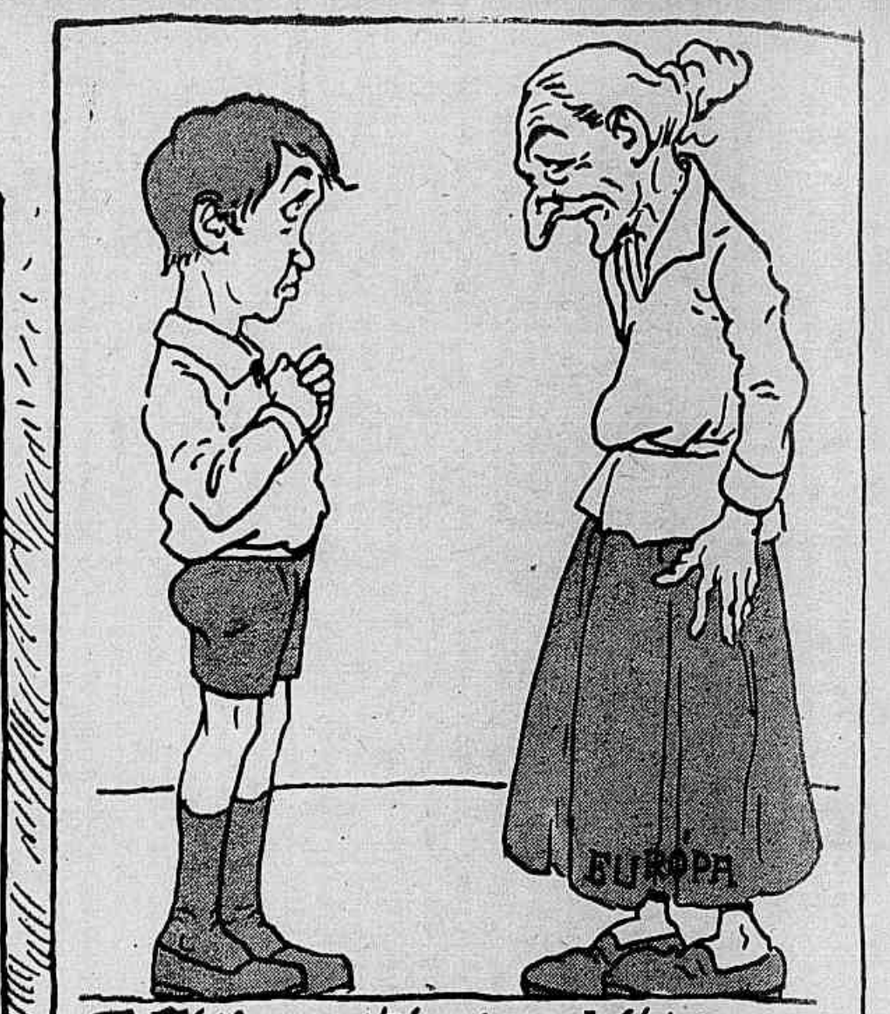
Não encontrando **MARAVAL** – solução – nas Farmácias e Drogarias, escreva ao Depositário, Caixa Postal 1874, São Paulo.

MARAVAL

EIS TUDO!...

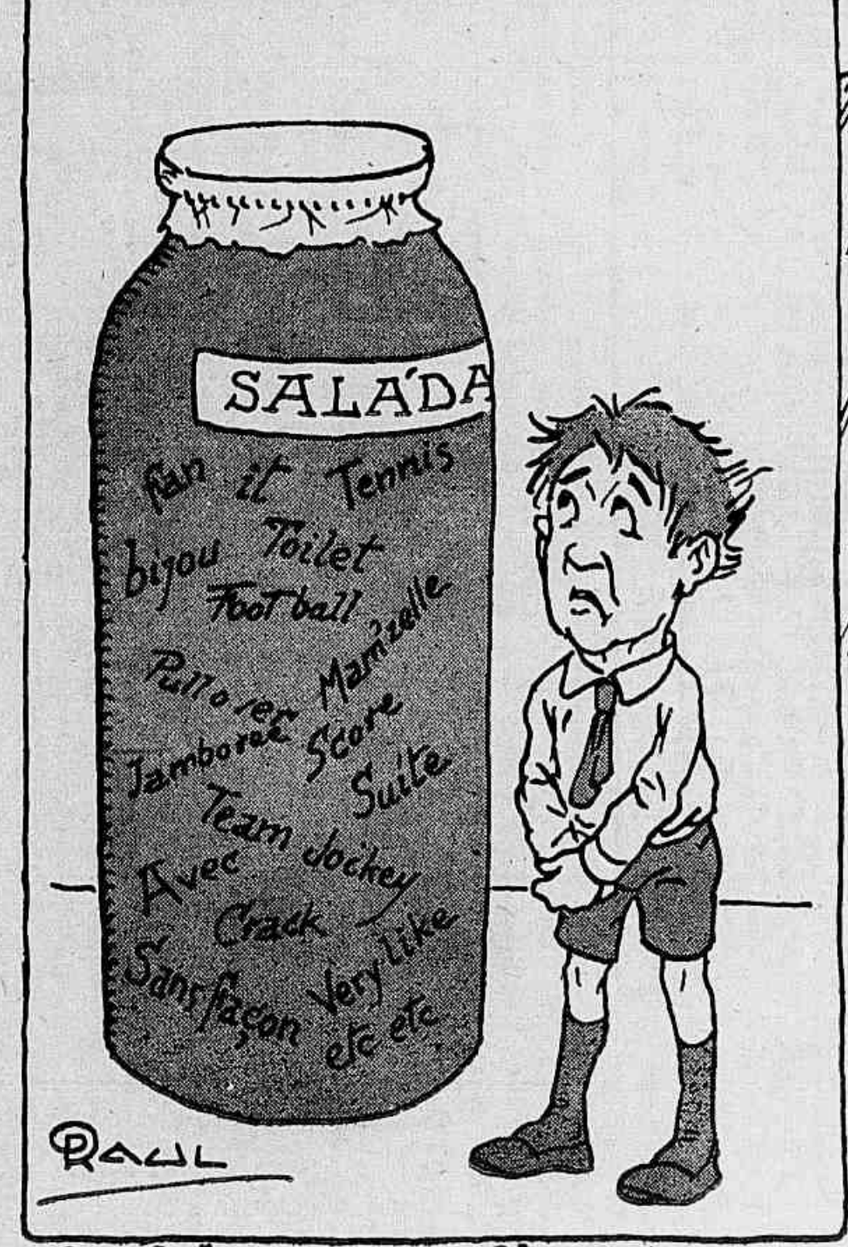


A Geografia está difícil

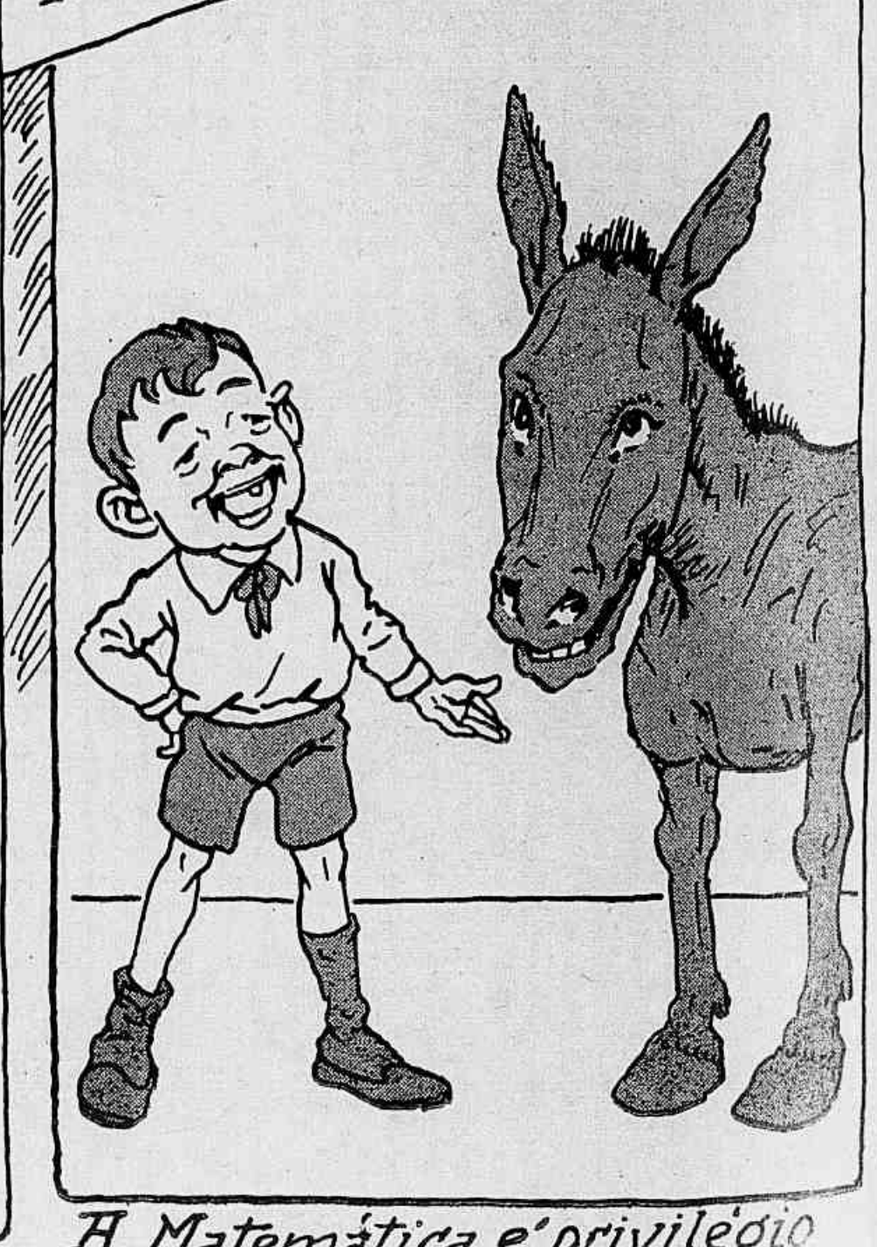


A Física está esquelética

A História é uma legenda



O Idioma é conflagrado



A Matemática é privilégio do já famoso «Canário»...

"No espaço de uma manhã"

O avião passou entre nuvens, roncando. Taúl olhava-o atentamente. A mãezinha chamava-lhe a atenção para o perigo a que se achavam expostos os tripulantes da aeronave em vôo.

Não havia perigo, contestava o jovem. Perigo, por que?

E mãezinha explicou-lhe o porquê e as suas causas.

E o jovem sorria. Mãezinha ainda se impressionava com a morte... Era muito mais digno, muito mais belo, morrer-se com os nervos vibrateis, num avião a cair do alto, do que estirado numa cama, cercado de parentes a chorarem. Na cama tem-se a idéia do vencido, do desgraçado, do miseravel perseguido pela dispnéia, ás vezes cheio de coragem mas, ainda assim, inspirando sempre compaixão aos outros... Ora, mãezinha! Demais, a morte não escolhe lugar: a gente rende alma ao Creador debaixo de um bonde, de um automovel, o que é muito mais triste, em cima de um leito, o que é muito mais complicado, como dentro de u'a máquina voadora, ainda conservando no ouvido a canção das hélices que feriam o éter, lutando heroicamente com o motor para evitar a inércia, manobrando o leme para uma aterragem feliz, quando, em certos casos, é tudo inutil.

Era mais um aviador, sentenciava a pobre mãezinha... Que não deshonraria os seus, concluia o jovem.

◆

Taul viu-a passar perto de si e, sorridente, mrumurou:

— Linda!

Linda, pois era êste o seu apelido, sem que o soubesse êle, olhou-o de relance, tomou aspecto severo e seguiu o seu caminho.

Entrou pouco adiante em casa de boa amiguinha a quem fôra visitar e, levando-a por vontade até á janela, indagou se conhecia aquêle...

Continuava Taul na esquina, á espera de alguem.

Não o conhecia? Era possivel, porquanto viera, fazia poucos dias, de outro arrabalde, afim de tomar banhos de mar; por isso, ainda era pouco conhecido em Copacabana. Aquêle era o poeta de **Folhas Perdidas**. Não lera o poema? Uma preciosidade. Era quasi desconhecido o livro, sem saber por que, pois maravilhava a sua produção. Se Linda o quisesse ler, teria imenso prazer em lho emprestar.

Aceitou o oferecimento. Leu todo o livro. A leitura espertou-lhe a sensibilidade: poesia verdadeira, bem inspirada, muito acima das coisas vulgares; versos de bom gosto.

No segundo encontro, nada murmurou Taul. Tirou o chapéu, cortêsmente. Sorrindo, Linda baixou a cabeça por cortesia, para corresponder ao cumprimento.

Dai em diante, viviam procurando um ao outro. Ela estava encantada com o talento dêle; êle fez-se cativo da beleza dela. Contudo, não havia oportunidade de se falarem.

Festa em casa da jovem amiguinha. Convidado, Taul compareceu. Lá se achava Linda, muito elegante, uma gracinha, uma pintura.

Fizeram ótima camaradagem. Eram ambos intelectuais. Pareciam amigos de longa data. Convenceram-se de haver nascido um para o outro.

Amavam-se. Encontravam-se agora todos os dias. Conversavam todas as vezes. E, uma vez, disse Taul, pois nada havia dito ainda sôbre a simpatia que lhe inspirava a mimosa senhorita:

— Gosto muito de você, Linda!

E Linda, a sorrir:

— Assim, tão subitamente, sem uma preparação prévia, você me ataca!...

— Disse-o apenas para lhe certificar a minha profunda afeição, porquanto os meus olhos já veem dizendo, há dias, o que ora lhe afirmo.

— Os seus olhos falam uma linguagem adornada de flores.

— Já presenciei que me vê com os olhos da alma. Já me convenci de lhe ganhar o coração.

— Este pertence-lhe.

— Muito obrigado, Linda. Gosto ainda mais de você por me falar sem dissimulações. Adoro a sinceridade.

— Tinha eu certeza de você gostar de mim; sinto a mesma coisa por você; para que, pois, negar o que está claro como a luz meridiana? Por falar nisso, que horas são no seu relógio?

— Meio dia em ponto.

— Estou atrazada. Devia achar-me no dentista ao meio dia, pois o homemzinho á meia hora sai para o almôço; mas a sua palestra é tão cheia de encantos... Adeus!

— Na cidade? Quero dizer: no centro, o seu dentista?

— Aqui perto.

— Queira-me bem, Linda. Adeus!

— Você, tambem...

Noutro encontro, depois de breve palestra, disse Taul:

— Gosto muito de você, Linda!

— Está ficando você relógio de repetição: é a segunda vez que ouço isso, sem mais nada...

— E' o preambulo. Vou concluir mas, então, cheio de gravidade. Escute lá: quero casar com você. Sim ou não?!

Linda mordeu o lábio inferior. Devera ter-lhe afluido o sangue ás faces; isso, porém, não fôra notado por Taul, porquanto o maquilage não o permitira. Entretanto os olhos dela denunciaram-lhe a perturbação do animo.

— Nada me responde? insistiu o jovem.

— Vejo-me em dificuldade para lhe responder com a brevidade desejada por mim e por você.

— E' só você quem resolve o caso.

— Sei. Não obstante, tenho, felizmente, a quem dar satisfação dos meus atos. O caso é tão sério que o não devo resolver sem conversar com os meus pais.

— Está bem. Vamos mudar de assunto. Vou dar-lhe uma nova sensacional: obtive o **brevet** de aviador.

— Poeta voador... Que perigo!

— Não faça jogo do meu esporte... Tive, até hoje, duas paixões fortes: você e a aviação!

— Belo! Muito bem. Havemos de dar bonitos passeios aéreos.

— Domingo, entre dez e onze horas, passarei por seu apartamento, e pretendo dar-lhe adeus do meu avião. Hei de baixá-lo até que você me reconheça.

— Está certo. Vou esperá-lo com ansiedade.

Pareciam anjos da principal jerarquia na ditosa e tranquila morada dos bemaventurados: tanta felicidade..!

◆

Taul era rico. Havia convencido mãezinha de o deixar em paz com a sua carta de aviador. Tambem lhe havia prometido ser muito prudente. Falava sempre em conduzi-la a S. Paulo pelo ar. Era uma hora e tanto de viagem. Que delicia, hein... Iriam almoçar em S. Paulo e viriam jantar no Rio. Tinha êle uma irmã casada na Paulicéia, e a mãezinha não desgostaria ver quasi todos os dias a querida filha, ausente.

Taul tinha um rival, jovem tambem rico e amador do mesmo esporte, havendo ambos recebido a carta de aviador no mesmo dia. Ficaram bastante camaradas.

O rival jurou que Linda não se casaria senão com êle. Ela, entretanto, desde pequena, tinha-lhe ódio: não suportava o seu orgulho, os modos rusticos, a sua **proa**, como dizia, de **granfino!** Que diferença entre a bondade humilde de Taul e a soberbia insolente do outro! Cada vez mais o detestava.

Como acontecia a Taul, ignorava o rival a intimidade dêle com Linda.

Aquêle convidou êsse a tripularem os dois o seu biplano Jungmann no domingo. Queria passar pelo apartamento da noiva afim de êle lhe dar adeus do avião.

Era boa a idéia, adiantara o rival; mas, por causa dos outros arranhacéus, tornava-se dificil a pretensão dos noivos.

Sem audácia, Santos Dumont não tentaria enfrentar o gigantesco problema do **mais pesado que o ar** para receber, entre aclamações calorosas das multidões, o prêmio da justa consagração mundial, contestara o poeta aviador.

Quando iam guarnecer o aparelho, disse Taul ao companheiro a rua onde morava a noiva, o numero do edificio, o andar. Ela, porém, aguardaria a passagem no terraço.

De cólera estremeceu o rival... "Linda! Seria mesmo?..." E ofereceu-se para pilotar a aeronave: com a comoção do adeus á noiva, poderia o outro desgovernar a máquina.

Taul cedeu. Tinha confiança na técnica aviatória do companheiro.

As hélices puseram-se em movimento. O avião venceu com facilidade os obstáculos do terreno, com segurança desprendeu do solo e partiu a fremir, a cortar os descampados do ar. Ouvia-se longe a farronca do motor.

Ao chegar á rua indicada, o piloto fê-lo descer, quasi arrastando as asas no arranha-céu, e, em breve instante, os noivos viram-se, riram, e saudaram em alta voz: **Salve! Salve!**

O rival ficou cego de paixão. Dominava-o a cólera. Febril, o audaz piloto a modo ensaiara um **slip** lateral e, após feliz manobra, alçou o vôo, logo aprumou a máquina e fê-la em seguida subir vertiginosamente. O altimetro ultrapassara o **um** da escala e ia alem de mil metros. Depois, parecia haver subitamente paralizado o avião, continuando apenas o propulsor a girar brandamente. Em sguida, se arrojou lá de cima, como que em parafuso; mas, dai a pouco, vinha como pássaro ferido cair ao solo, e esbarrondou num baldio.

Ambos sem vida, foi encontrado Taul na posição de quem lutava por tomar a direção do aparelho.

Linda, que no meio do povo conseguiu chegar bem perto, reconheceu o companheiro do seu noivo; e ela, unicamente ela percebeu a causa... e guardou o segredo da tragédia.

◆

Como as rosas de Francisco Malherbe na Ode a Dupérier sobre a morte de sua filha **Et, Rose, elle a vécu ce que vivent les roses, L'espace d'un matin"** os sonhos de Taul — sonho de esporte, sonho de amor tiveram o seu ciclo rápido e fugaz no espaço de uma manhã.

Diario de Noticias

O jornal dos bairros residenciais

Ninguem póde hoje viver, na cidade como nos campos, sem um mínimo de conhecimentos sobre os factos de cada dia, sobre os progressos econômicos, científicos, artísticos, sociais. Quer isso dizer que ninguem pode hoje viver sem a permanente companhia de um criterioso e moderno orgão de informação.

Faça do

Diario de Noticias

o seu jornal

O Matutino de Maior Circulação do Rio de Janeiro

◆ ◆ ◆

A SEMANA QUE PASSOU

(DE SEGUNDA A DOMINGO)

O momento internacional continuou a ser a convulsão que vem devastando a Europa há dois anos.

A reação russa reafirmou-se, impedindo que os alemães se apoderassem de Moscou e fazendo derivar, de certo modo, o ímpeto dos invasores para o sul, com a possivel tendência para a creação de um novo **front** no Cáucaso.

As relações entre os Estados Unidos e o Japão, ao que parece, agravaram-se, sendo mais raras as ligeiras intermitências otimistas que vêm protelando o desfecho trágico. As previsões mais avisadas não distinguem índices lisonjeiros na aparente contemporização, e dão como inevitavel o embate dos dois povos.

A nota culminante da semana ainda foi a execução dos reféns pelos alemães. Sobe assustadoramente a cifra dos que são imolados, com culpa ou sem ela, na França, na Tchecoslováquia, na Sérvia, na Polônia. Todos os prisioneiros políticos belgas foram considerados reféns; na Sérvia, foram fuzilados duzentos homens, por causa da morte de um soldado alemão; na Polônia foram sacrificados trezentos operários que se negaram a trabalhar para os alemães; na França perdurou o panorama terrorista e as execuções multiplicaram-se.

Deve haver em todas as conciências um natural sentimento de reprovação a esse horroroso e quase inacreditavel estado de cousas.

◆

CAMPEÃO DA SORTE

Em Múrcia, na Espanha, um cavalheiro conseguiu um **record** de sorte na loteria, obtendo, em menos de um ano, o milagre de sete prêmios. As notícias especificam: o homemzinho tirou dois grandes prêmios, dois segundos, um terceiro e mais dois outros de importância menor! E tudo isto sem esforço, porque não andou atrás da sorte... Foi esta que o procurou, oferecida, ao acaso, pelos vendedores ambulantes.

E dizer-se que há no mundo gente moça que chegou à idade madura, envelheceu, comprando sempre bilhetes de loteria e jamais logrou prêmio algum!

O seu dia chegará... Mas não chega! Porque há açambarcadores que pluralizam o vaticínio, e para os quais os seus dias chegam sempre.

Sete vezes em um ano!

Entretanto, Jacob serviu de pastor sete anos e não conseguiu a Raquel...

Bem diz a frase popular: quem é bom já nasce feito!

◆

O ALGÔZ DAS CARNAUBEIRAS

Foi há pouco condenado, e com justiça, um indivíduo que se votou a uma verdadeira devastação das carnaubeiras do Ceará, para obtenção de uma área destinada a uma praça de esportes. Não só lhe impuzeram multa, como o confisco das lindas e sugestivas palmeiras abatidas.

E' notório o sofrimento do Ceará, como de outros trechos do nordéste brasileiro, em razão das impiedosas estiagens. Tudo o que se tem feito no sentido de minorar esse grande mal é orientado para o reflorestamento e a açudagem. Pois precisamente em logar onde se deveria intensificar o reflorestamento é que aparece esse exemplo lamentavel de dendrofobia...

A carnaúba repete na série vegetal a utilidade de exemplares da série animal. Não lhe bastando o cognome de "árvore da vida" que Humboldt lhe conferira, houve alguem que lhe deu outro apelido eloquente: "boi vegetal". E a mão sacrílega do devastador da flora indígena elegeu para o sacrifício exatamente a carnaubeira!

O caso concreto deveria ser imitado, no que diz respeito à condenação, no país inteiro, onde são em legião os inimigos das árvores.

Pois se no Rio de Janeiro um proprietário não pode, arbitrariamente, abater uma única árvore do seu terreno, como conceber-se no nordéste, em plena zona de flagelos, a faculdade de eliminar centenas de carnaubeiras?

◆

A CHUVA INÉDITA

Os poetas, ampliando o fenômeno das estrelas cadentes, teem visto chuvas de estrelas... O mundo todo sabe que tem havido chuvas de toda sorte, desde a do maná bíblico que alimentou os judeus no deserto, à dos gafanhotos... Entretanto, nunca se ouvira falar de chuva como essa que caiu sobre a cidade norte-americana de Oklahoma: uma chuva de petróleo!

No primeiro momento, o estranho caso comportou duas apreciações, diametralmente opostas.

Que perigo! Iria a cidade inteira arder, por acaso? E suspendeu-se o tráfego e foi cortada a corrente elétrica, tudo por iniciativa prudente do corpo de bombeiros, para evitar o natural irrompimento de incêndios.

Por outro lado, que sorte! Duraria muito a chuva? Traria ela, como consequência, o conjuramento da crise mundial de combustivel?

Era o céo que mandava, espontaneamente, o petróleo que é, a tanto custo, extraído das entranhas da terra...

Entretanto, passado o instante da surpreza, foi apurada a causa da chuva inédita: motivara-a o jacto fortíssimo de um dos poços de petróleo próximos da cidade!

Quanta gente exultou, vendo o perigo afastado! Quanta gente ficou triste, vendo extinguir-se a "mina" inesperada!

Bem havia dito Goethe, pela bôca de Werther: "Como é dificil entendermo-nos uns aos outros"!

◆

CÃES DE GUERRA

O informe vem de Berlim, anunciando que os russos ensinaram os cães a entrar na guerra.

Como?

De maneira muito simples. Previamente amestrados, esses cães, cujo número alcançou várias centenas, foram providos de selas carregadas de explosivos e, na região da Ucraina, lançados sobre as linhas alemães, contra os **tanks**. **Si non é vero...**

Mas, adianta a notícia, nem um só **tank** foi destruido, tendo os russos perdido a opulenta matilha numa experiência que falhou por completo.

Não há elementos para poder-se dizer si há tantos cães na Rússia como os havia na Turquia, que merecia, por isso, o cognome "Paraiso dos cachorros"... Admitindo-se, porém, que toda a canzoada moscovita tenha sido empregada nessa singular ofensiva, e não haja mais cães na Rússia, terá de restar aos moscovitas o recurso da adaptação à guerra do velho provérbio: "quem não tem cão, caça com gato"...

◆

NOMES QUILOMÉTRICOS

O Ministério da Agricultura da Inglaterra, tratando do saneamento de pântanos em Nova Gales, referiu-se a uma certa localidade de nome arrevezado. Errou, porém, na citação do nome...

Em verdade, o nome é simplesmente fantástico, contando cerca de sessenta letras!

Bem poderia ser transcrita essa palavra, mas... se o Ministério errou, porque não errariam os tipógrafos da REVISTA DA SEMANA?

O nome é, realmente, desgraçado! Cheio de **ll, yy, ww,** etc., numa dansa de atordoar. Não haverá no mundo quem, sem treinamento especial, possa escrevê-lo corretamente, a não ser copiando letra por letra.

Em compensação, aqui no Rio surgiu uma ação civel movida contra um advogado que tem doze palavras no nome, ou por outra, que tem doze nomes! Quase parecido com o de D. Pedro II...

No Brasil já existe a simplificação ortográfica e — é de poucos dias — foi expedida legislação sobre simplificação dos nomes... das estações ferroviárias.

Com um pouco de boa vontade, poder-se-ia estender a lei ao nome do advogado; mas como aplicar a simplificação ortográfica àquele nome quilométrico da localidade de Nova Gales?

◆

UMA ESCOLA NECESSÁRIA

Foi creada em São Paulo a Escola Oficial de Trânsito.

O novo instituto instruirá os condutores de veículos, preparará os guardas do trânsito, organizará a campanha educativa para segurança do trânsito, pesquisará as causas de acidentes, etc., etc.

O programa é vasto e, não se pode deixar de reconhecer, bastante util, mas seria fastidiosa a enumeração de todos os seus pontos.

Há, porém, um ponto que merece destaque especial: é o que se refere à manutenção de um curso permanente para instrução dos candidatos a cobradores de ônibus.

Que achado! Que inveja irá ter o Rio de Janeiro, em breve tempo, dos cobradores dos ônibus de São Paulo!

Porque na capital do país uma das cousas mais notaveis é a grosseria desse indivíduos cujo trabalho consiste em tratar com o público. E' quase um mal sem remédio!

Vamos ver os resultados que dará a Escola Oficial de Trânsito da Paulicéa, embora estejamos certos de que ela, nesse particular, seria desnecessária, si por acaso os cobradores de ônibus, sem pisar em escola alguma, tivessem "tomado chá em pequenos"...

Rigadin.

OUTROS RIRAM...

O micróbio: — Dá-me um beijo, querida.
Sua esposa: — Agora não. Não vês que nos estão olhando?

— Porque bebes isso? E' preciso que tomes uma resolução.
— Bom: serve-me uma resolução com um pouco de soda.

— E que faria você se lhe désse uma nota de cincoenta mil réis?
— Olharia bem para ela... para vêr se era falsa.

O empregado novo: — Aqui está a soma: calculei-a sete vezes...
O chefe: — Felicito-o por sua prolixidade.
— E cada vez o resultado foi maior.

ORGANDY
DE BAZIN

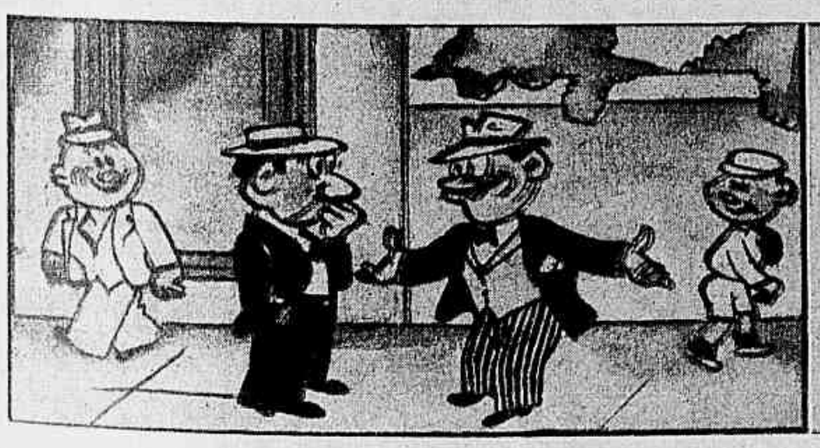
Os perfumes têm, como as artes e as letras, os seus grandes mestres e as suas obras primas. ORGANDY de BAZIN é a grande obra prima da perfumaria.

A' VENDA EM TODO O BRASIL

Nº 1200
Nº 1201
Nº 1220
Nº 1221
Nº 1222
Nº 1213
SABONETE Nº 1280
BRILHANTINA Nº 1212
PO' Nº 1250
Nº 1200-F
Nº 1201-F
Nº 1202-F
EXTRACTO Nº 1211 C/CX.
Nº 1211 S/CX
Nº 1211-M
EXTRACTO 1210 C/CX. 1217 C/CX.
T. TARQUINO

— O médico disse que dissolvesse o vinho na agua; duas gotas dagua não é muito para começar.

— E fique sabendo. Quem não é capaz de se fazer entender é estúpido. Entendeu?
— Não, meu sargento.



— Há dois mêses te emprestei cem mil réis; disseste que era por 24 horas.
— Pois juro que assim foi: voaram no mesmo dia.

— Como? cégo e lendo o jornal!
— Senhora, já terminei minhas oito horas de trabalho; agora tenho direito a distrair-me um pouco.

— Como vê, minha silhueta não mudou em dez anos.
— Em absoluto; apenas está um pouquinho mais grossa.

— Por que comprou esse berço, com os pés tão altos?
— Porque assim, se o menino cair de noite... ouviremos o barulho.

— Por que é que você anda dizendo a toda a gente que eu sou um idiota?
— Pensei que você não fizesse segredo.

— Aqui está o bife, doutor.
— Mas feche a janela, quando não a aragem é capaz de o levar!

— Não foi como eu acabo de dizer que você cometeu o crime?!
— Não, senhor. Mas a sua idéia não é má. Experimenta-la-ei da proxima vez.

LIVROS NOVOS

DONA MAROCAS, contos de DORYOL TABORDA — Rio de Janeiro, 1941.

São histórias ligeiras, contadas num tom natural, quasi sempre jovial, de quem não pretende crear uma filosofia nem estabelecer qualquer espécie de doutrina. O sr. Doryol Taborda prefere, a ser palmatória do mundo, observar o mundo por alto, nas suas belezas e nas suas misérias, nas suas grandezas e nas suas vilanias, dizendo depois acerca de tudo isso o que aprendeu em indivíduos vistos mais ou menos de perto, ao acaso das relações mundanas. Assim estes personagens dão a impressão de ter existido de facto e estes casos, de fundo grave ou anedótico, parecem "acontecidos".

D. Marocas, que dá o título ao volume, não constitue a heroina do primeiro conto nem do trabalho principal. Vem em quinto lugar e ocupa poucas páginas. E' uma cincoentona espaventosa, já com quatro ou cinco maridos... digamos na conciência, e possuida da ansiedade de casar mais uma vez. Para isso se exibe o mais possivel em *terrasses* e casas de chá; inventa enfermidades, para consultar médicos que se lhe afigurem suscetiveis de cair na rede dos seus encantos serôdios; bate a cidade, Diana de nova espécie, á caça do esposo sonhado. E' ridícula, é inofensiva. Quando a gente acaba de ler o conto, tem certa pena dela; mas em breve, sem dúvida, a esquecerá.

——oOo——

EU FUI SECRETÁRIA PARTICULAR DE CHURCHILL, memórias de PHYLLIS MOIR, tradução de *Fernando Tude de Souza*, — Rio de Janeiro, 1941.

Miss Phyllis Moir foi secretária particular de Winston Churchill. Quanto a isso não há a menor dúvida. E mostrou-se excelente secretária, o que tambem é incontestavel. Justamente o livro abre com um atestado do homem que tem hoje nas mãos os destinos da Inglaterra, e bem podemos dizer do mundo — louvando a sua auxiliar e recomendando-a a quem precisasse duma "assistência capaz e confidencial desta natureza". Miss Phyllis Moir não pertence, portanto, à categoria dos biógrafos ou panegiristas que se gabam discutivelmente de haver gosado da afeição ou do íntimo convivio do vulto célebre em questão... A autora do presente volume afirma e prova. Serviu o grande homem não apenas com lealdade e zelo, mas tambem com a mais alta admiração. E tanto assim que, tendo deixado o cargo, sentiu que não podia ser secretária de mais ninguem e se fez definitivamente jornalista.

Trata-se, pois, duma obra tanto quanto possivel observada e sentida. A documentação é viva e direta, os louvores sempre espontâneos. Conforme o tão citado conceito dum gênio, não ha verdadeiramente grande homem para o seu criado de quarto. Mas Winston Churchill fica maior ainda para os que de perto lhe acompanham a existência e lhe assinalam a atividade. E não que possa ser considerado um indivíduo isento de defeitos... De tal modo porém, a inteligência, o carater, o sentimento se lhe afirmam em todos os atos da vida que as suas próprias fraquezas o tornam "esplendidamente humano". Assim diz, no prefácio, o conde de Gosford, e assim miss Moir vai confirmando pelo inteiro.

——oOo——

FRANCE ENDORMIE, recordações e comentarios de FORTUNAT STROWSKI — Rio de Janeiro, 1941.

Um livro francês editado no Brasil. Será, porém, rigorosamente ou exclusivamente um livro francês? O sr. Fortunat Strowski o imaginou, compôs e aprimorou com a sua cultura, as suas ideias, as suas emoções, o seu espirito e o seu sentimento bem franceses — mas já sob a influencia que em tudo isso não podia deixar de exercer o ambiente em que ele desde logo, como repetidamente reconhece, principiou a sentir uma segunda patria. Ao prestigio intimo das saudades — e que bem lhe faz proferir as silabas ou traçar as letras dessa palavra milagrosa! — se aliava já o envolvimento duma atmosfera de paz, trabalho, esperança, de acolhedora, sedutora simpatia. Não se resiste aos efeitos duma hospitalidade em que se gosa, não só a largueza liberal mas tambem a familiar benquerença. E' um livro sobre a França, mas pensado, sentido, realizado no Brasil — e talvez já um tanto ou quanto á brasileira. E assim, em vez de uma, o devemos prezar e amar duas vezes.

O sr. Fortunat Strowski reune em si duas individualidades, sem absolutamente as confundir ou permitir que uma delas, em qualquer momento, exceda, subjugue a outra. Em partes peregrinamente dosadas, concilia o homem de erudição e o homem de gosto. E' um sabio e um artista. E o que na sua obra sobretudo se faz admirar é a medida, a justeza, o equilibrio em que tais faculdades e tais recursos se manteem, tornando-a substanciosa e brilhante, elevada e sedutora. Membro do Instituto de França; professor da Sorbonne; autor, entre numerosas outras obras de vulto e famosissimas, de livros sobre Montaigne, S. Francisco de Sales, Pascal, Montesquieu, o segundo dos quais "coroado" pela Academia Francesa; com toda essa dignidade de pensador e todas essas responsabilidades de triunfador, o sr. Strowski exercia até aos ultimos anos a critica teatral num dos jornais mais ligeiros e mais audazes, do tipo mais *boulevardier: Paris-Midi*. E essas funções, bem diversamente da prosápia pontifical dum Sarcey ou da academica exigencia dum Faguet, ele as desempenhava á ultima hora e sobre o joelho, como um boêmio. Em vez de proceder pelo sistema das ponderadas, sizudas cronicas semanais, este mestre de literatura, de historia e de filosofia corria, após o espetaculo, para casa e, a um canto da mesa de trabalho desarrumada ainda das ultimas pesquizas magistrais, traçava a toda a pressa a apreciação da peça e do desempenho em tiras gatafunhadas que depois enfiava por baixo da porta, para o empregado do jornal, de manhã cedo, as ir buscar. Pois bem: no presente livro: *France endormie*, os dois Strowski se entendem e, melhor talvez que nunca, se harmonizam para a mais ditosa das colaborações.

E' nessa aliança de alto julgamento e comentario surpreendentemente improvisado que o sr. Fortunat Strowski nos vem falar de estadistas, politicos, militares, homens de letras, artistas, aventureiros de alta escola e mistificadores de grande envergadura. A limpidez da sua memoria para reconstituir impressiona tanto quanto o seu poder de observação flagrante; e sobre a intensidade da analise, o traço critico ressalta, com a mais vibrante naturalidade. Tudo é espontaneo e veemente neste singular estilo em que ao conceito profundo corresponde a graça leve, brilha com frequencia a ironia e por vezes surge a positiva mordacidade. E assim é que, pelas duzentas paginas do volume, vemos aparecer e definir-se, entre muitas outras, as figuras de Clemenceau, Briand, Daladier, Pierre Laval e Léon Blum; de Foch, Joffre, Gallieni, Pétain; de Bergson; de Colette, Guillaume Apollinaire, Jean Cocteau, Paul Valéry; dos autores teatrais, diretores e comediantes Henry Bernstein, Sacha Guitry, Jean Giraudoux, Lugné Poe, Gaston Baty, Georges Dullin, Louis Jouvet, Georges Pitoeff; do espião Bolo Pacha e da pitoniza Fraya.

Dá-nos o sr. Strowski a imagem da França adormecida. Não devemos, porém, vêr ali o sono que os esportistas norte-americanos atribuem ao lutador que caiu e perdeu os sentidos. Na sua prostração e no seu martirio, a grande patria sonha com o reerguer e o refulgir de amanhã. E fosse embora aquele dos chamados sonos de morte, não deveriamos perder a fé no seu destino. Como recentemente, num formoso discurso academico, nos dizia Alcides Maya: sempre houve e sempre haverá ressurreições.

O FIM DO MUNDO, romance de UPTON SINCLAIR, tradução de Lúcio Cardoso — Rio de Janeiro, 1941.

E' um dos chamados romances-rios, que, partindo dum veio singelo de assunto, vão engrossando, se vão alargando, sem medida, até acabarem, perdidos no oceano da vida. Dir-se-ia que o autor os não meditou, os principiou sem o menor cálculo; e é como se a obra se desenvolvesse por si própria e forçasse o criador a acompanhá-la, aceitando e reconhecendo como coisa sua quanto ela fosse colhendo, em afluentes, pelo caminho.

Do caso dum rapazinho, filho de norte-americanos mas nascido e criado na Europa, vai a narrativa passando para a guerra de 1914. Ressurge alí a teoria de terem sido os financeiros e armamentistas, como o famoso grego Zaharoff, que prepararam de longe e conseguiram desencadear o conflito. E por entre os episódios, ora do romance ora da realidade histórica, passam numerosas figuras eminentes da política, das letras, das artes, como Clemenceau, Jaurès, Anatole France, Rodin.

A bem dizer, *O fim do mundo* comporta várias novelas que se passam ora em França, ora na Inglaterra, ora ainda nos Estados Unidos. E a leitura é sempre empolgante.

——oOo——

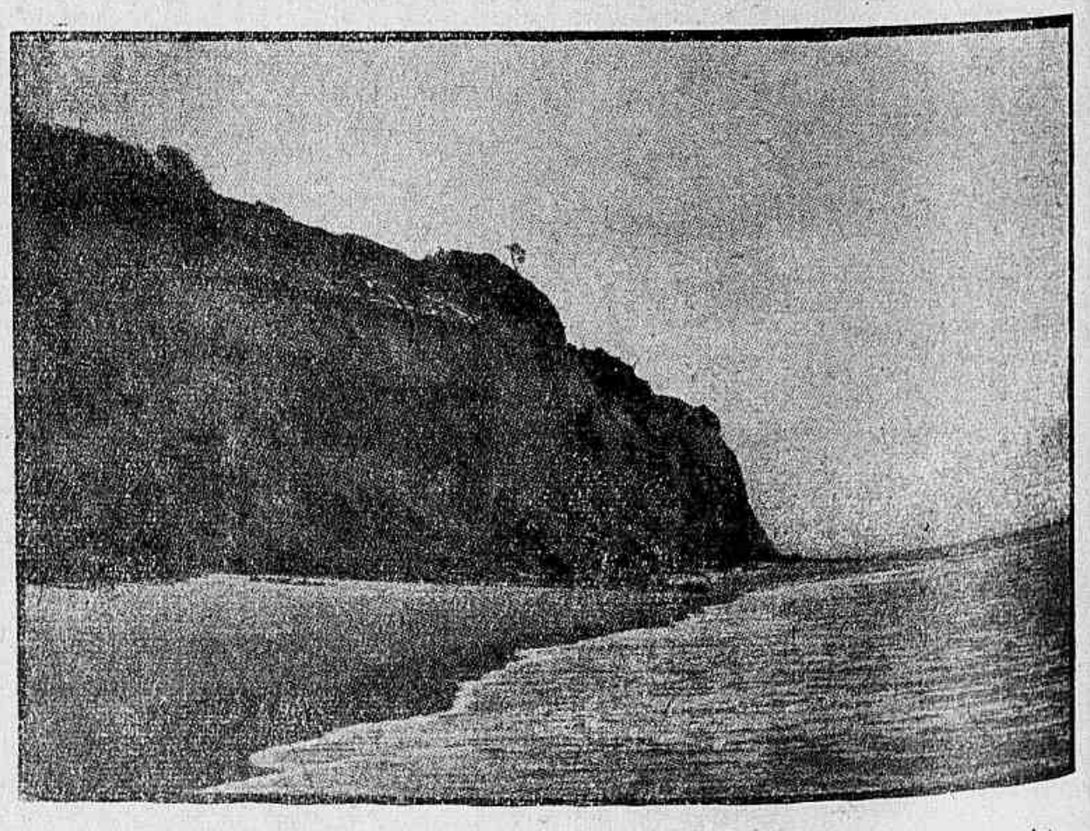
DESENCONTROS, contos de UMBERTO PEREGRINO — Rio de Janeiro, 1941.

O sr. Umberto Peregrino é um escritor evidentemente moço, com indiscutivel talento, destinado de certo a uma situação de primeiro plano nas letras brasileiras. Como novelista, dispõe duma faculdade de observação que vai á expressão mais flagrante e surpreende casos e aspectos novos ou capazes de passar a olhos menos argutos, de menor poder de apreensão, por completo despercebidos. E' o que lhe permite dar ás suas narrativas um interêsse direto, vivo. Lendo-o, a gente realmente vê; e chega a ver coisas bem presentes, bem corriqueiras — mas que ainda não tinha visto.

Infelizmente — para nós, pelo menos — o sr. Peregrino está sob a influência de certos romancistas ou contistas que, para dar a impressão da verdade, julgam indispensavel chegar a pormenores escandalosos e empregar palavras ou frases cínicas. A rigor julgam eles isso imprescindivel ou contam que assim mais rápido e sensacional se tornará o seu êxito? E' uma questão de arte ou de cálculo? A verdade é que alguns se desviam já dos detalhes e das palavradas das primeiras obras, para seguir o caminho por onde leitores de toda a sorte, inclusivamente as senhoras e moças do seu melhor respeito, os poderão acompanhar. Será o caso, amanhã, do sr. Umberto Peregrino? Oxalá!

J. L.

O CABO BRANCO



EXTREMO ORIENTAL DA AMERICA — Os recentes estudos que determinaram ser o Cabo Branco o ponto extremo da America, para Leste, foram realizados por oficiais da Diretoria de Navegação do Ministerio da Marinha. Retificamos, assim, o que está á pagina vinte e três (23) de nossa edição de dezoito (18) de Outubro proximo passado.

ESTE JASMINEIRO...

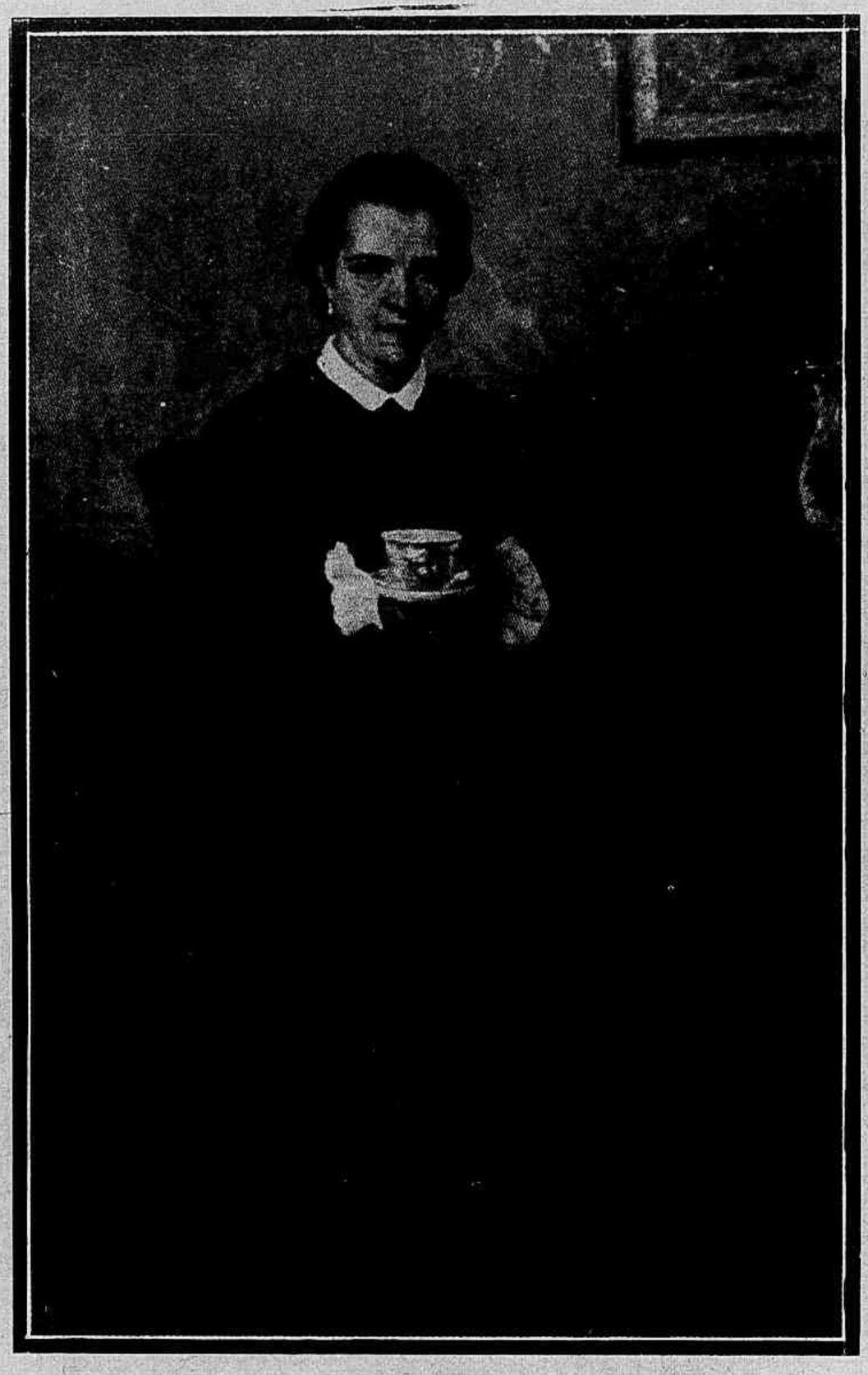
AUTA DE SOUZA

...foi plantado pela poetisa do "Horto". No mesmo recanto da terra potiguar onde Auta de Souza viu a luz do dia, o seu jasmineiro abriu a fronde ...ucada de flôres. A mão delicada que semeara versos impregnados de um misticismo comovente creou uma sementeira de flôres alvíssimas que embalsamam ... quietude de Macaíba. Era aí que morava a poetisa e foi aí, no pomar da sua residência, que o jasmineiro bem fadado cresceu e, atravessando os anos, ...hegou aos nossos dias. A casa de Auta de Souza não poderia deixar de ser lembrada, berço que fôra de uma das mais legítimas expressões da literatura ...o Rio Grande do Norte. Foi, por isso, erigido em Grupo Escolar, instituto de ensino que tem o patrocínio do nome da poetisa sensitiva do "Horto". Mãos cari...hosas rodearam a base do caule do jasmineiro com uma figura simbólica: uma estrela, que bem fala dos céos, tão exaltados nos versos simples e musicais ...e Auta. Essa árvore de pequeno porte, que timbra em vestir-se de flôres, é a vaidade de Macaíba. E' a sua glória, porque fala bem alto da musa potiguar ...ão cedo roubada à vida, arrebatada por cruel enfermidade quando apenas contava vinte e quatro anos.

Auta de Souza finou-se em 7 de Fevereiro de 1901, na capital do seu Estado. Morreu fora do logar onde nascera. Neste, porém, ficou, perpetuando a ...ua memória, o jasmineiro florido que há quarenta anos evoca a figura sofredora da poetisa e faz recordar os seus versos delicados, nos quais vivem, tantas ... tantas vezes, esmaltando-os, de par com outras flôres, os jasmins que teriam de ficar significando um perfume de saudade.

◆ ◆ ◆ ◆

BELAS ARTES



"ANNA NERY" — De Presciliano Silva.

Na obscuridade estetica em que pulula a mocidade dos nossos dias e que, no ultimo salão oficial, trouxe serias inquietações aos observadores da nossa evolução artistica, a exposição de Presciliano Silva é como um jacto de luz a mostrar aos que se agarram ao exotismo de uma falsa tendencia moderna o verdadeiro caminho a seguir.

Presciliano Silva, que vivia até então pelos corredores dos velhos mosteiros da Bahia a estudar e a realizar a sua obra pitoresca, vem de expor no salão da Associação dos Artistas Brasileiros 38 trabalhos, numa deliciosa harmonia de conjunto em que mais uma vez o seu merito de pintor se reafirma para consolo dos que não aceitam aquela alucinação que culminou com um premio de viagem ao estrangeiro, uma grande medalha de ouro e varias medalhas de prata.

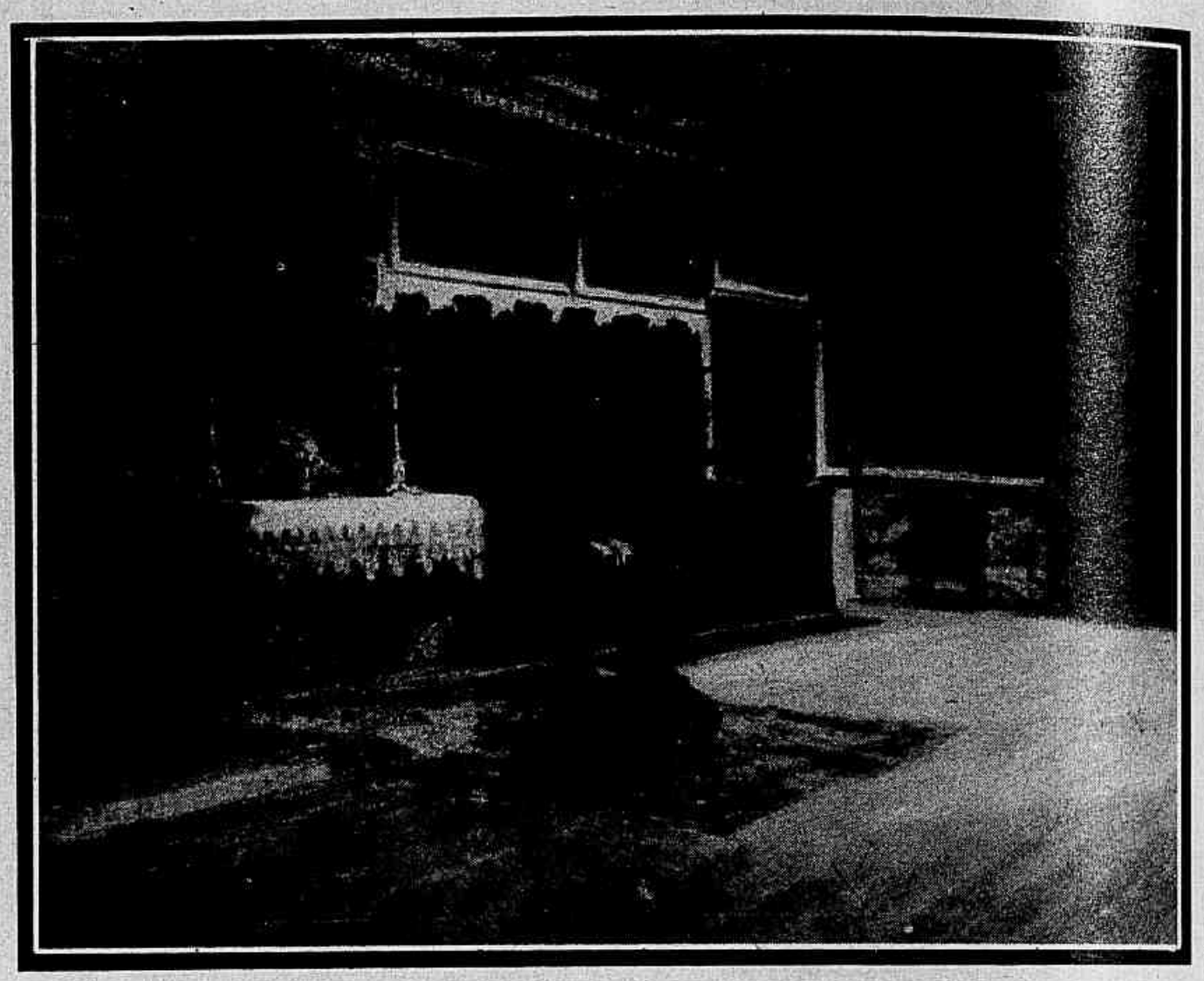
Na uniformidade técnica da sua maneira de pintar, na emoção dos seus motivos, na solidez do seu desenho, o grande pintor baiano, trás ao pensamente brasileiro, no que ele tem de mais empolgante que é a sua expressão artistica, a convicção de que os ensinamentos colhidos naquelas 38 telas poderão desviar da irreflexão os moços que se agrupam em torno dos exitos de Portinari nos Museus de New York.

Com a exposição dos seus trabalhos, Presciliano dá, portanto, sem que para isso pense ter concorrido, uma lição de pintura às gerações novas que parecem temer o estudo.

Em qualquer dos seus quadros ha uma conciencia artistica argamassada com um sentimento de poesia que cada vez mais se distancia das novas e tumultuosas escolas. No retrato como na paisagem, no «interior» como nos quadros de genero.

Da Bretanha ele nos mostra um pouco de vida e de alma bretã; a vida naquele pitoresco e movimentado «Mercado de Concarmeau»; a alma no tipo do «Pescador Bretão» e na expressão daquela pequenina mascara do «Garoto bretão», mascara viva, expressiva, de carnação sadia, irmanados que estão, na pequenina obra d'arte o pintor e o desenhista.

Fazendo o retrato, Presciliano apresenta o de Anna Nery, como indice do seu valor nesse genero. Em que a figura da nossa grande patricia tem na calma do seu olhar uma expressão de bondade que foi a caracteristica maior da sua existencia de sacrificios pelo bem comum.



"MANHÃ NO CLAUSTRO" — De Presciliano Silva.

Não se descurou o artista dos minimos detalhes.

A figura está bem posada e a roupagem de Anna Nery, pintou-a Presciliano com a mesma sobriedade de tons que não colidem com a figura retratada. Há nesse retrato carater, sentimento e volume.

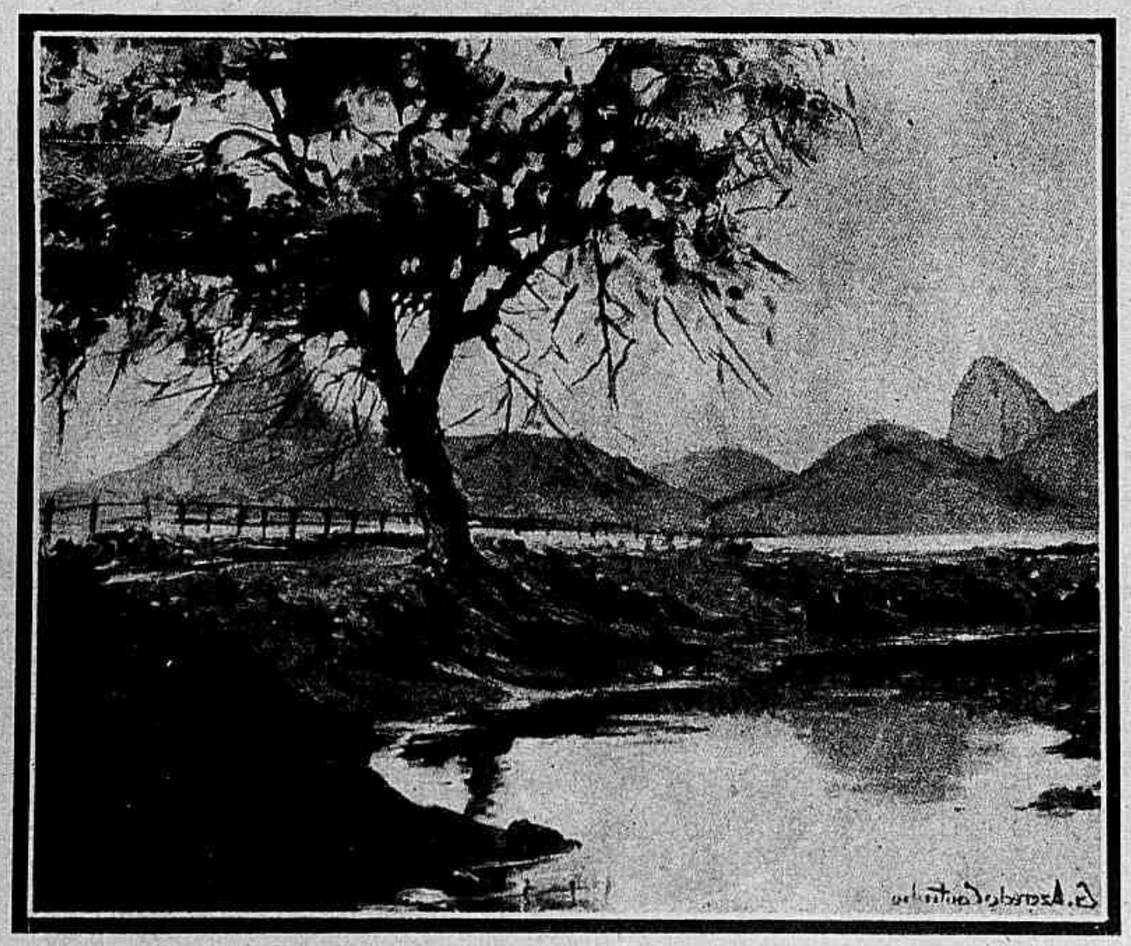
Pintando os motivos religiosos que as velhas igrejas de São Salvador sugerem, ainda o vamos encontrar grande na sua arte, senhor da sua paleta.

Não ha mesmo o que destacar nessa encantadora serie de telas em que predomina um elevado sentimento de religiosidade que nos prende e nos leva á meditação.

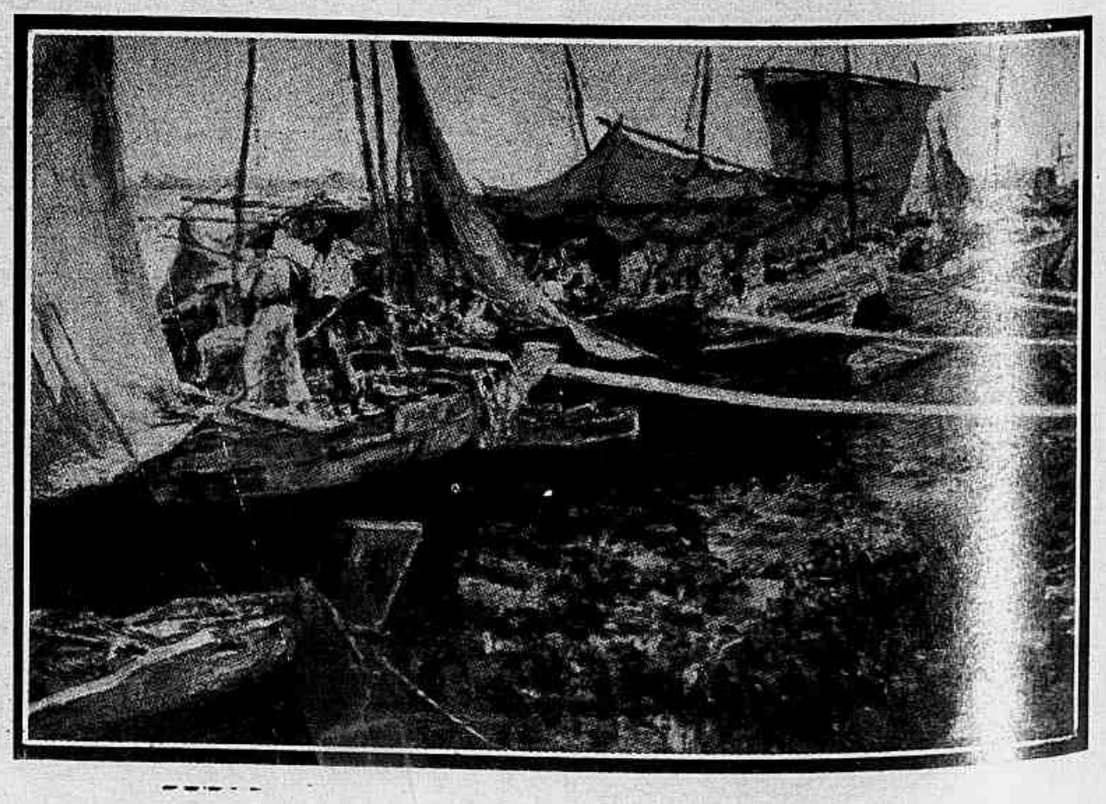
«Raio de Sol», «O Crucifixo», «Manhã no Claustro» e tantos outros quadros pintados nos conventos do Carmo e São Francisco e aquele admiravel «Missa na Sé» fixam a sinceridade do pintor ao interpretar a inspiritualidade sublime dos velhos claustros.

E não repete o artista as suas emoções, pois em cada uma dessas telas ha como que um sentimento religioso proprio, pelos ambientes que diferem entre si, uns mais ricos, outros mais modestos, mas todos sob o mesmo influxo cristão que inspirou a sua creação.

Felizes os artistas que podem, como Presciliano Silva, realizar a sua obra e legar aos moços que se debatem no confusionismo de correntes esteticas estranhas e inconsistentes, através dessa mesma obra, um passado honroso de estudos que valem como um roteiro para a gloria que todos almejam mas que não sabem ainda como atingir.



"MARGEM DO RIO SANTO ANTONIO" — De Azevedo Coutinho.



"DESCARGA DE LENHA" — De L. Maristany.

Da arte emocional de Presciliano Silva aos desenhos das crianças inglesas

Mas si na exposição de Presciliano Silva encontramos uma arte pura e construtiva, na das crianças inglesas deparamos com algumas sensibilidades em esboço e que a vida, dentro em pouco, ha de modelar com mais vigor.

Disso não vamos aqui tentar, siquer, um confronto entre uma e outra, mas a verdade é que, por entre tantos desenhos infantis, muitos revelam uma tendencia artistica digna de atenção.

A diferença de idades entre os pequeninos expositores, por sua vez, não influe na fórma e no espirito dos trabalhos expostos. Ha jovens de 15 anos cujos desenhos são bem mais infantis que os dos menores de 7, o que vem reafirmar mais uma vez o velho conceito de que qualquer manifestação de arte obedece sempre a um determinado temperamento.

Tais manifestações esteticas, mesmo partidas de uma criança, revelam portanto o gráu de vocação de que se acha ela possuida e que lhe deve marcar a róta a seguir quando, na adolescencia, a formação do seu espirito adquirir maior densidade.

Vemos, ou melhor, advinhamos assim, na exposição das crianças inglesas, tendencias para o decorativo, para o retrato, para a paisagem e, em algumas, um certo humanismo doloroso, inspirado talvez pelas contingencias do momento em que a tragedia dolorosa da guerra não pode deixar de ter uma certa responsabilidade.

Os de numeros 99 e 189 fixam, por exemplo, aspéctos dessa catastrofe imensa que ensanguenta a Europa.

O primeiro é a impressão de um «Abrigo anti-aéreo». Na «esquisse» desordenada do pequenino pintor — porque não chama-lo assim? — sente-se o drama daquelas vidas que se procuram salvar do inimigo cruel. Na promiscuidade reinante sente-se a angustia desses dias tumultuosos, o sofrimento que se percebe e que comove.

Pobre pequenino artista este que só vê a dor, a miseria, o terror...

Para ele, parece não haver mais luz nos céus da sua Londres querida; para ele, cujos olhos se deveriam ter aberto para ver a felicidade que a natureza creou para os que a sabem interpretar, naquele subterraneo estão os motivos que a vida lhe oferece para o seu ideal de arte...

O segundo é tambem uma visão do bombardeio da capital britanica.

A propria tonalidade do desenho é uma expressão de dôr, é uma tarja de luto emoldurando a sensibilidade infantil do seu autor.

Trabalho de observação e de movimento é o de n.º 123 — uma rua com o seu tráfego complexo, em que se vêem homens e veiculos e onde o colorista já se faz notar.

Os desenhos 165, 176 e 177 revelam igualmente uma vocação que, mais tarde, poderá evidenciar um artista completo, seguro do seu «crayon».

A exposição das crianças inglesas é, portanto, um album maravilhoso, que marca uma geração que se desenvolve sob tristes prenuncios, é certo, mas que o sofrimento desses dias, que não mais parecem ter fim, parece galvanizar o sentimento artistico que os ha de exaltar ainda mais quando, passada a terrivel tormenta, os homens se compreenderem melhor e puderem, senhores de si mesmo, consagrar os valores que a tortura dos anos de infancia não teve forças para aniquilar.

◆ ◆ ◆

A Sociedade Brasileira de Belas Artes, obediente ao seu programa de ação, reuniu na Associação Cristã dos Moços um grupo de pintores sul-riograndenses.

Merece ser vista essa exposição, pois ela nos assegura a existencia de magnificos artistas.

João Francisco, que nós já conhecemos de exposições anteriores, tem no «Litoral Nordestino» um dos seus melhores trabalhos, com um senso justo de colorido.

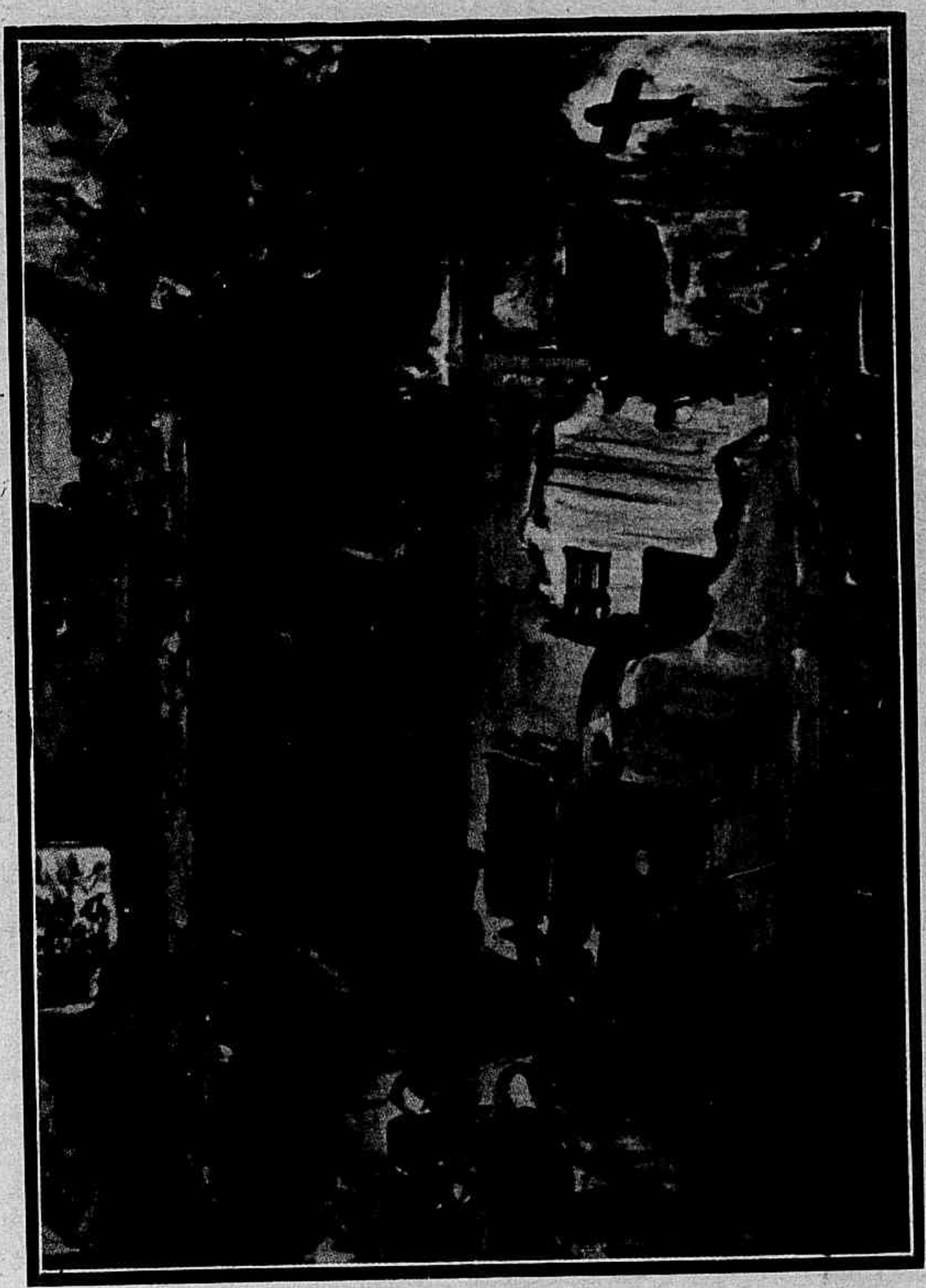
Angelo Guido, em «Margem do Guahiba» e «Barcos com Melancias», é um paisagista forte, dominando pela luz e sabendo dar á agua transparencia e leveza.

«Velha Igreja», de Gerson de Azevedo Coutinho, confirma o valor desse jovem para quem a natureza parece não conter mais segredos.

Luiz Maristany, Leopoldo Gottuzo e João Fabrion são outros tantos pintores que o Sul nos manda e que satisfazem plenamente, não só pelos motivos como pela técnica, onde todos os detalhes são resolvidos com absoluta segurança.

Agrada, portanto, aos que se interessam pela nossa arte, o constatar a existencia no Rio Grande do Sul de uma pleiade brilhante de pintores, libertos felizmente dos grilhões dessa corrente modernista que anda por aí a fingir de arte...

LEONARDO SILVA



Interessante desenho das crianças inglesas.

Um dos desenhos das crianças inglesas, em exposição.

Outro desenho das crianças inglesas.

Sua Senhoria e nós

Ao declinar-lhe a nossa qualidade de jornalista, sofremos uma decepção. Esperávamos despertar certa sensação, certo alvoroço de júbilo. Contávamos como certo que, embora gosando já Sua Senhoria largamente dos favores da publicidade, a nossa intervenção o lisonjeasse, como mais um fator de divulgação e por conseguinte de glória. E levávamos preparadas as frases com que, rendendo-lhe homenagens iguais, pelo menos, às dos outros homens de imprensa, lhe provocaríamos novas revelações... Tudo ilusão. Sua Senhoria não mostrou a mais ligeira satisfação em nos receber. Pareceu-nos até observar justamente o contrário. Iamos jurar que, apesar dos esforços empregados para manter os seus foros de cavalheirismo e distinção, Sua Senhoria abanou as orelhas. E a sua perna esquerda acusou uma impaciência, um nervosismo que não podia obedecer a outro movimento íntimo senão o desejo de nos repelir...

Não era, porém, a primeira vez que a nossa missão de entrevistador de vultos notaveis encontrava semelhantes hostilidades. Ficámos de sobreaviso, sim, mas sem nos lembrarmos, nem por sombras, de desistir. Até nos aproximámos, para mostrar uma serenidade, uma confiança absoluta; e, embora olhando de soslaio a perna irrequieta, ansiosa por se erguer e recuar com violência, levámos a hipocrisia ao ponto de afagar o pescoço entroncado e um tanto convulso do preclaro solípede. E então o ouvimos positivamente exclamar:

— E' inutil! E' inutil!

Oh, prodígio! oh, assombro! Sua Senhoria falava como nós! E de certo pela primeira vez para ouvidos simplesmente humanos! Com efeito, nenhum dos colegas — colegas nossos — que nos precederam na romaria àquela entidade insigne trouxera tal informação. Assim nós prevíramos que Sua Senhoria se pronunciasse, como até agora, pelo processo espiritista das pancadas ou, quando muito, por sinais, ponto e traço, do telégrafo Morse... Mas que, além de tão espantosas faculdades, a alimária famosíssima possuisse a da locução... em vernáculo — isso, nem que todas as autoridades científicas, todas as universidades no-lo atestassem, jamais o acreditaríamos. No entanto, era a pura verdade. Dando ao tom de voz a possivel brandura e não pouca humildade, insistimos:

— Mas por que? Teria eu incorrido, bem contra o meu propósito, no desagrado de Vossa Senhoria? Cometeria acaso, em tão pouco tempo e sem dar por isso, algum ato capaz de me tornar indigno da sua benevolência? Dar-se-á...

Mas o insigne personagem, que nos últimos segundos agitara freneticamente o rabo, não se conteve:

— Basta, homem de Deus! Pessoalmente não me fez coisa alguma; nada tenho contra o senhor, e continuo até sem saber quem seja. — Iamos declinar o nome; novamente Sua Senhoria, sacudindo o magro apêndice posterior, atalhou: — E' escusado. Fulano ou Sicrano, pouco me importa. O que me importa e imensamente me tem aborrecido é a corporação, a classe. Estou farto de *interviews*. — Até inglês o eminente muar sabia! — Os seus confrades atribuem-me tantos dons maravilhosos que já me custa distinguir os legítimos dos emprestados. Elevam-me às nuvens, onde até agora nenhum quadrúpede havia subido. Está claro que me refiro a entidades reais e não aos cavalos do carro de Apolo nem a quaisquer outras alimárias mitológicas... Calígula fez do seu cavalo um consul; os jornalistas cariocas converteram-me em nada menos que um semi-deus. Ou até uma divindade inteira! Proclamam a minha capacidade divinatória. Afirmam que descortino o pensamento dos homens, sei de cór o seu passado, leio, como num livro aberto, todo o seu porvir. Falam uns de vidência; outros me dizem iluminado; entendem outros de me incluir na estirpe autêntica dos profetas... E, para atender à amplitude e variedade das minhas aptidões, não falta quem me considere a reencarnação dum filósofo como Platão, um historiador igual a Herodoto, um poeta rival de Homero, senão ele próprio... em suma: os sete sábios da Grécia, reunidos pela lei aperfeiçoada da transmigração das almas, numa só cavalgadura!

Calou-se um momento, com as narinas franzidas por uma hilaridade desdenhosa. Chegou a soltar uma espécie de casquinada, uma escala cromática entre o relincho e o orneio, mas evidentemente de troça. Depois, já sério, compenetrado:

— Não nego, note bem, a excelência das minhas aptidões! Nenhuma forma de modéstia bastaria para encobrir ou disfarçar a minha superioridade. Tudo, porém, o que digo ou faço se contém nos limites da inteligência e do esforço bem orientados e aplicados a preceito. Nada de sobrenatural. A nossa família zoológica tende espontaneamente para a sublimidade. Diversamente do *equus asinus*, de Linneu, embora se nos dê a mesma designação corrente de "burro", caracterizamo-nos por um atilamento especial, supremo, que nos não vem do lado paterno nem do materno e que só a nós legitimamente pertence. Dizem que, por descender de duas raças diversas, não temos raça própria... Que importa, si a uma e outra daquelas desmedidamente nos avantajamos? Pela maneira como as fundimos, damos-lhes a máxima, a suprema expressão. Em nós o hibridismo se torna requinte, nobreza. E o nosso único mal consiste em não fazermos caso disso. Somos despretenciosos até ao desleixo. A nossa falta de ambição fez-nos andar, até agora, puxando carroças ou servindo de montaria, e sem que a miséria de qualquer dessas situações nos afligisse ou revoltasse. Contanto que nos dessem o milho de cada dia, estávamos satisfeitos. Conformados, pelo menos. Eu mesmo, confesso, nunca me havia lembrado de sair desta alternativa: besta de tiro ou besta de carga. Chegou, porém, o dia em que os olhos se me abriram para a mais deploravel das realidades. O nosso préstimo e por consequência o nosso prestígio minguavam de dia para dia. A eletricidade e a gasolina nos substituiam cada vez em maiores proporções. Não tardaria o momento da nossa completa inutilidade. E, então, que seria de nós? Que seria de mim? Não podia contar com a aposentadoria. Não me estaria reservado o destino, por exemplo, dos cavalos de corrida que, uma vez invalidados para o esporte, nem por isso ficam imprestaveis. Não me assistiria o recurso, nem sequer a hipótese, de constituir família... Resolvi então adquirir habilitações que me pusessem ao abrigo de maiores calamidades, como, por exemplo, a de ser reduzido a simples couro. Precisava de agir, defender-me, inventar qualquer coisa de providencial. O senhor já soube, mas bem a sério, bem a valer, o que fosse necessidade?

Não ousámos responder que sim nem que não. E em verdade nem Sua Senhoria nos deu tempo para isso:

— E' a melhor das mestras. Ensina tudo. Faz de qualquer de nós um heroi, um sábio, um poeta, um taumaturgo e até as quatro coisas juntas. Já Voltaire, sempre inspirado, rimava:

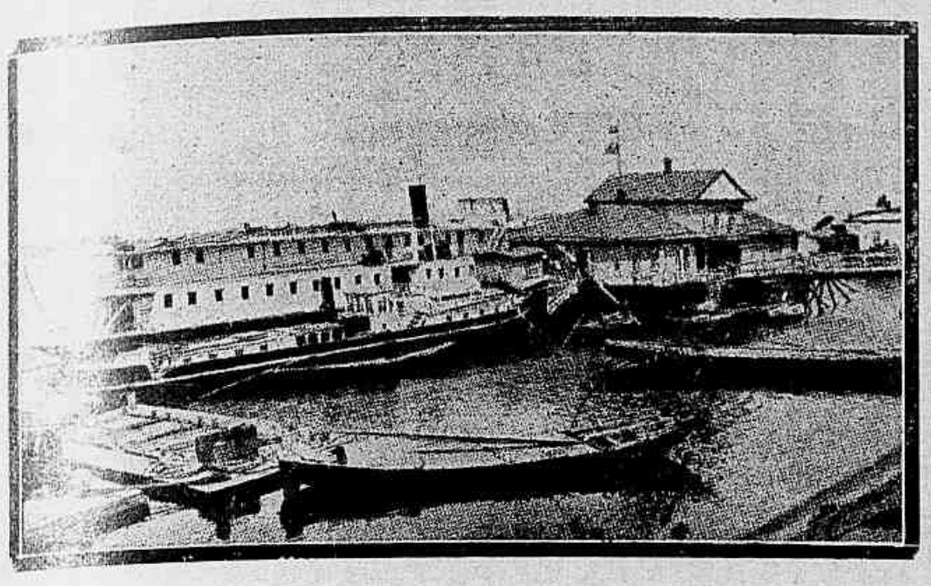
> Oui, la nécessité rompt toutes les barrières;
> Tout se tait à sa voix, ses lois sont les premières.

...E' à necessidade que se devem todos os progressos, escreveu o grande argumentador, grande polemista Emile de Girardin. E mais ainda: A necessidade é a condição soberana da vida, como disse... Digo-o eu próprio. Assim, tratei, em primeiro lugar, de me dar umas tintas literárias; passei depois a aprender rapidamente a aritmética, a álgebra, toda a matemática. E combinei por fim esses elementos de sapiência com a arte de ler nas fisionomias humanas e penetrar os carateres como os sentimentos. Basta-me, portanto, olhar um dos senhores para saber quantos anos tem; o dinheiro que traz na algibeira; as idéias ou os disparates que lhe andam na cachimônia et cetera, et cetera. Nada mais simples, para mim. No entanto, é isto que a tantos cavalheiros de ilustração e situação muito acima do comum surpreende e assombra; e é disto que nos jornais se está fazendo um bicho de sete cabeças...

Tornou a arrepanhar ironicamente o beiço e rematou:

— Com franqueza: os senhores sempre são muito homens!

João Luso



Samara: o rio Volga.

SAMARA, a nova capital russa

Traço de união com a Sibéria, o Cáucaso e a Ásia Central

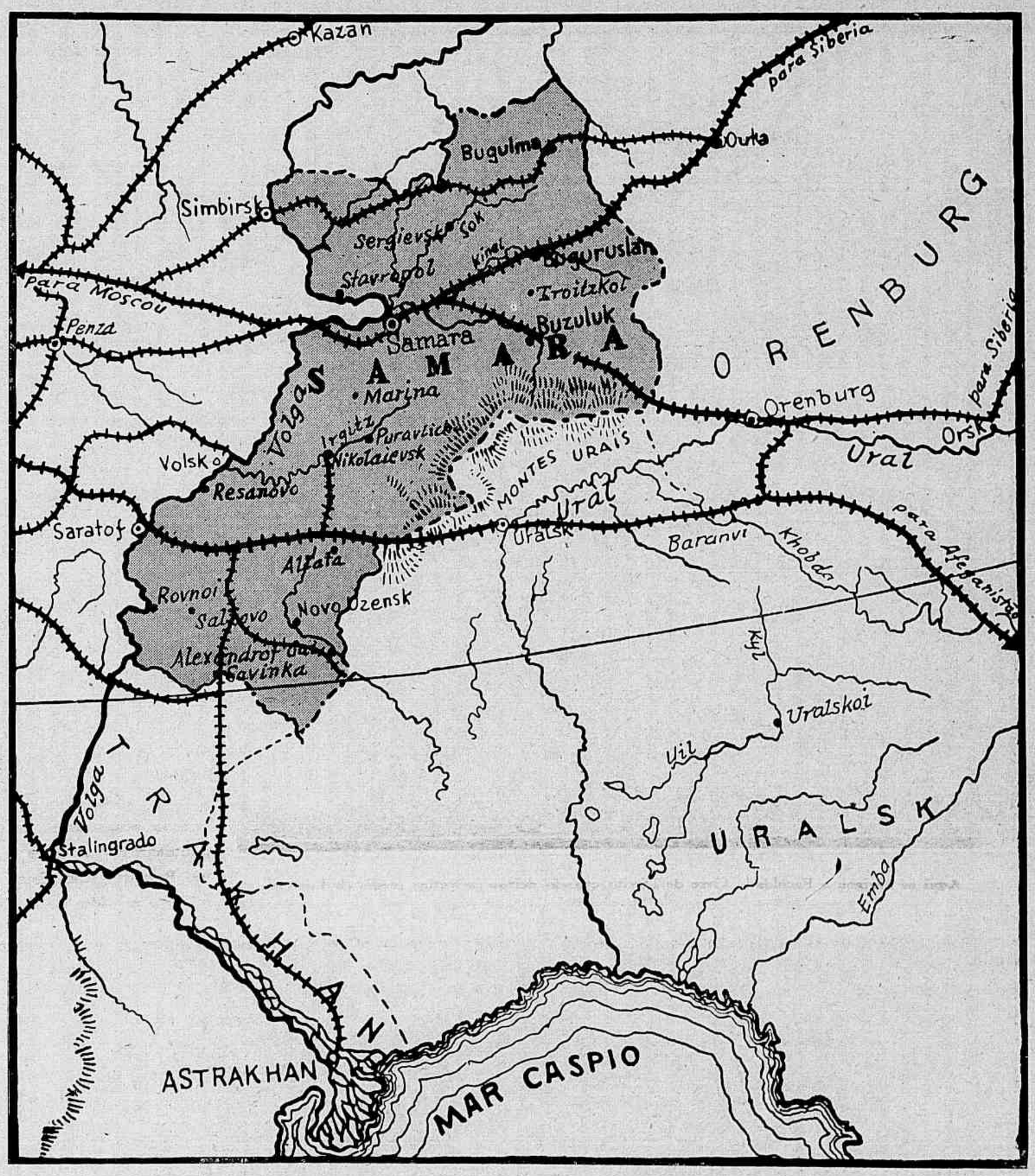
Vista parcial da cidade de Samara.

A mudança da séde do governo russo trouxe à evidência a antiga e esquecida cidade de Samara, localizada no extremo oriental europeu, à entrada do Cáucaso. Esta cidade é maravilhosamente dotada para desempenhar o papel de centro político da nação na presente emergência. Ligada a todo o país por estradas de ferro, é ponto de união entre a Rússia européia, a Sibéria, o Cáucaso e o Turquestão. Uma vez paralizados os centros industriais e agrícolas da bacia do Dnieper e do Don, e de Moscou e Leningrado — quelquer resistência organizada russa terá de apoiar-se no novo parque industrial dos Urais, na indústria extrativa siberiana e caucásica, e na agricultura da Ásia Central, onde o cultivo do algodão recebeu consideravel incremento nos últimos anos. Por outro lado, a bacia do Volga com suas grandes plantações de cereais é a única região agrícola da Rússia européia que não sofreu diretamente com a guerra. A todas estas vantagens apresentadas por Samara para constituir-se centro de gravidade do país, acrescente-se a circunstância de estar próxima ao mar Cáspio, atualmente ponto de contacto entre a Rússia e o Império Britânico e, portanto, a via natural de qualquer auxílio que possa vir da América. Desde a ocupação do Iran, ficou assegurada esta via para a Rússia, que oferece vantagens sobre a siberiana, pois o transporte terrestre (sempre mais caro e complexo), reduz-se à linha férrea que liga o golfo Pérsico ao mar Cáspio.

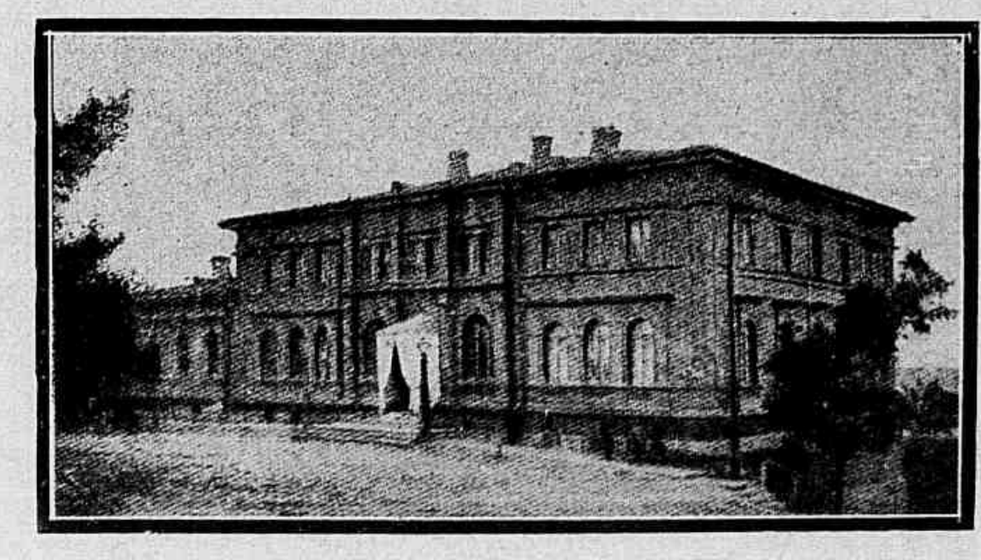
Toda a parte sudéste da Rússia européia, em cujo centro está Samara, é cortada por numerosos rios navegaveis, centralizados pelo Volga. Durante muito tempo foram esses rios as únicas estradas da região. Não obstante, durante 130 dias do ano, permanecem eles gelados. Não é portanto de admirar que as estradas de ferro se tenham multiplicado com o desenvolvimento industrial dessa parte da Rússia.

A cidade de Samara está situada à margem esquerda do Volga. A sua parte mais antiga ocupa a confluência desse rio com o Samara; a chamada "cidade moderna" fica mais ao norte. Nada se sabe de certo quanto à sua origem; acredita-se que foi fundada nos fins do século XVI para servir de barreira às inúmeras investidas dos asiáticos contra a Europa. E' preciso notar que Samara está no extremo sul dos montes Urais, sendo portanto passagem natural entre a Ásia e a Europa. Quem da cidade se dirige para o norte aproxima-se progressivamente das terras montanhosas, e quem caminha para o sul penetra na imensidão das estepes. Duas grandes estradas de ferro de Samara estendem-se para o oriente; uma inclina-se para o norte e vai encontrar a transsiberiana; a outra dirige-se para o sul e liga toda a Ásia central russa com a Europa.

A região de Samara, sobre ser intensamente agrícola, é centro de indústria de pesca e abriga vastos e modernos parques de indústria extrativa, sendo notaveis as suas fundições de ferro e cobre.



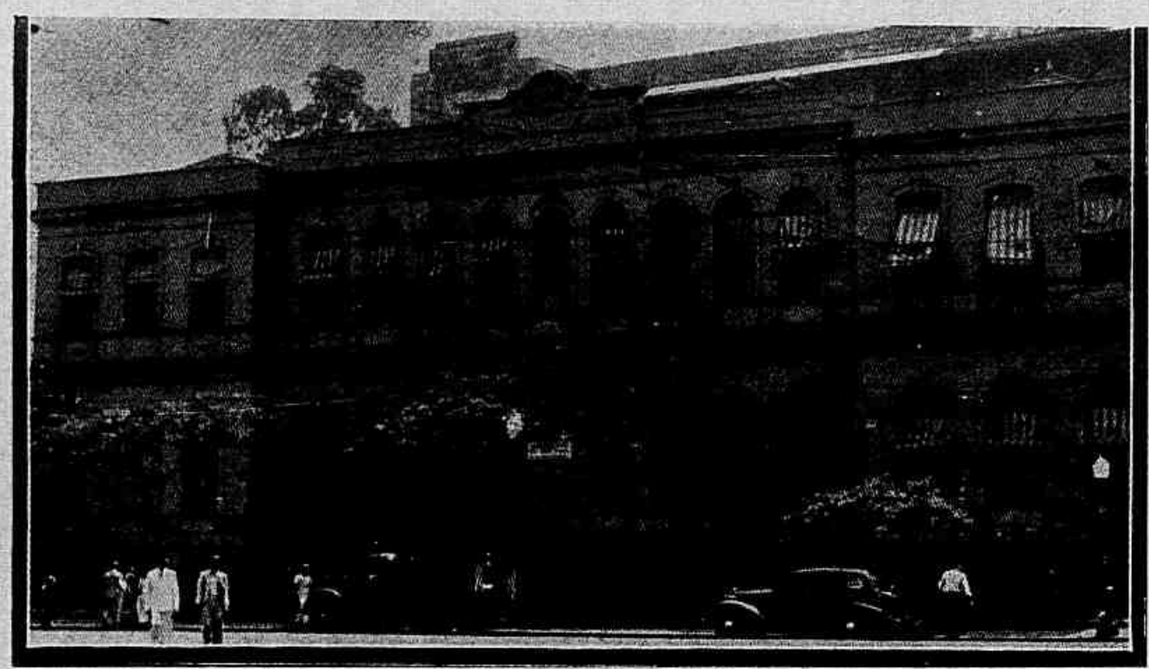
A antiga basílica de Samara.



A casa onde funcionava a "Assembléa de Nobres", em Samara.

Meio século de ensino jurídico

Comemorando o cincoentenário da fundação das antigas Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais e Faculdade Livre de Direito



A Faculdade Livre de Direito ao deixar sua primeira sede, que foi o Mosteiro de São Bento, em 1911 abrigou-se neste prédio, então pertencente à Escola Normal.

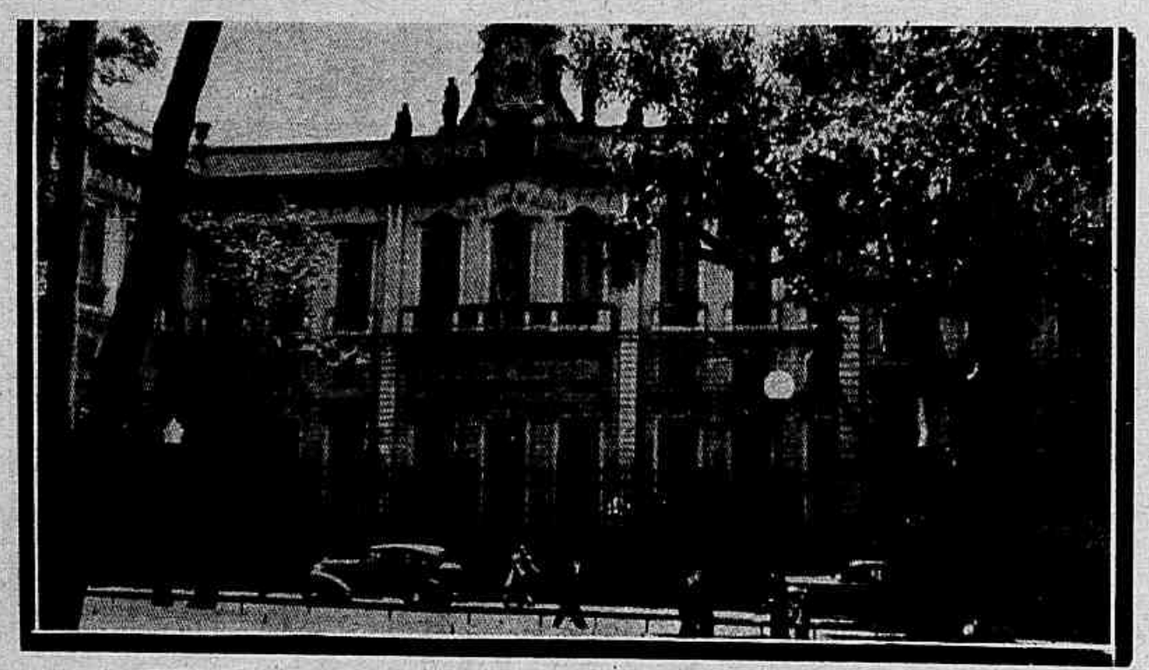
A Faculdade Nacional de Direito, da Universidade do Brasil, comemorou a 25 de Outubro último o cincoentenário da fundação das duas escolas de ensino jurídico que, por fusão posterior, constituiram o atual instituto.

Em 1891, com a República pode dizer-se, surgiram na capital do país, tendo à frente os nomes respeitaveis dos juristas França Carvalho e Fernando Mendes de Almeida, a Faculdade Livre de Direito e a Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais. A fundação simultânea dos dois institutos não foi mera coincidência — mas uma consequência do decreto de Benjamin Constant, que permitiu o ensino livre, trazendo ao plano das realizações velhos e amadurecidos programas. Até então o ensino jurídico no Brasil gravitara em torno de Recife e São Paulo. Dez anos antes, Fernando Mendes tentara inutilmente crear uma Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais.

Sem teto próprio e nenhum apoio ou favor que os firmassem perante o povo, as duas Faculdades Livres subsistiram unicamente pela força e determinação daqueles que as fundaram. A de Ciências Sociais teve como primeira séde o Liceu de Artes e Ofícios, e a de Direito recebeu o primeiro abrigo dos monges beneditinos.

Não pararam de progredir, no entanto, essas duas escolas de ensino superior. Centros de febris atividades, nelas se congregavam figuras de relevo nas letras e na vida política do país. Em épocas de entrechoques de idéias e de polêmicas alimentadas a fogo de paixão, em suas salas de aula pontificaram espíritos como Silvio Romero, José Higino, Fausto Cardoso, Martins Junior, Clo-

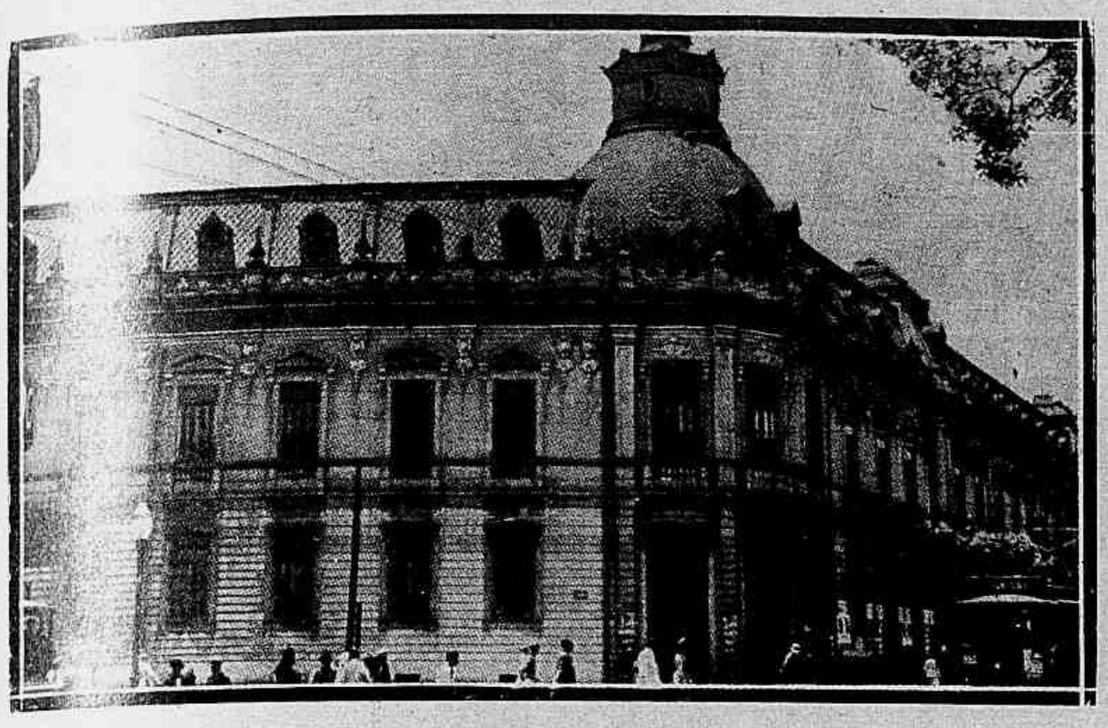
O atual prédio do Liceu de Artes e Oficios, que substitue o antigo casarão onde teve sua primeira sede a Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais.



Aqui se abrigou a Faculdade Livre de Direito quando deixou o antigo predio do Liceu de Artes e Oficios.

Foi este prédio a ultima sede da Faculdade Livre de Direito. Pela primeira vez o antigo instituto de ensino jurídico abrigava-se em této próprio.

Comemorando o cincoentenário da fundação das Faculdades Livres: a fotografia mostra, alem do ministro da Educação, do reitor da Universidade do Brasil e outras autoridades — varios mestres do atual corpo docente da Faculdade Nacional de Direito.



O Colégio de Pedro II foi a segunda sede da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais. Daqui a antiga fundação de Fernando Mendes se transportaria para o prédio da Academia de Comercio de onde passaria para a rua do Catete.

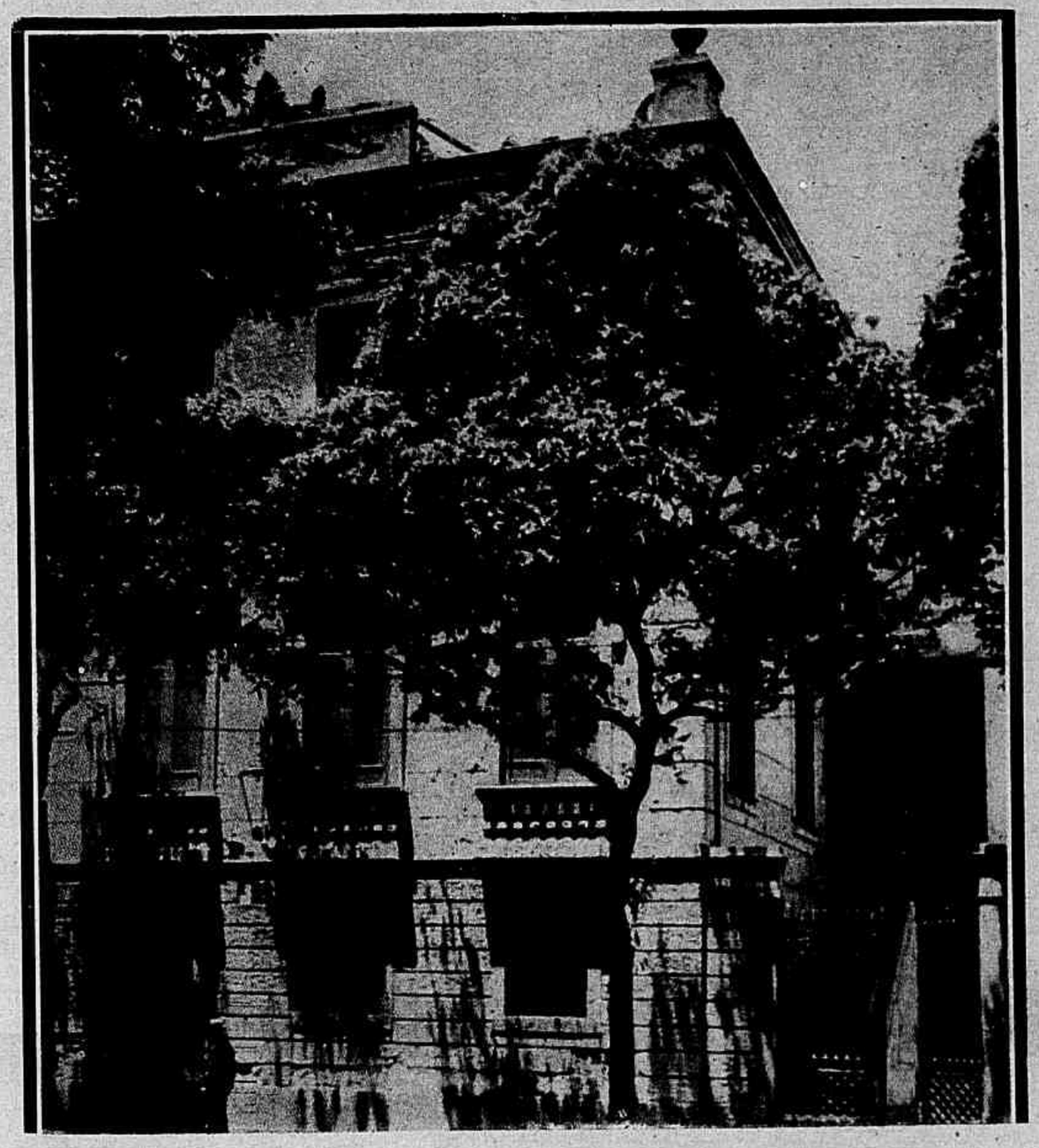
A atual sede da Faculdade Nacional de Direito, o antigo casarão do conde dos Arcos, onde funcionou o Senado Federal.

vis Bevilaqua, Graça Aranha... E sempre abrigados sob teto alheio — ora no mosteiro de São Bento, na Escola Normal, no Liceu, no Colégio de Pedro II, na Academia de Comércio, numa modesta casa da rua do Catete. Alguns destes tetos chegaram a abrigar ora uma, ora outra das Faculdades Livres. Vinha-lhes, é certo, uma grande força dos espíritos poderosos que nelas labutavam, e incendiavam-nas os contrastes de opiniões que floresciam e se apuravam no fogo de acérrima crítica mútua.

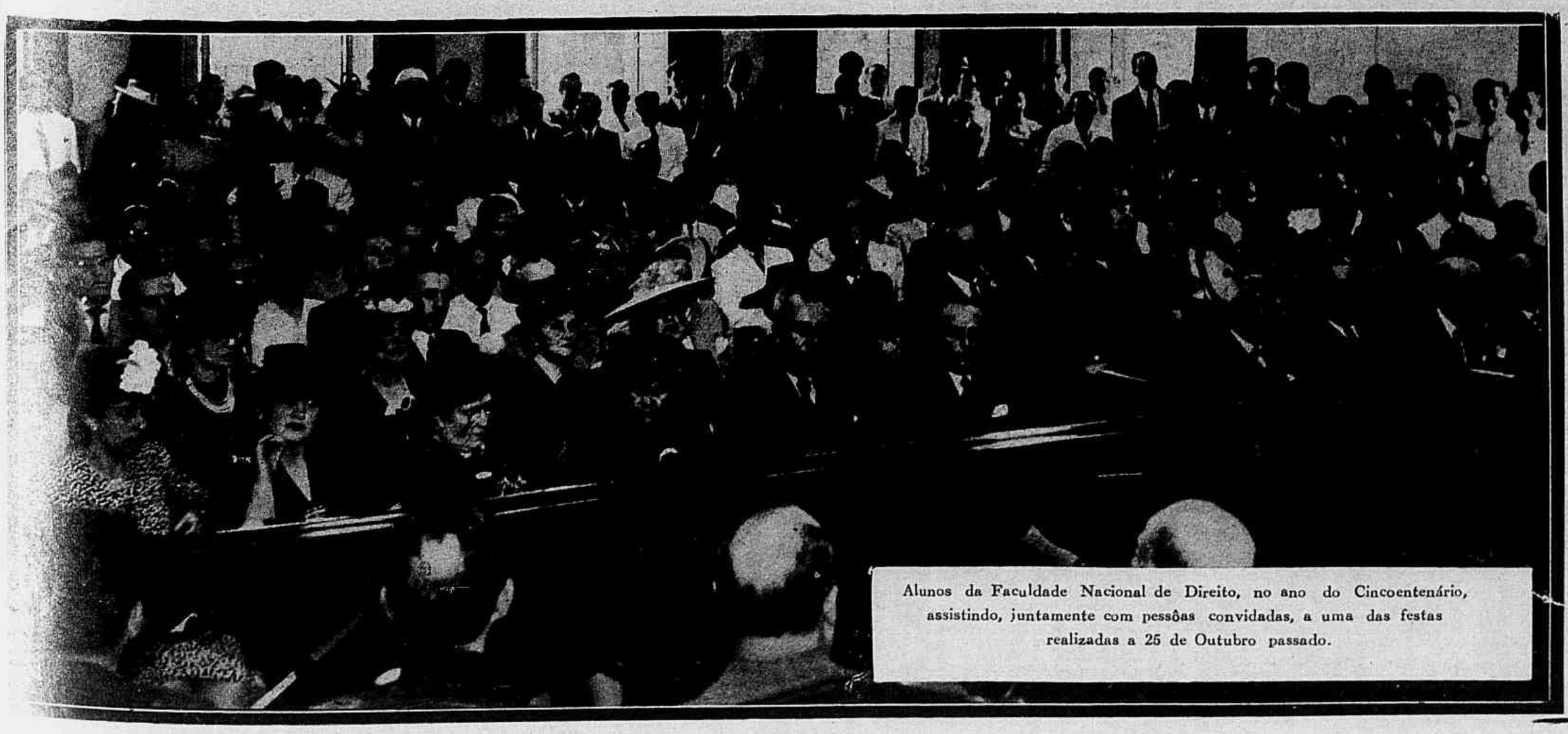
"Homenagem dos Professores, estudantes e funcionarios da Faculdade Nacional de Direito aos mestres que a crearam, engrandeceram e dignificaram. Meio centenario á Patria, á Humanidade, ao Direito, á Justiça e à Lei 1891 — 1941".

Em 1894 foi graduada a primeira turma de advogados do Rio de Janeiro. Vinte e seis anos mais tarde faz-se a fusão dos dois institutos, e em 1926 dá-se sua oficialização. Finalmente em 1936 é incorporado à Universidade do Brasil como Faculdade Nacional de Direito, estabelecimento padrão no país. A atual séde — o antigo casarão do Conde dos Arcos, que abrigou o velho Senado — é provisória. Suas paredes, no entanto, exibem a placa que assinala o 50.° aniversário da fundação das antigas Faculdades Livres.

Damos nestas páginas dois aspectos da cerimônia principal com que foi comemorado o magno acontecimento e a placa de bronze em honra dos fundadores Fernando Mendes e França Carvalho, ora afixada.



O edificio da rua do Catete onde funcionou primeiramente a Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais, e que foi a primeira sede dos dois institutos após a fusão.



Alunos da Faculdade Nacional de Direito, no ano do Cincoentenário, assistindo, juntamente com pessôas convidadas, a uma das festas realizadas a 25 de Outubro passado.

NOTICIARIO ELEGANTE

No salão do Clube de Regatas Botafogo durante o baile promovido pela Associação dos Funcionarios do Ministério do Trabalho. O dr. Péricles de Carvalho, representante do Ministro de Trabalho, agradece um brinde levantado em honra do dr. Dulphe Pinheiro Machado. Ladeando o orador, estão o escritor M. Cavalcanti de Carvalho e o dr. Enio Lepage, presidente da referida Associação.

Sr. Acyr Barboza, senhoritas Lea Azeredo e Maria Eugenio Machado, em um intervalo das dansas.

Resultou numa reunião encantadora o baile que o Departamento Feminino da Associação dos Funcionários do Ministério do Trabalho levou a efeito, sábado último, nos salões do Clube de Regatas Botafogo, em continuação ao programa de festas do corrente ano.

As dansas, que foram animadas por uma maviosa orquestra, prolongaram-se até alta madrugada, dentro de um ambiente de alegria e distinção.

Em meio da festa, foi prestada pelo Departamento Feminino da A. F. M. T. significativa homenagem ao dr. Dulphe Pinheiro Machado, ministro interino do Trabalho, pela sua brilhante atuação à frente dos negócios da Pasta.

S. excia., que deixou de comparecer à reunião por motivo de luto recente, fez-se representar pelo dr. Pericles de Carvalho, alto funcionário do Departamento Nacional de Imigração, ora servindo no gabinete ministerial.

O dr. Dulphe Pinheiro Machado foi saudado pela senhorita Amelia de Andrade, que, em nome do Departamento Feminino, ofereceu a s. excia. uma rica cesta de flôres.

ANIVERSÁRIOS

1 sra. Rosa Mendonça Lima, esposa do general João Mendonça Lima, ministro da Viação; srta. Dulce, filha do sr. Jayme da Gama Moret; dr. Otavio Nascimento Britto; coronel Genserico de Vasconcelos; general Constancio Deschamps Cavalcanti.

2 sr. Mario Magalhães, diretor do "Correio da Noite"; sr. Alberto Vidal Barbosa.

3 sras. Emma Neves e Yvonne de Castro Aragão; dr. Castro Pinto.

4 sra. Marina Granspera; capitão de mar e guerra Alfredo Carlos Soares Dutra; sr. Carlos da Cunha Barbosa, nosso colega de imprensa.

5 sras. Hermelinda Romano Azevedo Milanez e Severina Pereira de Souza; dr. Agamemnon Magalhães, interventor federal em Pernambuco; Barão de Saavedra, diretor do Banco Boavista; dr. Renato Costa.

6 ministro Eduardo Espinola; srta. Maria da Gloria Mendonça dos Santos; drs. Severino Marques e José Barbosa de Almeida Portugal; o menino Ary Lazzari.

Antonieta de Lima, Cleonice da Cunha, Odete Albuquerque, Iris Benizol e dr. Enio Lapage na varanda do Clube de Regatas Botafogo, na noite de sabado último.

O CULTO DOS MORTOS NO JAPÃO

Por LIMA FIGUEIREDO, especial para a REVISTA DA SEMANA

Não ha povo no mundo que viva tanto do espírito e para o espírito quanto o japonês. Sua fortaleza moral reside no culto aos seus antepassados, está alicerçada no amor imenso que tem aos seus mortos.

Há profunda diferença entre o nosso dia de finados e a festa dos mortos dos nipônicos. Aqui granteamos durante vinte e quatro horas os parentes e amigos que já não vivem, visitando os cemitérios e cobrindo os tumulos de flores. Lá nada de lamurias, nada de tristezas, nada de recordações que produzam lágrimas. Festeja-se o **bon-odori** — a dança da festa dos mortos. Tudo é felicidade, tudo é alegria, tudo é motivo para muita satisfação.

Não tive a ventura de assistir a tão tocante festejo e, por isso, vou valer-me de testemunha respeitavel, o velho amante do Japão, Venceslau de Morais. «Vi, há alguns meses, por uns bons dias estivais, o **Bon-odori** em Tokushima, em todo o seu clássico brilhantismo, em todo o seu mistico frenesi de festa consagrada a todos os defuntos; dias de excepcional confraternização terrestre entre vivos e mortos, cada qual acarinhando os entes queridos que se foram e que volvem, em espírito, ao lar familiar, por curtas horas; eu, pobre intruso ignaro, de mistura com a multidão de crentes, evocava tambem, por sugestão do meio, alguns mortos do meu conhecimento... Duram as festividades, geralmente três dias, de 13 a 15 do sétimo mês do ano lunar. Pelo que pude ver, atravez do cinematografo, cheguei à conclusão de ser tal solenidade — perdôem-me a comparação — um pouco parecida com o nosso carnaval, está bem visto que expurgada dos exageros que costumamos praticar nessa festa pagã. E' um carnaval moderado, como soem ser os das cidades do interior. Moças saem á rua vestidas dos seus melhores quimonos, em bandos álacres, cantando e dançando, ao som dos complicados instrumentos orientais. E lá vão grupos em todas as direções, executando um passo saltitante e entoando canções alegres ao percorrerem as ruas e praças ornamentadas de arcos de bambú com fitas e bandeirolas.

Num largo ou jardim publico é armado um tablado, onde à noite as **musumés** virão executar complicados bailados. Há lanternas belissimas dos mais variegados feitios e desenhos, em quantidade incalculavel, pois são postas à venda um mês antes nas multiplas lojas que negociam mil quinquilharias tão do agrado do nipão.

Só o bailado das lanternas já é um espétaculo novo e interessante, digno de ser apreciado. Lanternas em profusão são agitadas no ar, umas calma outras nervosamente pontilhando de miriades de luzes o ambiente e iluminando aquelas noites estivais, em que a lua, apesar de bonita, chega sempre tarde, como uma princesa que gosta de se fazer rogada.

Há tambores por todos os lados, num rufar incessante e, por vezes, implicante e mesmo melancólico. O povo que se acumula em redor do tablado bate palmas e faz o estribilho, dando muita vida à dança e canções dos garridos pares que saracoteiam continuadamente sem se fatigar.

Deixando de lado os folguedos, vamos tratar de outros assuntos não menos interessantes. No Japão nasce-se e morre-se como em todo o mundo. A ceremônia do batismo, se bem que realizada num templo sintoista, corresponde, mais ou menos, á nossa. Quanto á morte há alguns pontos de contacto entre o que se pratica cá e lá. Morto o indivíduo é ele lavado e penteado pela família que lhe veste a roupa que fosse de sua predileção. Os vizinhos e parentes acodem pressurosos para o velório, no qual as virtudes do defunto são rememoradas com saudades. Junto ao seu corpo são colocados os seus objetos de uso pessoal, tais como o cachimbo, o pincel com que escrevia ou desenhava, a bolsa de fumo e ainda outros. As **geishas** levam comsigo o indefectivel pucaro de pó de arrôs, o espelhinho no qual a todo momento viam suas caras, embranquecidas e o leque com o qual armavam suas atitudes para a conquista de um novo amante, seus perfumes, fotografias, etc. Para acompanhar o corpo inocente de uma creança — nada mais a calhar do que uma boneca.

Alem disso tudo, há uma preocupação importante que ninguem deve esquecer. Na longa viagem que o morto vai executar para o eterno, ele terá que atravessar a ponte que cruza o rio do inferno e, se não tiver dinheiro para pagar a travessia, será nele atirado. Para que tal não suceda, ninguem se olvida de colocar bem junto do corpo de seu morto algumas moedas de cobre, ou mesmo um bilhete dizendo **vale tanto**, para iludir o diabo e atravessar o tal rio que, emvez de ser formado de agua, é constituido por uma torrente de vivas labaredas.

Uma rua japonesa decorada para os festejos aos mortos, no mês de Julho.

O cortejo funebre toma o aspecto de uma verdadeira procissão. Bandeiras desfraldadas, festões de ramos e flores, lanternas dependuradas nas pontas das varas, precedem o corpo que é carregado num receptáculo em forma de rede, o qual é transportado por vários carregadores profissionais que, apoiando seus ombros nos varais, caminham lentamente. Em seguida vem a familia enlutada vestida de branco, acompanhada dos bonzos nos seus magnificos hábitos de seda verde, amarela ou roxa. Os convidados encerram o cortejo.

Num templo budista tem lugar um ritual, no qual o bonzo dá um outro nome ao morto— o **kaimyô** — nome postumo com que ele procurará chegar ao Nirvana. E a partir desse momento, em que troca de roca, passa a ser **hotokesan**, senhor santo, na boca de todos que a ele desejarem referir-se.

No templo ganhou o defunto o caminho do céu, porém seu corpo ainda se acha preso à terra. O cortejo segue para o crematório, onde tudo será convertido em nada. Fortes labaredas cobrem o corpo do morto e, no fim de poucos instantes, reduzem-no a

Em Julho realiza-se no Japão a festa "O Bon" em memoria dos mortos. Entre os camponeses esta cerimonia é observada com fidelidade, sendo as danças acompanhadas a toque de tambor e palmas. Tanto as danças como as canções têm carater regional.

um punhado de cinzas, e no fumo que se evola para os céus os presentes materializam o espirito do defunto que vai deixando este val de lágrimas. Neste momento são soltas algumas pombas que foram conduzidas em gaiolas, durante o cortejo. Que simbolismo maravilhoso! Que ceremônia confortante para os que ficam!

As cinzas do finado são colocadas em branquissimas caixinhas de madeira e levadas para o cemitério ou para a residência da familia.

No campo de batalha da China vi muitas vezes templos de madeira, onde se achavam entronizadas as caixinhas contendo as cinzas dos combatentes que morreram no campo da honra. Diante delas havia toda espécie de alimento: frutas, doces, saquê, cerveja, cigarros... E' um habito generalizado o de oferecer viveres aos mortos, e, na ocasião do cortejo funebre, muitas pessoas levam consigo, ao invez de flores, laranjas, maçãs, peras, pessegos, doces de arrôs ou de feijão... Recebem estas, no dia seguinte ao do funeral, presentes que são enviados em nome do morto, em sinal de gratidão pelas oferendas que lhe foram feitas.

Os cemitérios são, geralmente, dependências dos templos budicos. «As sepulturas acumulam-se, juntam-se em densos grupos, trepando arriba pelas serras, ocupando por vezes vastas extensões de solo agreste, como acontece em Tokushima. Com o correr dos tempos, a hera, os fetos, as azaleas, a vinha brava, os musgos e outras plantas do acaso atapetam o chão, abraçam e mascaram em parte as tumulares, vestindo-as de viços graciosos e dando ao todo a aparência de um jardim de estranho aspecto.»

Os tumulos nipões são diminutos e formados por um ou mais cubos de pedra lavrada. Neles são escritos o nome que o defunto tomou depois de morto na face principal, e, na oposta, seu nome e o da sua família, assim como seu brasão. Há tambem inscrições prenhes de poesia e de saudade, e, entre muitas citadas por Venceslau de Morais, destaco estas duas:

«Nobre menino instantaneamente alcançando a perfeita paz, venerado no augusto templo da Pureza.»

«Irmão aspecto outonal limpo de nuvens da casa de Buda, no templo do coração obediente.»

As viuvas costumam erguer seus tumulos junto do dos maridos, no firme propósito de não mais se casar. Neste caso, seus nomes são escritos nas lápides em letras vermelhas, enquanto viverem. E' comum encontrar-se tambem, junto aos sepulcros, ripas de madeira plantadas verticalmente, denominadas **sotobá**, com o nome do morto traçado em caprichosa caligrafia. São substituidas nas efemérides memoráveis da família, até o dia da comemoração do centenário do falecimento.

As pessoas que vão visitar o cemitério, a primeira cousa que fazem é munirem-se dum balde dágua e duma escova, e limpar completamente a sepultura. Depois disto, mudar a agua dos vasos e colocar novas flores em substituição das que se acharem murchas ou apodrecidas, enquanto ardem algumas pivetes de incenso. Todas as pessoas, por mais nobres e ricas que sejam, jamais relegam poderes a alguem para cumprir esse dever que julgam sagrado. Uma sepultura suja ou abandonada num cemitério japonês significa que já não existe mais ninguem pertencente á familia daquele finado.

O culto dos mortos no Japão não é fruto do budismo, pois que é anterior a introdução desta religião na gleba das cerejeiras, nem tão pouco do sintoismo, porquanto é um ritual atinente aos povos primitivos e que se acha esmaltado, desta ou daquela maneira, na religião dos povos mais adiantados da terra.

No lar há uma devoção diuturna. Diante do pequeno oratório denominado **butsudan** — o altar dos budas — reune-se toda a família para adorar seus antepassados que ali se acham representados nas caixinhas, de madeira ou de charão conforme a riqueza do domicílio, contendo suas cinzas. Têm essas caixinhas o nome de **ihai** e no sentido vertical das mesmas se pode ler o **kaimyô** a que já nos referimos. A primeira água fervida é para fazer o chá dos mortos; e a primeira tijela de arrôs tambem se destina aos mortos. O que vale é que eles se contentam com muito pouco...

Todos os dias as virtudes dos mortos são rememoradas e, nas grandes datas nacionais, os nomes dos heróis e daqueles que deram a vida pela felicidade da Pátria encontram poços profundos de bondade e de reconhecimento sem limites no coração do Japão, representado pelos corações de todos os seus filhos.

Neste culto retemperam suas forças morais e tomam o compromisso sagrado de jamais desmerecerem o legado de honra que receberam dos seus avoengos.

Para sustentar de heroismo um povo, não há nada como o leite forte da tradição...

Os túmulos de um claustro

Escragnolle Doria

Na primeira semana de cada Novembro ao dia de Todos os Santos segue-se o dos Mortos. Gregorio IV, em 835, fixou a festa dos celicolas; S. Odilão, abade beneditino, conseguio datar de 998 a comemoração anual de Finados.

Em 1941 o dia dos Mortos se reveste de particular significação. A humanidade, sangrada por todos os lados, deplora perdas de vidas utilisaveis para o bem, desviadas para o mal, a ciencia triste colaboradora nas destruições da civilisação. Vae-se a luz dos olhos cansados de lêr só noticias de barbaridades no globo todo. Como nunca, sôa o avizo de Job proclamando o homem um ser repleto de miserias em vida breve, bravissima agora entre miserias incontaveis.

Este ano a data dos Mortos — 2 de Novembro — cáe em domingo, exclusivamente do Senhor. Ao dia seguinte a Igreja leva a comemoração religiosa de Finados. Entretanto os fiéis da Saudade mantêm a data transportada. Os cemiterios alvos de marmores se enegrecem de visitantes. Quem não pode lá ir á memoria de Ausentes queridos dedica pensamentos de tornada ao passado. Muitos choram ou rezam ás ocultas, por isso sinceros. Os Mortos recebem flôres e á flôr ainda Job comparou o terricola «com o seu numero de mêses nas mãos divinas.»

Nesta semana, corrida em saudade prolongada, digamos de **Os Tumulos de Um Claustro**. Com tal titulo, em linguagem singela de bom expositor, sem procurar delgadezas de estilo, Moreira de Azevedo memorou, em uma monografia, várias sepulturas do convento de Santo Antonio á Carioca, Santo Antonio chamado dos Ricos. Em templo da rua dos Invalidos o taumaturgo lisboeta-paduano é tido por dos Pobres.

Ao visitar outrora tumulos do claustro franciscano, Moreira de Azevedo colheu noticia, a de haver o provincial frei Antonio do Coração de Maria, em 1856, mandado cobrir de soalho o corpo da igreja do convento de sua ordem. Na mesma ocasião rebaixaram as campas dos sepulcros, atijolando-se em marmore o pavimento da capela-mór; sem mais vestigio aquelas campas.

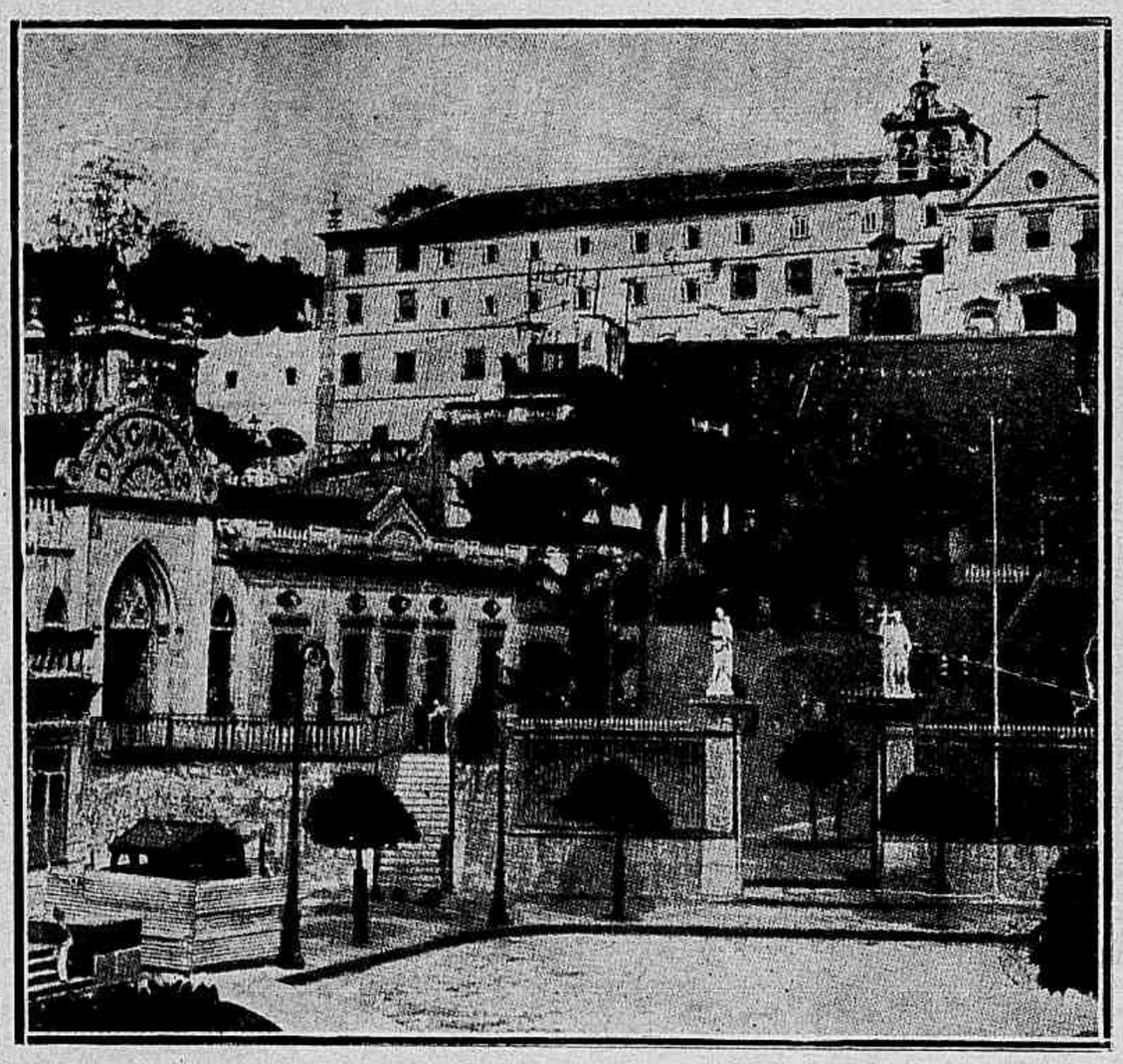
No claustro os restos mortaes dos freires ficaram debaixo de lages. Sobre uma excepcional inscrição indicou a mansão terrena de Mont'Alverne, a exemplo de S. João Crisostomo, o boca de ouro da nossa eloquencia de pulpito.

Moreira de Azevedo, na sua monografia, lembrou não poucos do campo funerario de Santo Antonio. «Asilo do pó», disse o escritor que a bem de cariocas sobremaneira pesquisou no Rio de Janeiro.

Ao convento de Santo Antonio, que designára para sua sepultura, foi levado o cardeal Caleppi, primeiro purpurado de presença na America. Trouxera-o ao Rio a transmigração de 1807, **bluff** do Principe Regente no jogo das conquistas de Napoleão.

Desmanchara tambem prazer a Junot, general intruso em reino sem soberania e de soberano longe, interposta a amplidão dos mares á invasão e ao aprisionamento.

Servidores e amigos de D. João VI, que o foi no Brasil, repousaram nos tumulos de Santo Antonio. Assim no jazigo n. 2 da igreja franciscana, com campa de marmore, desceu o conde de Linhares, D. Rodrigo de Souza Coutinho, falecido ao principiar 1812. A' mingua de epitafio bastar-lhe-iam as palavras de gratidão e louvor por parte do nosso insuspeito Cayrú ao reconhecer serviços de Linhares.



Vista antiga do Largo da Carioca, ao fundo o Convento de Santo Antonio.

Em fins de 1817 abrio-se o jasigo n. 2, para «asilo do pó» do conde da Barca, ministro de Estado como Linhares. Este e Barca nunca tinham ido á missa um do outro, cada qual a ouvia bem distanciado. A mórte é sem cerimonias, são-lhe indiferentes simpatias ou antipatias de quem quér que seja. Barca e Linhares tinham sido ministros de opiniões opostas, no jasigo n. 2 tornados bons e quietos colegas.

Adultas ou infantis, pessôas de régia estirpe vieram a Santo Antonio. Recolheram a este D. Pedro Carlos, sobrinho-genro de D. João VI, pae do primeiro principe de berço na America, o infante D. Sebastião, que na Europa morreria em 1875.

No Rio de Janeiro, de 1808 a 1820, a morte procurou bastantes transmigrados de escada acima ou abaixo, gente de organismos combalidos ou inadaptados á mudança de clima, o tropical nada parecido com o europeu do meio-dia. Por isso ou por aquilo não poucos morreram. Não é aqui logar de estatisticas.

Realisada a remigração bragantina e lusa em 1821, o convento de Santo Antonio continuou «asilo de pó». Trouxeram-lhe a deposito D. João Carlos, principe da Beira, filho de D. Pedro I e D. Leopoldina. Quatro anos depois a mãe estaria em sepultura, no convento da Ajuda tão convisinho do mar.

Sucessos politicos determinados pela atitude da Divisão Auxiliadora no Rio de Janeiro, tropa portuguesa ao mando de Avilez, obrigaram a imperatriz Leopoldina a partida precipitada para a fazenda de Santa Cruz. Da viagem acabou vítima o principesinho D. João Carlos, indo-se da vida no raiar de outra, a da nossa Independencia.

Entre ocupantes dos tumulos de Santo Antonio contaram-se Marcos Portugal, o compositor lusitano nosso hospede durante cinco lustros, e Grandjean de Montigny, o arquiteto francês, morando por espaço de trinta e quatro anos entre cariocas bem habituados a vêr **Monsieur Grandjean**.

Não poucos militares encontraram tumulo em Santo Antonio. Um, para lembrança, o marechal conde do Rio Pardo, Thomaz Joaquim Pereira Valente. De valentia foi, justificando apelido no dominar sósinho insurgido batalhão de caçadores no Rio de Janeiro. D. João VI chamou Valente á sua presença e pregou-lhe na farda o habito de Cristo. O principe era costumeiro em gestos tais ao avaliar meritos ou serviços, tratando arte ou destemor de corôa á corôa.

Num saráo da corôa, o padre José Mauricio mereceu venera; outra recebeu, de mãos de D. João VI, Grandjean de Montigny ao inaugurar-se obra sua, belissima sala abobadada da Alfandega do Rio de Janeiro, em via de sumiço. Vá tudo isto em desconto de salgalhadas historicas depreciativas do rei, sistematicas ou moedoras de anedotas. Nas corridas tauromaquicas ha arquibancadas de sol e de sombra. Em Historia alguns não sáem da arquibancada da sombra para ir á do sol, no caso a justiça.

Completemos, no que pudermos, o estudo Moreira de Azevedo relativo aos «Tumulos de Um Claustro». E' sempre agradavel probidade citar fontes sem ficar inhibido de acrescentar por conta propria. Ajunte-se ao relato de 1866 um pouco do que se possa dizer em 1941.

O convento de Santo Antonio dos Ricos, era apenas «asilo do pó» de optimates, ou os grandes de uma nação ou de uma côrte? Não: aos tumulos do claustro iam tambem restos mortaes de gente mediana e até de condição humilde.

Comtudo os obscuros careciam de luz, a da proteção. Por valimento, Santo Antonio recebia os despojos do «patrão da galeota real, do cosinheiro de Sua Majestade, do cabeleireiro da côrte» os tres só mencionados por seus cargos, antinomicas ás funções do governa-leme, do rege-fogão, do arranja-cabelos.

Em Santo Antonio o campo funerario era vasto e loteado, repartido em sepulturas no capitulo, as mais numerosas, outras postas nas quadras do claustro, outras na igreja. Aos donos da casa, ou de burel franciscano, cabia quadra especial começada na capela do Senhor Crucificado.

Em fins de 1823 construiram-se as chamadas sepulturas novas. A uma recolheram Augusto Henrique Grandjean de Montigny, a 2 de Março de 1850, ele dos ultimos sepultados no convento. Vinte anos antes o arquiteto acompanhára a Santo Antonio o feretro de primeira esposa, sua compatriota, brasileira seria a segunda conjuge do artista. Os traços da nossa patricia, viuva Grandjean, pódem ser contemplados em téla de Augusto Muller, de ornato á galeria do Museu Nacional das Belas Artes por dadiva do dr. Goffredo Taunay.

Algumas campas conventuais traziam inscrições expondo vidas preteritas por palavras cinzeladas no marmore. Umas lembravam, no capitulo conventual, o viver e os meritos do tenente-general João Henrique Bohem (**sic**), passado de protestante a catolico, com a declaração «de sua vida exemplar ter edificado a Cidade e a sua mórte enchido todos de inconsolavel pena».

A estrangeiro exilado, o conde de Santa Fiori, não se precisa dizel-o italiano, o convento deu duplo asilo, na vida e na mórte. Uma revolução forçára Santa Fiori a deixar Toscana e a tal revolução os francêses não tinham sido estranhos. Santa Fiori acabou seus dias onde nunca com certeza pensou terminal-os, no Rio de Janeiro, e muito menos cogitára de tumulo em Santo Antonio.

Hoje nem os franciscanos encontram jazigo no seu claustro, inhumados em cemiterios publicos não se sabe bem porque, mas em nome de uma higiene tão escassa em outros sitios da cidade.

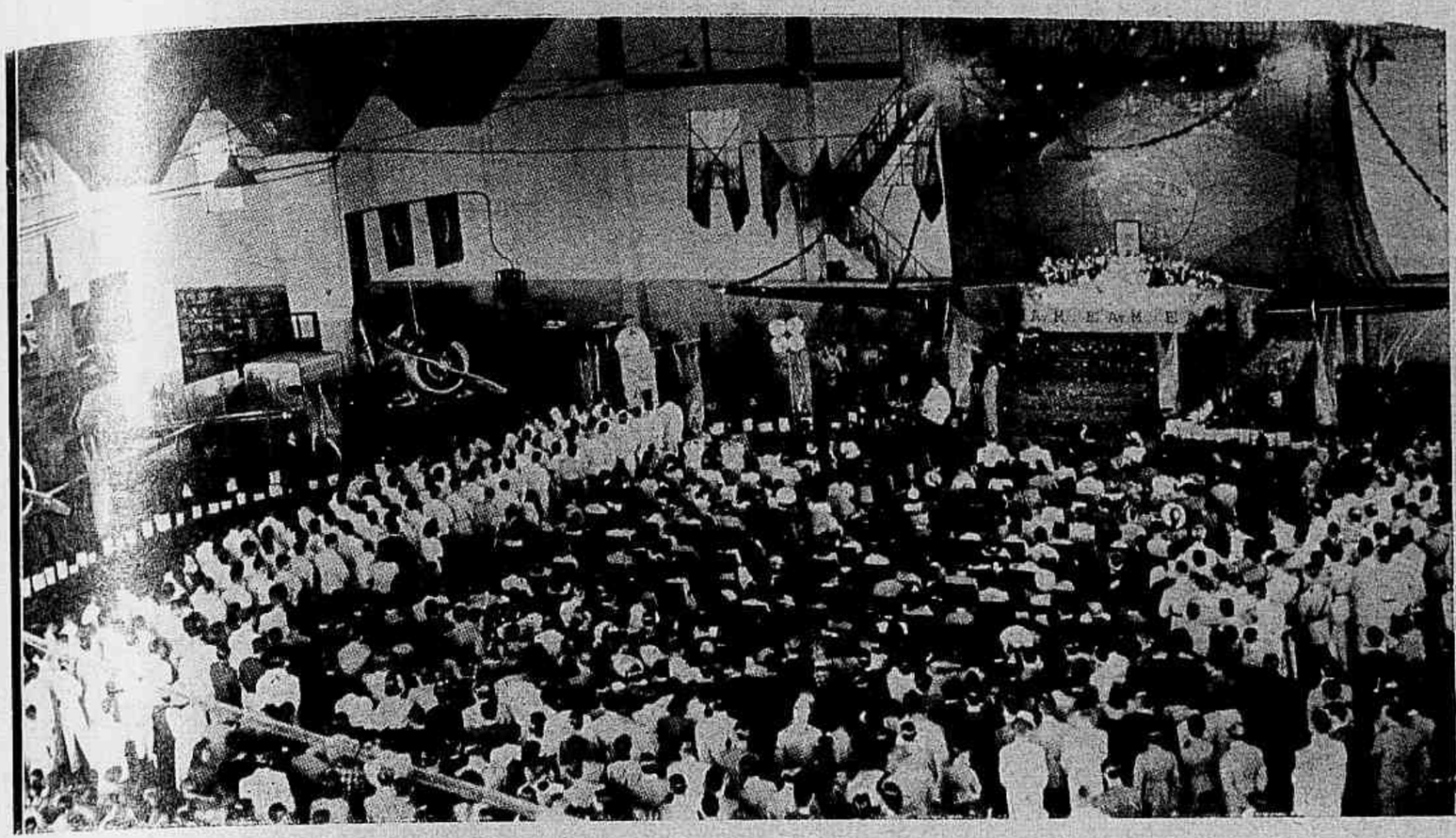
Em Santo Antonio recente panteão funerario recebeu restos embalsamados, os da imperatriz D. Leopoldina. Trasladaram-os, a 9 de Novembro de 1911, para o mosteiro franciscano ao ser demolido o colonial convento da Ajuda ora substituido pela Cinelandia. Mudaram-se para a Tijuca e depois para Vila Isabel as religiosas concepcionistas. Como todas as suas irmãs de religião no mundo universo as freiras da Ajuda têm Deus por ventura objetiva teologicamente afirmada.

O panteão imperial, por excepção, reabrio a mortos o convento alcançorado na Carioca, de largo outr'óra lagôa. Para os defuntos o mosteiro cerrára portas em 1850, quasi meio seculo após a abertura do cemiterio dos Inglêses na Gambôa.

De 1850 em diante, para os mortos da cidade, não houve mais Santo Antonio. Quem lá estava lá ficou e ficará, se subsistir o mosteiro em morro ameaçado de arrazamento. Por ora os tranquilissimos hospedes dos «Tumulos de Um Claustro» estão em provisorio **requiescant in pace** após tantos anos, tantos mêses, tantas semanas de socego absoluto.

Contra a morte, assegura um adagio, não ha casa forte. Mas contra sepulturas, de guarda á pulverulencia, existem picaretas e alviões. E se em data proxima ou remota picaretas e alviões se levantarem e abaixarem em Santo Antonio para vós sepulcrares «Tumulos de Um Claustro», era um dia «o asilo do pó».

"SEMANA DA ASA"



No "Dia do Aviador" foi celebrada uma missa em um dos "hangares" do Campo dos Afonsos. Damos aqui um aspecto de conjunto dessa cerimonia religiosa. Vê-se o altar improvisado sobre as asas de um avião e, á esquerda da assistencia, alguns aparelhos da Força Aérea Brasileira.

O conego Benedito Marinho falando num "hangar" do Campo dos Afonsos após a missa rezada por alma de todos os aviadores do mundo, mortos como aeronautas no cumprimento do dever.

O VENCEDOR DA PROVA "CAÇA AOS BALONETES". — O jovem aviador Antonio Belisario Tavora, que conseguira magnificas performances em varias provas, foi o vencedor da competição "Caça aos balonetes". Vemo-lo aqui no momento em que subia para o aparelho que lhe deu a vitoria.

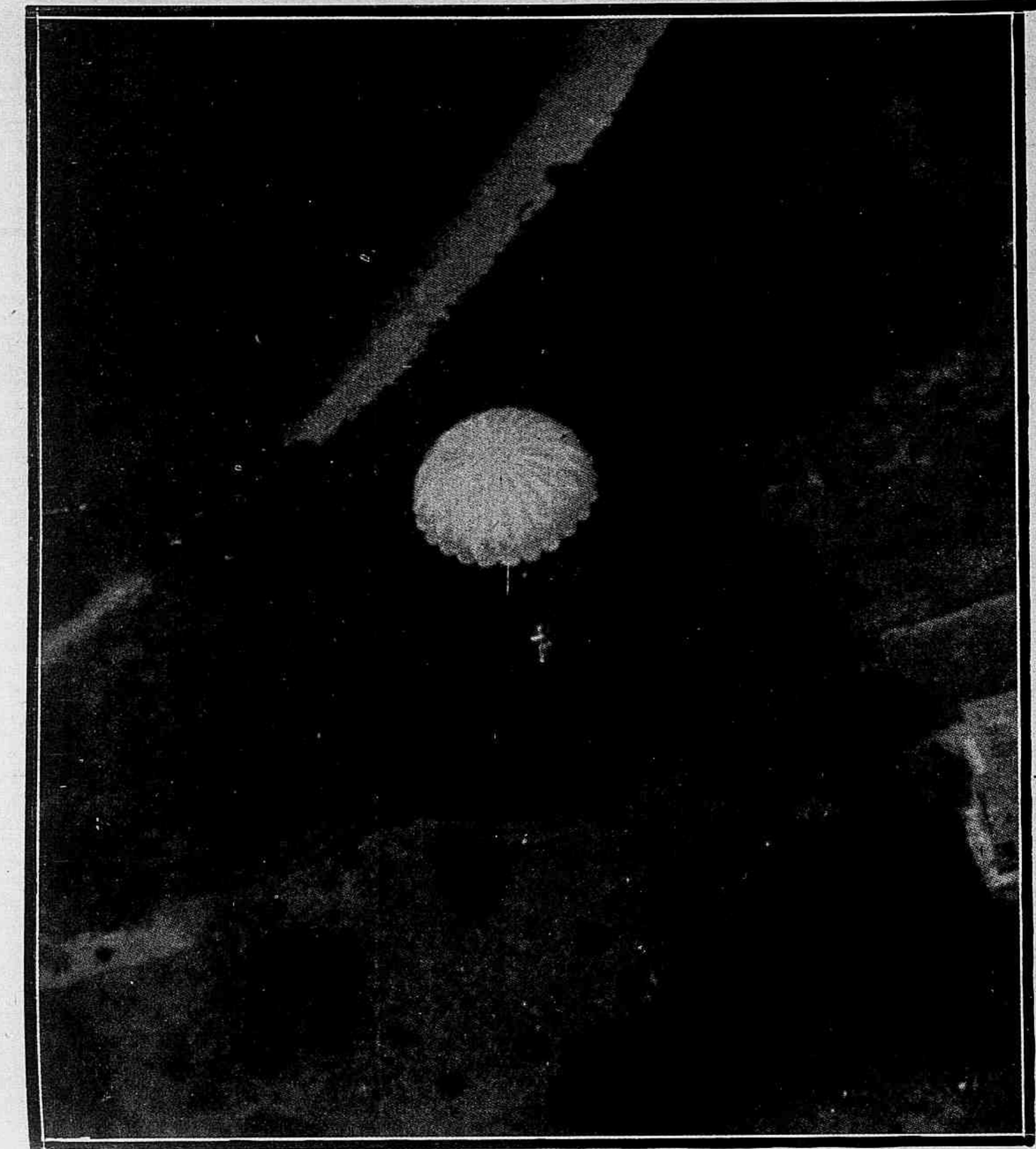
As comemorações com que no Brasil é festejado o "Dia do Aviador", em data que lembra a memória do grande Santos Dumont, veem-se dilatando de ano para ano, e já constituem uma bela semana de intenso júbilo cívico e de demonstrações numerosas do progresso da aviação nacional. Este ano, superintendida pelo Aero Clube do Brasil, a "Semana da Asa" compreendeu um programa inteligente de divulgação entre o nosso povo, da arte e ciência aeronáuticas, que atualmente merecem todas as atenções dos administradores brasileiros.

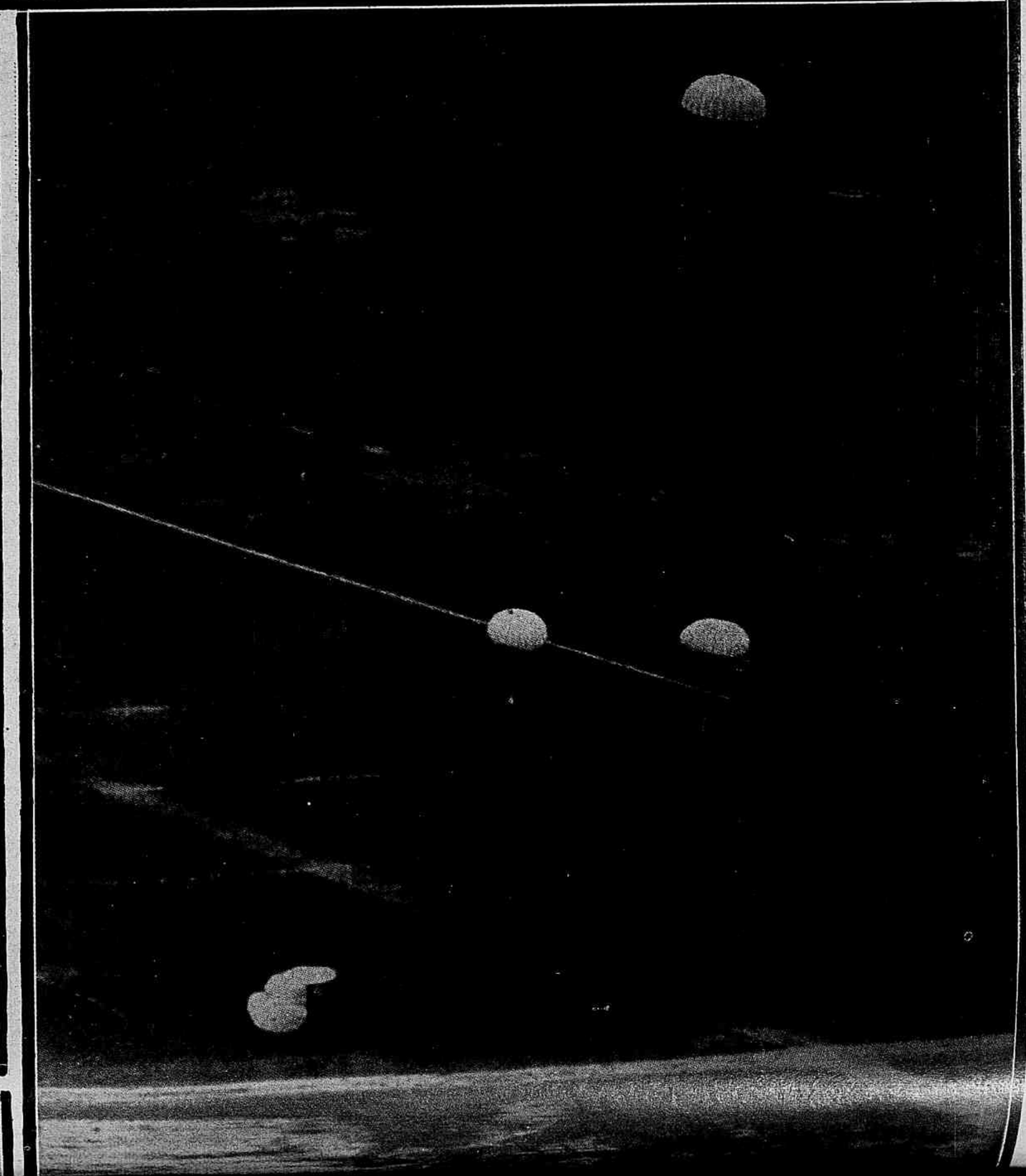
No dia primeiro das festividades — o 19 de Outubro, que rememora a conquista em Paris do Prêmio Deutsch pelo nosso grande patricio — foi oferecido ao Presidente da República um almoço, primeira homenagem da aeronáutica brasileira ao Chefe da Nação depois da criação do respectivo Ministério. O brinde de honra ao homenageado, levantou-o o ministro Salgado Filho.

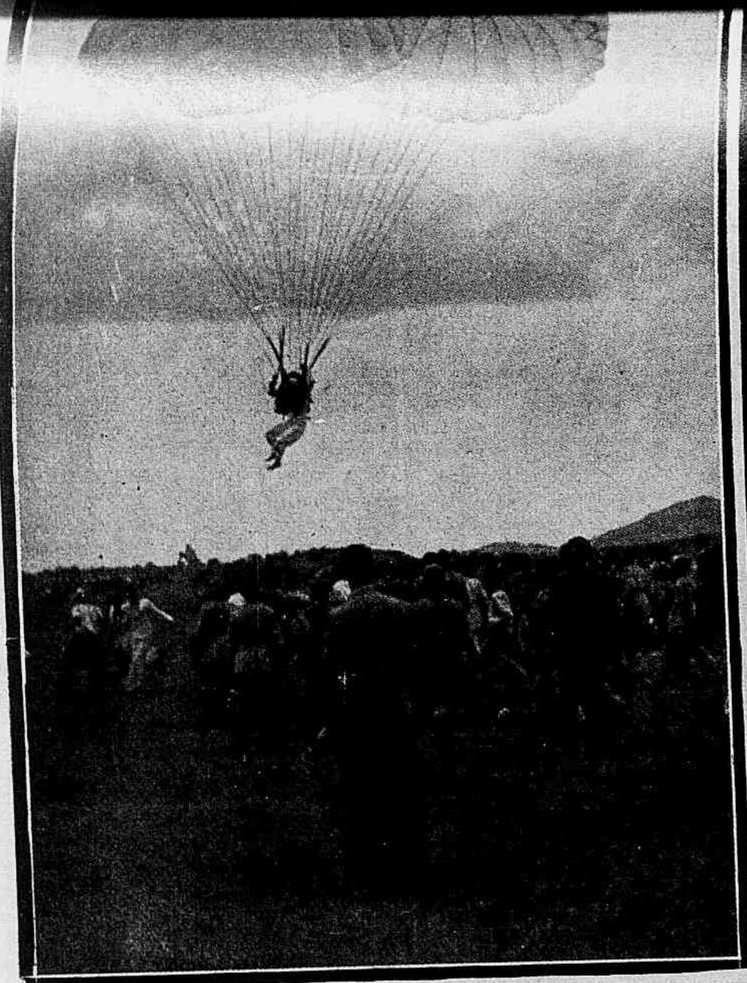
A vinte e três de Outubro, o "Dia do Aviador" — 35.º aniversário da vitória definitiva de Santos Dumont em Paris, realizando o primeiro vôo de avião — foi celebrada no Campo dos Afonsos uma missa, rezado num "hangar", dedicada a todos que, no cumprimento do dever, perderam a vida como aeronautas. Representantes de todas as classes sociais e autoridades civis e militares estiveram presentes nesta cerimônia.

O A... ÇO NO CAMPO DOS AFONSOS — Como parte das comemorações da "Semana da Asa", realizaram-se no Campo dos Afonsos várias solenidades ás quai... areceram o Presidente da Republica, os ministros da Marinha e da Guerra, alem do titular da pasta da Aeronáutica. Depois da missa e das demonstrações dos para... s de São Paulo, teve lugar um grande almoço. Nas gravuras acima, vemos o presidente Getulio Vargas quando agradecia as homenagens e o sr. Salgado Filho saudando o chefe do governo.

PARAQUEDISMO







A manhã do "Dia do Aviador" apresentou o mais belo espetáculo de toda a série magnífica com que se comemorou a última "Semana da Asa". Foi o salto dos paraquedistas.

O Campo dos Afonsos esteve cheio de curiosos e fãs da aviação, que cruzavam aquí e alí com rapazes e moças vestidos e petrechados para se atirarem aos espaços confiando-se a um bocado de pano e cordas. Quem trouxera no íntimo um pouco de temor perdeu-o ao primeiro contacto com aqueles semblantes jovens e irradiantes de confiança. Quando os aviões partiram, levando no bojo os herois do dia, a curiosidade geral redobrou. Centenas de cabeças levantaram-se ansiosas e fixaram os minúsculos aparelhos que pareciam deslisar na superfície do céo. Subitamente há um **frisson** que faz estremecer toda aquela gente de cabeça para o ar. Vertiginosamente avançam contra a terra os corpos minúsculos dos paraquedistas. Doze ao todo. Uma após outra, abrem-se as pequenas copas brancas, arrancando da multidão suspiros de alívio. Aberto o décimo primeiro resta um paraquedas, que se mantém fechado. O minúsculo corpo do paraquedista rasga os espaços como uma estrela cadente. Um grito abafado sufoca-se dentro de cada peito. Não passou disto o susto, porém. A trezentos metros do solo o chapéozinho branco brilha rápido; fôra apenas a prova de eficiência de um mestre. Poucos minutos mais e a terra recebia em seu seio, sem qualquer violência, os pássaros improvisados de asas de pano, que a multidão acolhia com exuberante demonstração de júbilo.

O Dia das Crianças na 'Semana da Asa'

Prova de aviões movidos a elástico. Prêmio: taça "Coronel Dias Costa". Vencedor: João Hayef.

As últimas festas da "Semana da Asa" foram promovidas entre crianças. Realizaram-se, no sábado passado, em Manguinhos, e compreenderam provas de pequenos aviões movidos a elástico e a motor, de planadores e aeromodelos. Já é grande o interesse demonstrado pelas crianças brasileiras com relação às questões de aeronáutica. O número de concorrentes permite-nos belos prognósticos. Na manhã do dia 25 o Aero Clube encheu-se de pequenos carregando os seus aeroplanos, experimentando-os, ajustando-os...

Nas quatro grandes provas disputaram-se ricos troféus, que se denominaram: taça "Brigadeiro Trompowsky", para o vencedor do torneio entre planadores; taça "Ministro Salgado Filho", para a prova de aviões movidos a gasolina; taça "Tenente-coronel Dias Costa", prêmio ao melhor vôo a elástico, e taça "Coronel Pederneiras", para o melhor aeromodelo.

O resultado dessas provas damo-los aqui: planadores — 1.º lugar — José Carlos Neiva; 2.º — Jomar Lochar Rodrigues; 3.º — Edgar Viana. Aviões de elástico: 1.º lugar — João Hayef; 2.º — Carlos Mahm; 3.º — Olaf Van Agt. Aviões a gasolina: 1.º lugar — José Buarque de Macedo; 2.º — Jorge Goulart Pontual; 3.º — José Carlos Neiva.

Acrobacia

O brilhantismo das provas de acrobacia marcou o ponto mais alto das realizações da "Semana da Asa" deste ano. Quatro grandes ases fizeram da disputa da taça "Edú Chaves" uma exibição sem exemplo no Brasil de técnica aliada a arrojo e arte de voar. São eles: René Tacola, o vencedor; Renato Pedroso; Carlos Botti, e Aloysio Vianna.

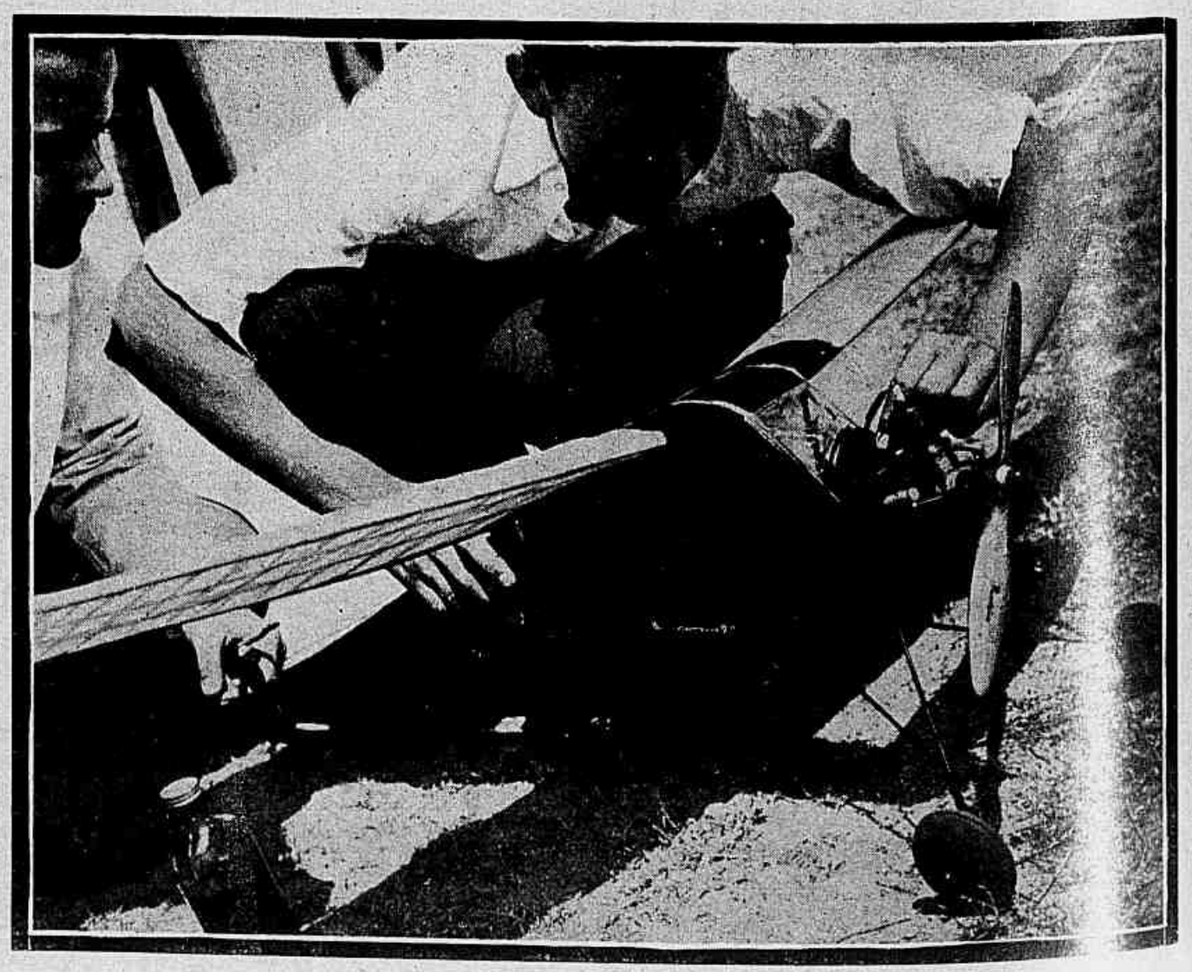
Verdadeiros mestres do vôo, esses jovens empolgaram de tal maneira o público e tanto excederam à espectativa geral, que sozinhos valeram pela mais definitiva afirmação de que no Brasil já existe aviação em elevado grau de eficiência.

Durante a prova de aviões dotados de motor: a jovem Helena Lopes com o seu aparelho. Vencedor: José Buarque de Macedo.

Circuito Aéreo Nacional

Venceu-o mais uma vez o aviador Anesio do Amaral, que se sagrou como o mais completo dos nossos pilotos de turismo. Anesio dirigiu um aparelho Ryan. O segundo lugar coube a Antunes Filho, em um avião Muniz. Esta importante prova, que é a máxima das comemora-

Carlos Mahm, segundo colocado na prova de aviões movidos a elástico.



Um concorrente à taça "Ministro Salgado Filho" ajusta o seu aparelho movido a gasolina, no momento da competição.

Preparando um avião de elástico para a prova. Vêem-se: o brigadeiro Trompowsky, o general Newton Braga, os coroneis Pederneira e Dias Costa etc.

Aviões planadores que tomaram parte na prova em disputa da taça "Brigadeiro Trompowsky", em Manguinhos.

Antes da prova de planadores: jovens do Aéro Clube do Brasil ajustam os seus aparelhos. Prêmio: taça "Brigadeiro Trompowsky": Vencedor: José Carlos Neiva.

A prova "Guanabara"

Conhecida como "Prova de Calouros", esta competição entre aviadores brevetados com menos de um ano consiste em um circuito da cidade do Rio de Janeiro com passagens sobre o aeroporto de Santos Dumont, a Base do Galeão e o Campo dos Afonsos. Os primeiros colocados no presente ano foram: Siegfried Carlos Wahle, Alexandre Thyrso Renaud e Sylvio Franciscato.

Outras provas

A prova "Circuito Cruzeiro do Sul" teve o seguinte resultado: 1.º lugar — Leda Batista; 2.º — Hellyet S. Walker; 3.º — Lydia M. Guimarães e Edméa Denzone.

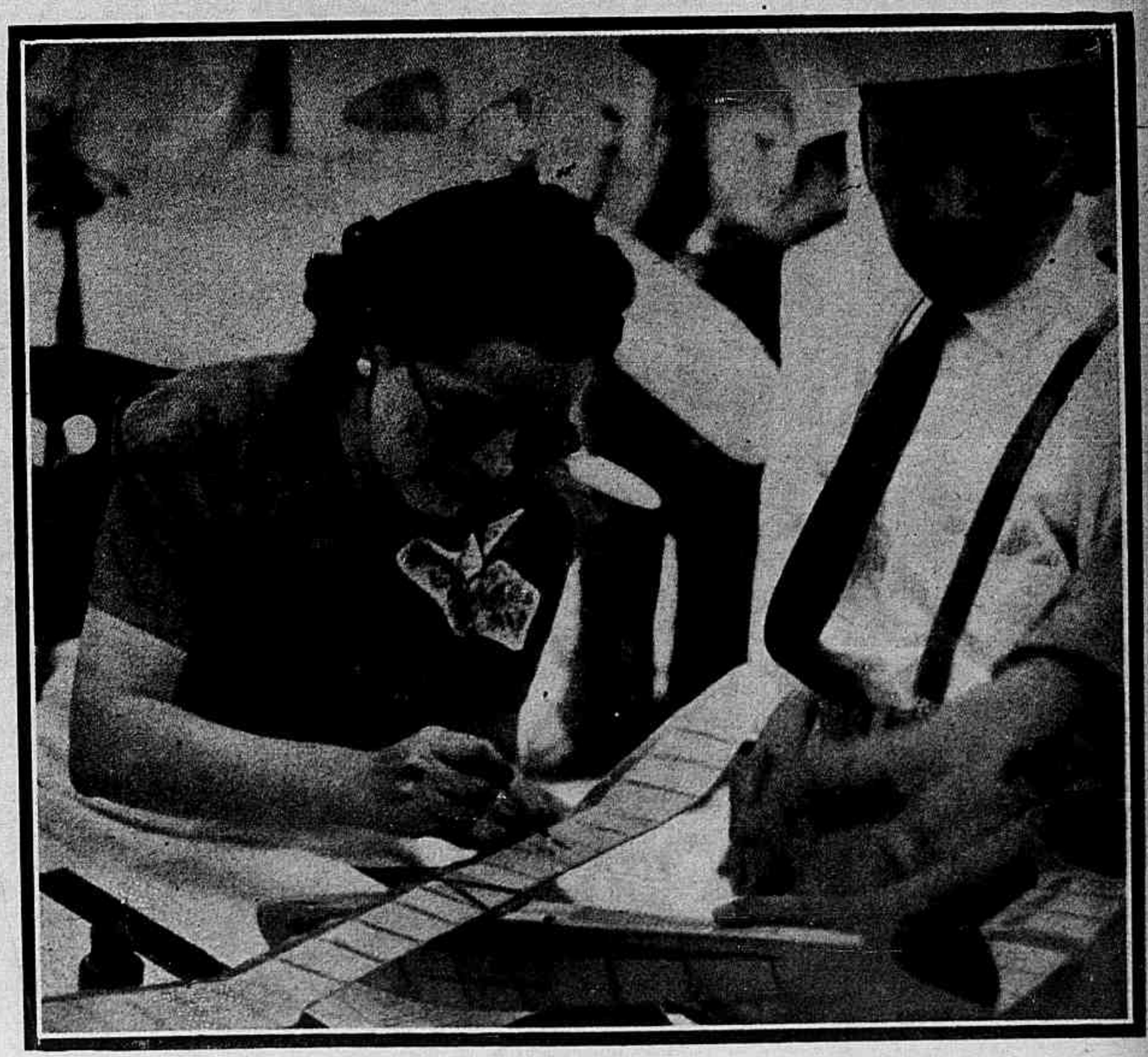
O torneio "Caça aos balonetes" foi vencido por Antonio Belizario Tavora, sendo classificado em 2.º lugar Sylvio Niemeyer.

Venceu a prova "Lançamento de Mensagem" Ismael de Oliveira, do Aero Clube de Juiz de Fora.

A prova de acrobacia para moças deixou de realizar-se à falta de concorrência. A jovem aviadora paulista Joanninha Castilho, única candidata, fez uma bela demonstração que empolgou o público.

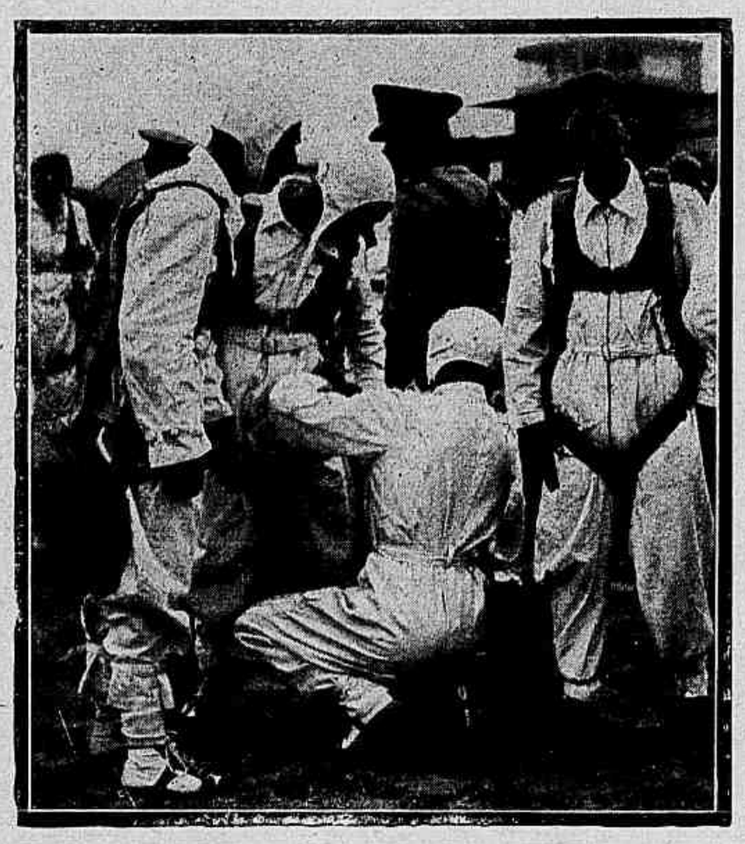
ções da "Semana da "Asa", compreende um circuito pelas cidades de Campos, Juiz de Fora, Belo Horizonte, São Lourenço, Poços de Caldas, São Paulo, Taubaté e novamente Rio de Janeiro.

Con[illegible]do à prova "aviões com motor". Si o aparelho não funcionar... Este [illegible]usto, que todos teem, torna mais intenso o prazer de vê-lo voar.

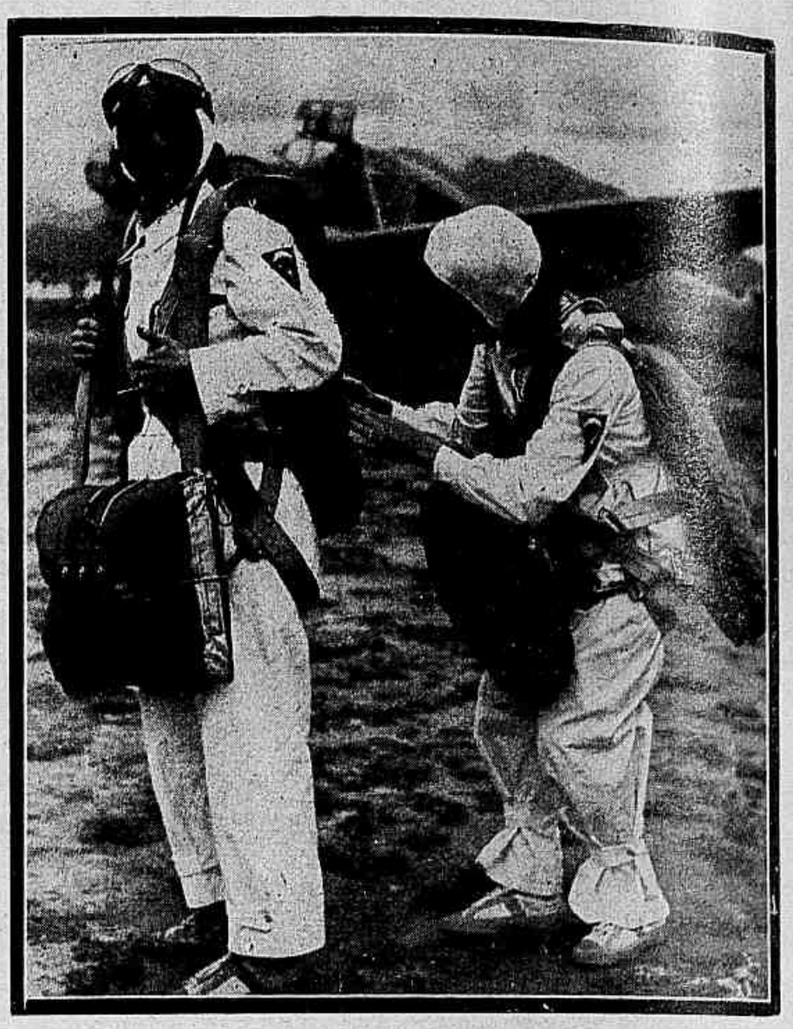


Antes da competição: o jovem Luiz Loureiro Dias Costa inscreve seu planador.

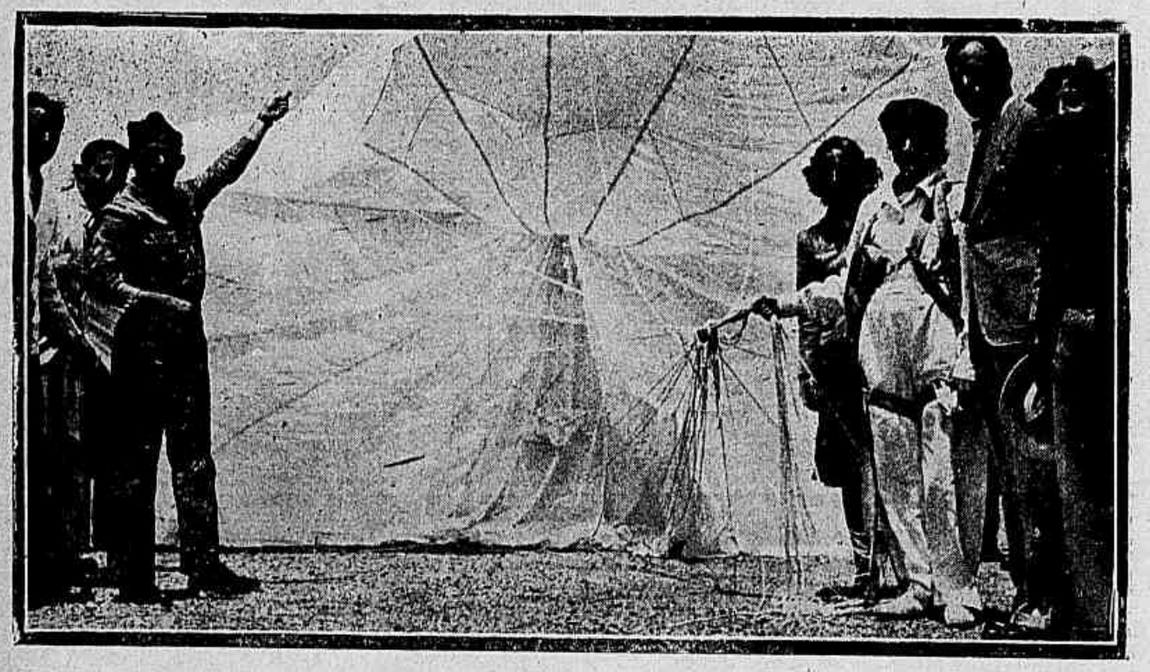
Paraquedismo e Acrobacia



Preparando-se para a grande prova, estes jovens ajustam os seus paraquedas. Dentro do avião o corpo do paraquedas serve-lhes de assento; uma vez no ar, tendo antes o cuidado de se distanciar do avião, o paraquedista faz funcionar o aparelho que lhe neutralizará o peso, puxando um arame sôbre o qual tem a mão. Feito isto, abre-se um pequeno paraquedas automático que, pressionado pelo ar, leva aos ares todo o material cuidadosamente arrumado na bolsa que dentro do avião fôra um simples assento. E o homem suavemente aproxima-se do planeta a que pertence.



Antes da grande prova de paraquedismo: Joana Castilho (curvada), com paraquedas de dorso e de peito, auxilia Floripes do Prado a ajustar um paraquedas de assento.

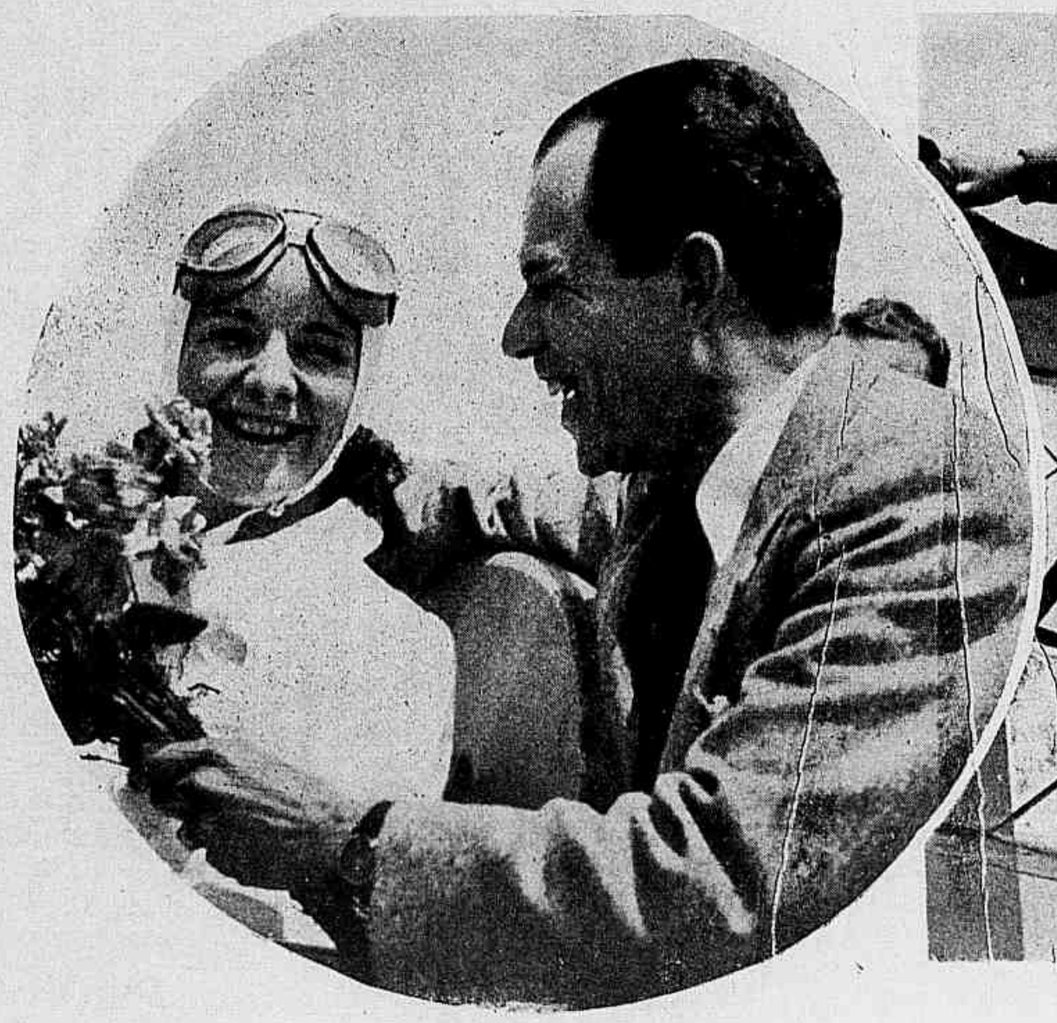


A primeira turma de paraquedistas do Brasil. Estes jovens, que são da Escola de Paraquedismo do Aéro Club de São Paulo, participaram das festas realizadas nesta capital durante a «Semana da Asa».

Ao alto — Eliza Braga no momento em que se atirava ao ar. Esta prova constituiu uma homenagem ao coronel Dias Costa, presidente do Aéro Clube do Brasil.

Ao centro — Eliza Braga em terra firme, após o seu belo salto.

Ao lado — O presidente do Aero Clube do Brasil cumprimenta Joana Castilho logo após a sua empolgante demonstração de acrobacia.



Leda Batista vencedora da prova Cruzeiro do Sul.

A Legião do Ar no Rio Grande

Durante a sua viagem a Porto Alegre, onde foi instalar a "Legião do Ar", o ministro Salgado Filho, titular da pasta da Aeronáutica, recebeu várias homenagens do povo, da sociedade e do governo do Rio Grande do Sul. Dentre elas, destaca-se o churrasco que lhe foi oferecido pela "Legião do Ar", no Country Club. Estampamos aqui duas fotos colhidas durante a permanência do ministro Salgado Filho em Porto Alegre: uma desse churrasco e outra da chegada de s. excia. Ao lado, um flagrante apanhado no aeroporto, nesta capital, antes da partida.

Novos Reservistas da Aeronáutica Militar No Campo dos Afonsos, no 1.º Regimento de Aviação realiza-se a cerimonia do juramento á Bandeira de cerca de duzentos conscritos dessa unidade da Aeronáutica Militar. Nessa mesma ocasião na presença do ministro Salgado Filho, os novos soldados da Força Aérea Brasileira prestam uma homenagem ao Presidente da República, inaugurando seu retrato no salão de honra do quartel. As fotografias acima são flagrantes da solenidade.

FIGURAS & FACTOS

Haroldo Valladão Flagrantes do almoço oferecido ao professor Haroldo Valladão, catedratico da Universidade do Brasil e advogado no Distrito Federal, pelos alunos do 5.º ano da Faculdade Nacional de Direito, no Clube Ginástico Português, vendo-se um grupo tirado previamente, e o momento em que o homenageado agradecia, em brilhante improviso que foi muito apreciado.

Vicente Leite

Este flagrante foi tomado na Candelaria, ás 10 1/2 horas do dia 21 do corrente, quando se realizavam missas de setimo dia mandadas rezar pela esposa, filho, mãe, irmãos e sobrinhos, pela Sociedade Brasileira de Belas Artes e por amigos e admiradores do pintor Vicente Leite, falecido nesta capital aos 41 anos de idade. Se ao seu sepultamento, no cemiterio do S. João Batista, compareceu uma multidão composta de elementos de todas as camadas, não menos concorrida foram as exequias que registramos.

Vicente Leite, nascido no Ceará, venceu por sua capacidade, destacando-se, sobretudo, como paisagista. Com o seu quadro "Engrandecer" conquistou, em 1940, o premio de viagem á Europa, alem de ser detentor de premio de viagem pelo Brasil. E muitos dos quadros de autoria do malogrado artista ilustraram paginas da «Revista da Semana».

Sociedade Cientifica Supermentalista Com a presença de representantes das altas autoridades, realizou-se no dia 17 de Outubro no salão Leopoldo M[illegible]ez, da Escola Nacional de Musica, a sessão solene e visita de arte, comemorativas do 15.º aniversario dessa ins[illegible]ção cientifico-cultural. Presidida pelo dr. Gerson Paula Lima, os srs. Fernando Bastos, Bernardo Assunção, Geraldo Reis, Silveira Sampaio, João M. de Lacerda, sras. [illegible]lda Aguiar da Silva e Adelia de Cortes Lacerda, em ligeiros discursos, abordaram temas interessantes. A parte do canto e musica — orquestra sob a direção de [illegible]son Cintra — foi feita por Alceu Camargo, Elza Guilhon, Eloiza Albuquerque, Lile Reis, Maria Olenewa, Leda Waqui, Dinah Cardoso Martins, Tanara Capeler, Yolanda W[illegible]chi.

No Touring Club - Como vem fazendo todos os anos, o Touring Club do Brasil ofereceu, em sua séde social, uma recepção em honra dos aviadores nacionais e estrangeiros presentes no Rio. A festa, que se realizou no dia 22, reuniu as figuras de maior destaque na Aviação Brasileira e nos círculos aeronáuticos desta capital. A sessão solene foi presidida pelo dr. Juvenal Murtinho Nobre, presidente do Touring Club, que tinha á direita o capitão Nero Moura, representante do ministro Salgado Filho, e á esquerda o brigadeiro do Ar Newton Braga, presidente da Comissão de Turismo Aéreo do Touring Club.

Foi rezada domingo último, ás 9 horas, na igreja da Candelaria, missa de sétimo dia, por alma do escritor Carlos Malheiro Dias, mandada celebrar pela Federação das Associações Portuguêsas do Brasil. O ato religioso, de que damos aqui dois aspectos, foi grandemente concorrido.

LABORATORIOS MOURA BRASIL Aspecto colhido no ato inaugural das novas instalações daquele importantissimo estabelecimento industrial, quando falava o dr. Nestor Moura Brasil, diretor-gerente dos Laboratorios. Aparece tambem o professor Piccaluga, diretor cientifico do "Instituto Massone", de Buenos Aires.

O "DIA DA IMPRENSA" A A. B. I. comemorou o "Dia da Imprensa" assignando a redação final dos novos Estatutos da Associação Brasileira de Imprensa.

Cruz Vermelha Brasileira Com a presença do respectivo diretor, dr. Arthur de Alcantara, realizou-se a cerimonia inicio dos exames parciais do 1.º ano do Curso de Enfermeiras, Samaritanas Missionais, da Escola da Cruz Vermelha Brasileira. Na gravura acima, vê-se a Alberta. Antonieta Barros Barreto, quando fazia as provas da cadeira de Puericultura, da qual é professor o dr. Agenor Mafra, tomando tambem parte na mesa o dr. Waldemar Leite e Irmã Maria.

Comercio carioca Grupo de pessôas presentes á inauguração da filial da CASA VARGAS, de que damos noticia noutra seção, vendo-se ao centro a exma. sra. d. Alice Vargas, digna esposa do sr. J. A. da Fonsêca Vargas.

UMA FILIAL DA CASA VARGAS

O sr. J. A. da Fonseca Vargas, quando fazia ao jornalista Walter Rocha uma demonstração do funcionamento dos modernos aparelhos da R.C.A. Victor modelo Radio-vitrola-gravação.

Atendendo ao desenvolvimento dos seus negocios e a admiravel projeção do seu conceito, a Casa Vargas, da firma J. A. da Fonseca Vargas, com matriz á rua do Carmo n.º 35, inaugurou, no dia 25 p.p. uma filial, á avenida Rio Branco n.º 38-A. O ato inaugural, de que damos acima expressivo aspecto, foi concorridissimo, sendo muito apreciados os magnificos modelos de radios e geladeiras expostos no estabelecimento e que representam a ultima palavra no gênero.

Após o ato de inauguração da filial da Casa Vargas, os snrs. George Sims, da R.C.A. Victor, e G. Freese Jr., da General Electric, saúdam o proprietario do novo e moderno estabelecimento.

A Revista da Semana

e o "Concurso Popular" mensal do

"Diario de Noticias"

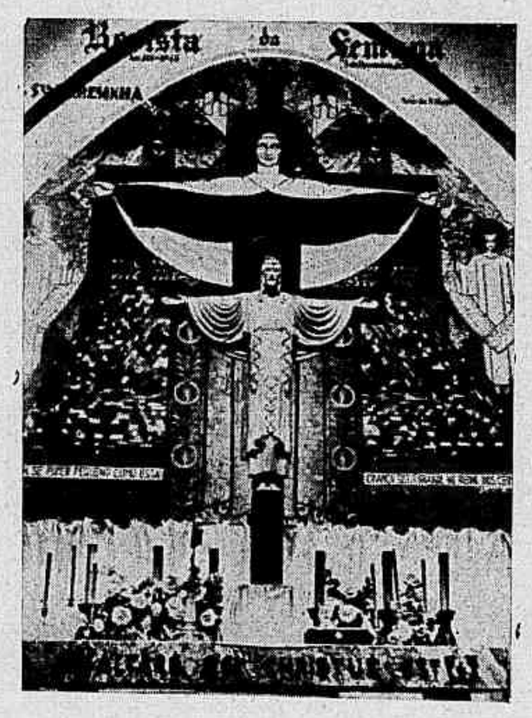
Distribuimos nesta edição mapas referentes a Novembro, do "Concurso Popular" mensal daquele matutino carioca, mapas estes destinados, de preferência, a leitores do Distrito Federal. São todos numerados e levam a indicação da série respectiva.

Si o leitor com ele concorrer ao "Concurso Popular" deste mês de Novembro, do mencionado jornal, e fôr contemplado com um de seus prêmios, do valor de 5:000$000, receberá esse prêmio do "Diario de Noticias" acrescido do valor de um conto de réis.

Por outro lado, si o mapa distribuido por intermédio desta revista, contemplado com o prêmio do valor de cinco contos de réis, não tiver sido aproveitado pelo leitor que o recebeu juntamente com a REVISTA DA SEMANA, o "Diario de Noticias" entregará aquele prêmio adicional ao portador do mapa aproveitado, da respectiva série, cujo milhar, mais alto ou mais baixo, seja o mais aproximado das 4 finais do 1.º prêmio da Loteria Federal de 10 de Dezembro vindouro. As condições, que regem o concurso, estão impressas em cada mapa com absoluta clareza.

—Da última distribuição feita por intermédio da REVISTA DA SEMANA, resultou sair premiada, por aproximação, a sra. Manuela Conceição, residente em Itaocara, Estado do Rio, que já recebeu do "Diario de Noticias" o aludido prêmio.

Nossa capa



Na capa deste número a REVISTA DA SEMANA tem uma reprodução da parte superior do altar-mór da matriz de Santa Terezinha do Rio de Janeiro. Trata-se de uma obra arquitetônica de autoria do prof. Archimedes Memoria, elaborada em acordo com os ensinamentos dos mestres da liturgia. O conjunto é constituido de duas partes distintas: o altar propriamente dito e o mosaico. A mesa do altar, que aparece na parte inferior da gravura, é constituida de uma só pedra, pesando aproximadamente dois mil quilos. O crucifixo representa Cristo-Rei, Cristo-Eterno, Cristo-Espírito. O grande mosaico está separado do altar por uma cortina, que pode ser substituida por outras, conforme os preceitos litúrgicos.

Colaboraram na realização desta magnifica obra os artistas Carlos Oswaldo, pintor, e Frei Chottor, escultor. A orientação litúrgica foi do monsenhor Leovegildo Franca e de d. Geraldo Martins.

ESCRITORIO TECNICO DE ARQUITETURA

DE

ARCHIMEDES MEMORIA

ENGENHEIRO-ARQUITETO

RUA DA QUITANDA, 67 - 3.º TEL. 43 19

JORNAL DAS FAMILIAS

Crônica da moda

Tratando-se da moda infantil, é interessante observar como os creadores da moda souberam adaptar com gosto os encantos da moda atual aos vestidos e **manteaux** das meninas e mocinhas. A jovem geração possue assim sua moda propria dizendo bem com o aspéto geral. Uma grande escolha de tecidos em lindos coloridos, com desenhos de tons vivos — flôres, folhas, xadrezes e listas—estão em voga, sobretudo os tecidos de **rayone** e de algodão, resistindo á ação do sol e á lavagem. Analogos aos vestidos das pessoas grandes, os franzidos e plissados são destinados a mocinhas e executados em tecidos leves taes como o crepe **Georgette** ou **voile** e sobretudo sedas. Os tecidos mais solidos são guarnecidos com recortes, acentuando-se o efeito dos xadrezes, das listas. Como as suas mamães, as jovensinhas gostam dos vestidos subidos, alegrados com uma pequena gola branca. Mas isto não quer dizer que os decotes em bico ou quadrados já não sejam vistos em muitos modelos. A nota esportiva de muitos vestidos juvenis é acentuada pelo fecho **éclair** — sempre em moda — pelos grandes bolsos aplicados e os cintos. As guarnições dos vestidos exprimem tanta graça como os feitios; galões multicores, cadarços, zig-zags aplicados formando desenhos, bordados de côr, lindos laços e botões originaes de todos os coloridos rivalisam, para realçar os modelos.

Marinette.

1 — Roupinha de jersey de lã azul, um casaco na terminação de blusa, dos [illegible] e na gola, no qual é enfiada uma fita estreita, branca. 2 — Vestido de zefir branco [illegible] xadrez vermelho, guarnecido com franzido ninho de abelha. Gola de fustão branco.

ESCOLHA ENTRE ES

Novo . . . CREME Desodorante *que* Detém A Transpiração *das* Axilas *sem perigo*

1. Não danifica os tecidos, não irrita a pele.
2. Não é preciso esperar que seque.
3. Detém instantâneamente a transpiração de 1 a 3 dias. Remove o odor da transpiração.
4. Um creme evanescente, branco, puro, sem gordura.
5. ARRID traz os Selos de Aprovação dos Institutos Internacionais de Tinturaria, como inofensivo aos tecidos.

As mulheres usam mais Arrid do que qualquer outro desodorante. Experimente um pote hoje mesmo!

ARRID

Tamanho econômico **9$500** Tamanho pequeno 4$500

Elegante vestido para a tarde, de seda verde esmeralda. Note-se o original feitio da blusa, franzida nos lados por pequenas tiras do mesmo tecido.

Vestido grenat para a tarde com os bolsos aplicados e bordados com perolas brancas. A saia trabalhada em pregas.

LABIOS LINDOS — COR NATURAL E [illegible]
FLEUR DE ROSE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
CASA CIRIO. — OUVIDOR [illegible]

Vestido de jersey azul marinho com listas brancas horizontais na sa[illegible]

MODELO

ES O SEU

Elizabeth

VIÇO DA JUVENTUDE

Após um dia de intensas ocupações, as horas fatigantes deixaram sináis de cansaço no rosto, que privado de encanto e atração, perdeu o viço da juventude.

Para vivificar a cutis com um efeito imediato e eficaz, o "Creme Contra Rugas" de Elizabeth Arden deve ser aplicado, sobre as marcas do rosto e cólo. O "Creme Contra Rugas" permanecendo por meia hora na cútis, depois de uma limpeza da pele com o "Ardena Creme de Limpeza" unido ao "Ardena Tonico para a Pele", não sómente elimina as rugas e linhas, como proporciona novamente á tez, o brilho que pela manhã ostentava.

Arden

SALÃO NO RIO: AVENIDA RIO BRANCO, 257
SALÃO EM S. PAULO: CASA ANGLO-BRASILEIRA

4

Elegante casaco de lã cor de areia, com originais pespontos em linha de seda azul acompanhando as costuras.

3

Original modelo executado em seda verde escuro, o grande laço e o lenço em seda verde alface.

Lavagem da toile de seda

A voga da toile de seda, empregada tanto para vestidos e blusas o para a roupa de baixo, torna necessarias algumas indicações ndo respeito à sua lavagem. Antes de mais nada deve se dizer não se emprega para isto nem a agua fria nem o sabão comum, contacto tiraria á seda sua flexibilidade e seu brilho. Deve-se regar a agua morna e o sabão em palhetas; mexe-se bem o tecido, não se esfrega; assim que a ensaboação terminar, enxaguar em rsas aguas, adicionadas com algumas gotas de amoniaco, apertar ão torcer, depois secar à sombra, ou melhor ainda entre dois s. Evitar os raios solares. Passar a ferro o tecido humido e um pano por cima.

sapataria mais querida cidade, onde a arte era e o bom gosto domina

48-RUA DA CARIOCA-48

Insinuante

Compre se lhe convier, mas não deixe de ver as nossas exposições.

Crianças que perdem tempo

Uma certa mãe apelou para mim afim de aconselhá-la sobre o tratamento de um filho que se enquadra perfeitamente num tipo muito comum. Eis o que ela me escreveu:

"Tenho um garoto de onze anos de idade — menino normal e bom. Mas não se aplica a tarefa alguma que lhe é confiada sem que haja muita insistencia e repreensão. Sempre protela as cousas o mais que pode. Pela manhã levanta-se á ultima hora. Atraza-se para iniciar seus deveres escolares em casa. Tambem é o ultimo a chegar á mesa ou a ir para a cama. Sempre protela e perde tempo. Na escola acontece o mesmo. Nunca tem os seus deveres prontos no prazo em que os colegas realizam suas tarefas, preferindo mesmo executá-las durante o recreio ou depois da aula. Não sente ambição de estar entre os colegas que ocupam os primeiros postos na classe. Sempre foi assim. Repreendo-o, castigo-o fisicamente, prometo recompensas, falo-lhe de um modo amavel, mas nada disso adianta. O garoto tem tido varios professores e todos eles são acordes nas suas queixas. Contenta-se em não ser reprovado. Felizmente tem conseguido este intento. Os mestres dizem que ele é um menino bastante inteligente e, quando quer dar conta de um trabalho, fá-lo com presteza. Toda a dificuldade está nele tomar tal decisão.

Por outro lado, tem o genio de um mecanico. Desde os sete ou oito anos de idade que se mostra interessadissimo no estudo da eletricidade. Já aprendeu muita cousa por si mesmo. Conhece todo o mecanismo de uma maquina eletrica simples e as leis da eletricidade que a governam. Nós, seus pais, apesar de sermos graduados por universidades, não temos tido ensejo de o auxiliar nesta curiosidade pelas cousas eletricas porque meu marido estudou para a carreira de ministro evangelico e eu estudei literatura. Vive mais que interessado nas maquinas e pode, com evidente facilidade e presteza, dizer a peça que não está agindo bem numa maquina. Estas são as unicas vezes que podemos vêr o nosso filho aplicado interessadamente em alguma cousa.

Maria Solange, filha do casal Isolina Vimeney da Cunha — Roberto Pereira da Cunha, no dia do seu primeiro aniversario.

Que poderei fazer? Que poderei fazer para que deixe de perder tanto tempo? Parece-me que isso será uma grande desvantagem para ele, mais tarde."

Os pais, muitas vezes, se queixam da falta de consideração e de atenção dos filhos, bem como de certa indolencia na execução dos seus afazeres. Mas, mesmo que um garoto de dez ou onze anos de idade não apresente progresso nestes sentidos, é possivel que com o entrar mesmo da adolescencia venha a sentir-se mais alerta e mais apressado em realizar as cousas com a mesma presteza das pessôas de sua idade. Tenho verificado grandes transformações ocorridas com crianças no periodo que se segue á entrada da puberdade. Uma criança nunca empresta muita importancia ao que as outras pessôas pensam ou desejam de si antes de entrar no periodo da adolescencia. Nessa idade, porém, de um modo geral, sua atitude para com os outros se torna mais sensivel e a sua conduta pode experimentar uma mudança radical para melhor. A adolescencia é um periodo reformador e de reconstrução. E isso constitue um grande consolo para os pais que lidam com crianças do tipo descrito há pouco.

Senhora Ivone Cerchiaro Rocha Souza, esposa do dr. Fernando Rocha Souza, tendo ao cólo seu primogenito Robertinho.

A graciosa menina Maria Fernanda, filha de d. Maria de Deus Albuquerque Claro e do sr. José Albuquerque Claro, no dia de sua primeira comunhão.

E' evidente que os metodos empregados pelos pais — e que, de um modo geral, são os mesmos empregados pela maioria dos pais — nenhum efeito poderiam ter na transformação dos habitos e das ações do garoto. Acresce que, si tais metodos forem continuados, todas as probabilidades são que os mesmos redundem numa maior fixação dos defeitos, ao invés de modificá-los. O garoto espera sempre ser censurado ou ouvir "sermões" e passa a satisfazer-se com um baixo padrão de rendimento do seu trabalho no lar e na escola. O unico caminho eficiente a seguir para incentivar este garoto a produzir mais é colocá-lo num outro ambiente onde possa ser levado a conquistar uma nova concepção do que poderá vir a ser e do que é capaz de executar.

De ordinario, é impossivel modificar materialmente a atitude de uma criança para com os pais aos onze anos de idade, a menos que seja posta num novo ambiente e onde tenha contacto com outros individuos. Uma criança assim precisa ser um pouco afastada dos pais e mesmo dos companheiros de todo o dia, pois a sua conduta para com eles nesta idade, já está estabelecida. E'

Refrescante...
COMO A BRISA MATUTINA

Agradar-lhe-á a sensação que se espalha por sua bôca no instante em que a língua tóca o Creme Dental SQUIBB. Fica na bôca uma frescura deliciosa que satisfaz e estimula. Êste dentifrício superior contém um eficaz anti-ácido que, ao entrar em contacto com a acidez bactérica da bôca, ajuda a neutralizá-la, evitando assim que seja atacada sua bela dentadura. O Creme Dental Squibb não contém elementos nocivos como sabão, nem substâncias adstringentes ou raspantes. Sua eficácia e pureza trazem a garantia de mais de 100 provas a que os Laboratórios Squibb o submetem durante a fabricação, antes de o entregarem à venda. É uma razão a mais para V. S. preferir Squibb quando for comprar um dentifrício.

Creme Dental SQUIBB
...O DENTIFRÍCIO ANTI-ÁCIDO
ESCÔVA ANGLE SQUIBB
cientificamente construida e recurvada da maneira mais adequada para atingir, por igual, os interstícios e as superfícies de todos os dentes.
430

Hedys Barrozo Netto, filha do casal Helio e Gladys Barrozo Netto.

como um reflexo do modo por que foi tratada. Os pais quasi sempre continuarão a adotar os mesmos metodos seguidos há anos e aos quais a criança já se acostumou na maneira de reagir. O unico meio capaz de levá-la a fazer as cousas de modo diferente do que costuma fazer, é mudar todas as suas relações, si possivel. Mudar de ambiente. E então, si tiver qualidades que a habilitem a fazer melhor um trabalho do que fazia anteriormente, aproveitará a ocasião.

Deve haver uma causa fisiologica para a indolencia do garoto. Os medicos afirmam hoje que quando a glandula tireoide não tem uma atividade suficiente, a criança tende para a vagarosidade e uma relativa indiferença pelo trabalho e na sua atitude para com as pessôas que a cercam. Si a deficiencia tireoide fôr a causa da indolencia, seus reflexos provavelmente aparecem tanto no fisico como na inteligencia — a criança fica logo com uma gordura demasiada. Si a criança fôr vagarosa e desatenta devido ás suas condições fisicas, revelará tal fato em tudo o que fizer — será mais vagarosa que as colegas em todos os brinquedos, estará em ultimo lugar nos jogos, por não lhe ser possivel reagir com a mesma presteza dos companheiros, ficando assim por ultimo em todas as suas atividades. Si, entretanto, fôr uma criança ativa no "play-ground", si pode competir com os companheiros de sua idade, si consegue o primeiro posto no seu grupo tantas vezes quanto os colegas, então é mais claro que a sua indolencia nos trabalhos escolares e em casa não é devida à perturbação fisiologica, mas á falta de interesse no trabalho que deve executar ou a uma atitude de indiferença para com os que têm autoridade e para com os metodos que empregam na sua educação. Não é muito raro que os pais censurem os filhos demasiadamente e isto provoca uma especie de reação de defesa contra os mesmos, fazendo com que se tornem os filhos surdos ás queixas e repreensões.

Si um garoto toma um interesse ativo no trabalho mecanico, mas é indiferente aos livros, é provavel que seja o que os psicologos chamam de "tipo motor", isto é, que seu interesse e seu talento especiais se relacionam com as cousas concretas mais do que com as palavras e ideias dos livros de texto. Em qualquer escola onde não haja uma oportunidade para trabalho mecanico de qualquer especie, o "tipo motor" pode mostrar-se desinteressado, indiferente, descuidado e calado. Naturalmente, o meio certo de resolver este problema seria tornar uma grande parte dos estudos em todas as escolas o mais pratico possivel, como já se faz, aliás, hoje em todas as escolas progressistas e ativas, para que crianças assim tenham uma oportunidade de realizar trabalhos com as suas proprias mãos. Em todas as escolas progressivas, especialmente nos primeiros graus, há trabalhos que obedecem ao metodo de ensino ativo, ensejando o esforço muscular e despertando o interesse dos alunos.

Certas escolas combinam o trabalho manual com os outros estudos, dentro de um plano em que os alunos passam metade do dia em contacto com os livros e a outra metade nos trabalhos manuais. Alunos que nunca demonstraram o menor interesse pelos trabalhos escolares antes da aplicação de tal plano, conseguiram destacar-se e realizam trabalhos dignos de louvor. As escolas publicas modernas adotam o metodo de "aprender fazendo", eliminando para sempre o tradicional metodo de decorar lições e outras cousas inteiramente condenaveis.

José Adolpho, filho de Vespasiano Mafra e d. Analia Nascimento Mafra.

Seria vantajoso para um menino que se mostra tão interessado em mecanica, mas que não encontra nem no lar nem na escola ambiente propicio, passar algum tempo numa fazenda, especialmente si pudesse frequentar uma bôa escola rural. Haveria toda vantagem mesmo, no seu afastamento da casa e da escola que frequenta há muito tempo, para que pudesse esquecer os metodos de educação a que está acostumado, porque não aprendeu a reagir convenientemente aos mesmos. Si puder estar sob influencias inteiramente novas durante um ano ou mais, associando-se com outras pessôas, poderá então voltar para casa com uma atitude muito diferente para com os pais e o trabalho escolar.

(Do livro "Como educar meu filho", do dr. O'Shea).

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar êste creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

JUBILEU DE OURO

Continuam recebendo felicitações de elementos destacados da sociedade e do comércio cariocas os. srs. João Paim de Menezes, Joaquim Viegas da Silva e a senhorita Yara Paim Camara, proprietários do PARAISO DAS CREANÇAS, cujo 50.º aniversário foi comemorado com uma linda festa infantil nos salões do Clube Ginástico Português. Com este registro a REVISTA DA SEMANA se associa às homenagens que teem sido prestadas ao conceituado estabelecimento de artigos para creanças.

Ornamentação do Lar

Guarnição bordada para toalha, centros de mesa e almofadas.

Este bordado, simples e decorativo, é de execução muito rapida. E' feito com lacet fino, colorido, ou branco, harmonizando-se muito bem com o ponto de haste e pontos de nós executados com a linha C. B. (Cartier-Bresson) n.º 5. Para as flôres tomar o lacet de diversos tons de amarelo, de azul ou de rosa. As linhas em dois tons de verde, para as folhas e hastes, e amarela, marron ou preta para os pontos de nó, dos centros das flôres. Este bordado executado sobre tecido branco ou beige claro. Póde-se tambem bordar todo em branco sobre fundo de côr. Uma renda de bilros ou de crochet no tom do tecido rodeia a toalha e centros de mesa

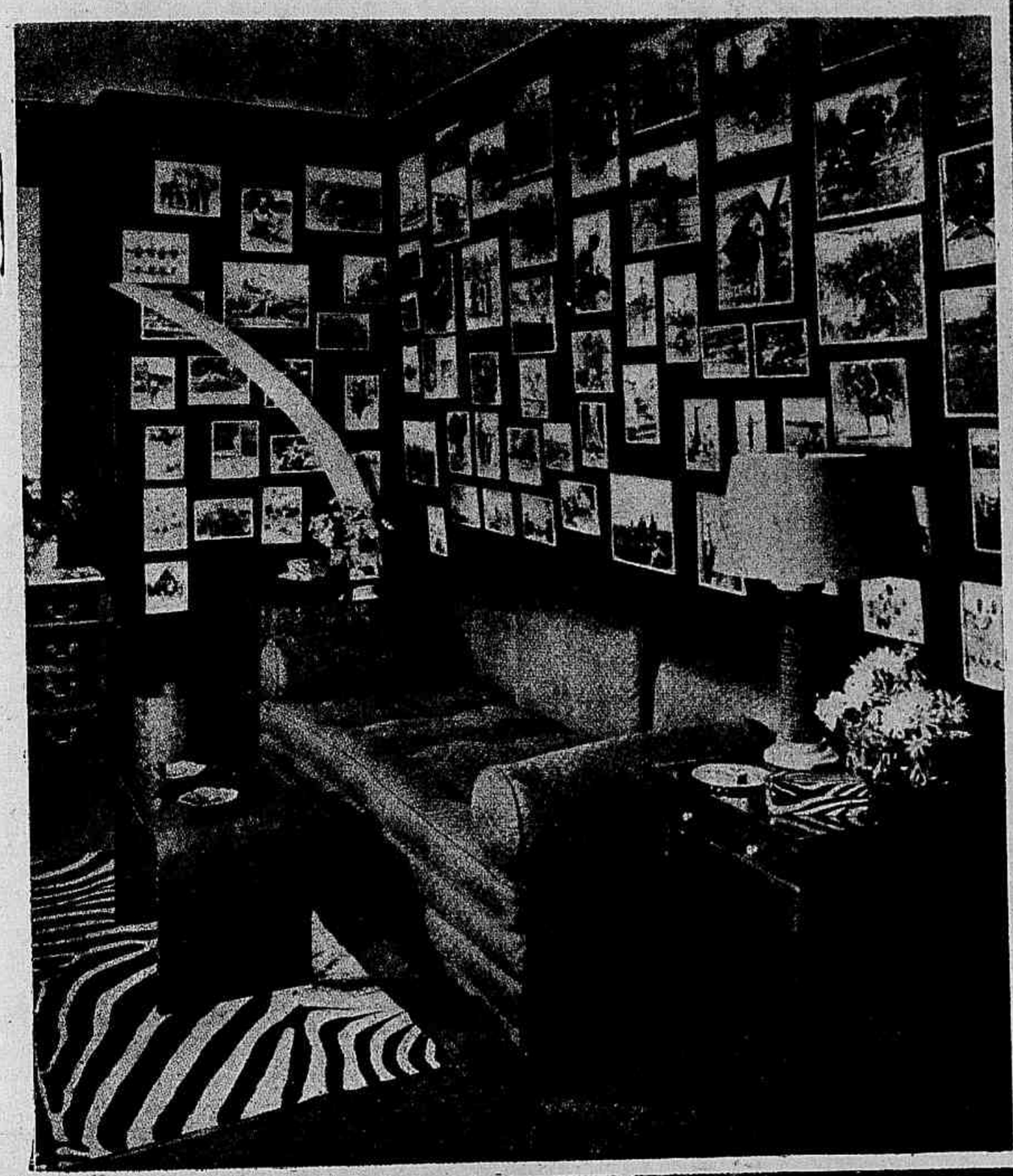
HEMORROIDAS E VARIZES

Tratamento sem Operação

Após longos estudos foi descoberto um remédio de componentes vegetais, que permite fazer um tratamento, absolutamente seguro, das hemorroidas e varizes. HEMO-VIRTUS é o nome desse remédio, que para hemorroidas internas e VARIZES deve ser tomado na dose de 3 colheres de chá por dia. Para as hemorroidas externas, usa-se o HEMO-VIRTUS, pomada. Comece hoje mesmo e leia com atenção o tratamento na bula. Não o encontrando em sua farmácia, peça-o ao depositário.

CAIXA POSTAL 1.874 (UM-OITO-SETE-QUATRO) — SÃO PAULO

As fotografias na guarnição da casa

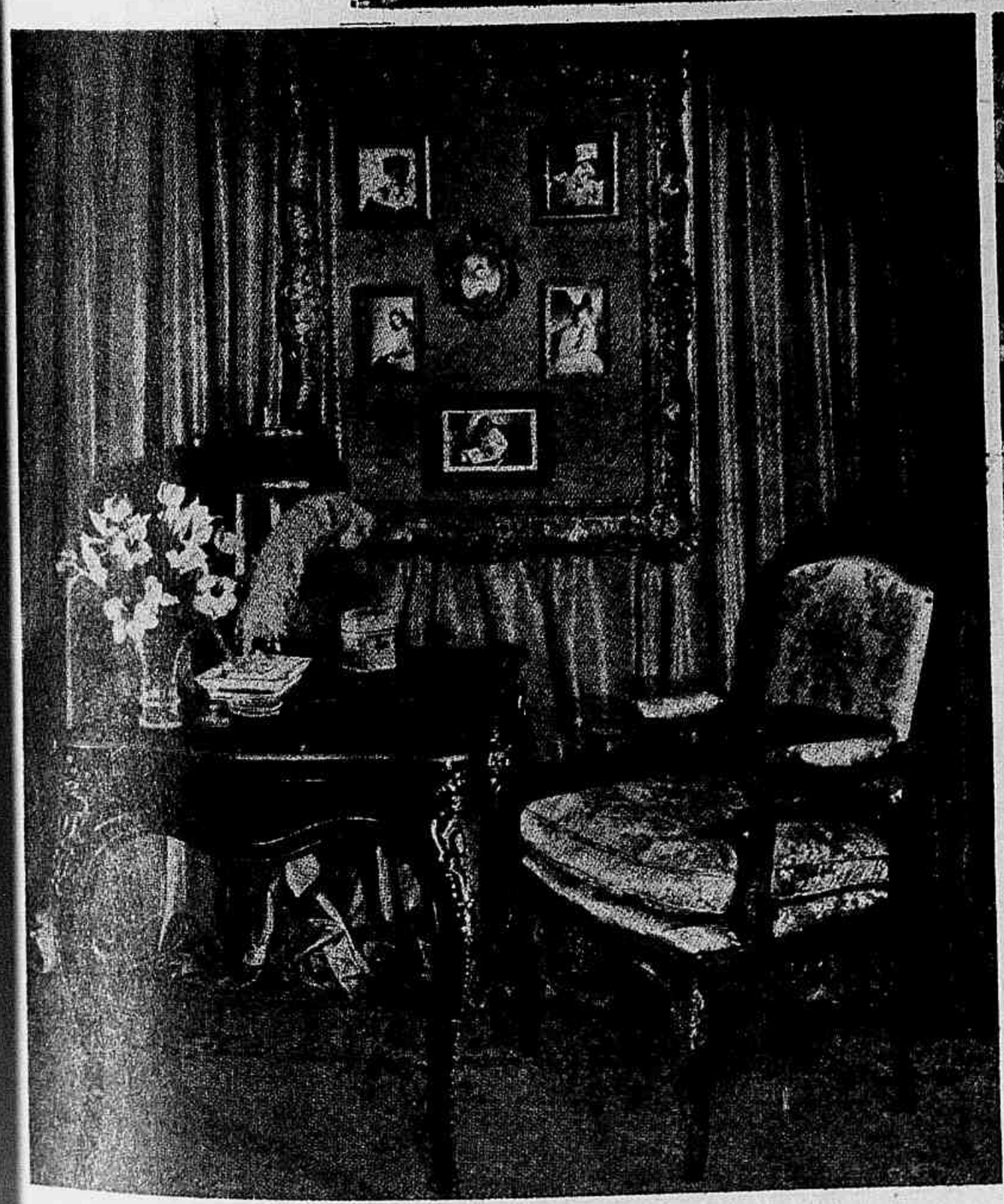


Numa sala da residencia de Mr. e Mrs. T. Shevlins, sobre uma parede forrada de azul escuro, as inumeras fotagrafias tiradas durante a expedição que fizeram na Africa em companhia de diversos amigos. O tapete de pele de zebra, a defesa de marfim dum enorme elefante são tambem recordações desta expedição. O divan e o tapete desta sala são tambem azues.

Em volta de um espelho diversas fotografias são pregadas.

Mobiliarios para apartamentos

A Fabrica de Moveis "Lamas" expõe em seu grande mostruario anexo ás oficinas, á rua Melo e Souza n.º 100/10 (proximo á estação principal da Leopoldina), inumeros modelos, especialmente criados para apartamentos e que resolvem o problema de escassez de espaço, sem prejuizo da boa comodidade, executando, ainda sob desenhos e em qualquer estilo ou dimensões, modelos especiais, oferecendo tambem, em alguns casos, facilidade de pagamento. Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente no mostruario anexo á fabrica.



Maneira interessante de colocar as fotografias: sobre um grande quadro com moldura dourada seis fotografias são pregadas. Este quadro está colocado sobre uma parede forrada com taffetá azul.

Arrumadas numa bonita armação de metal, as fotografias podem ser examinadas á vontade.

Reprodução de cenas historicas

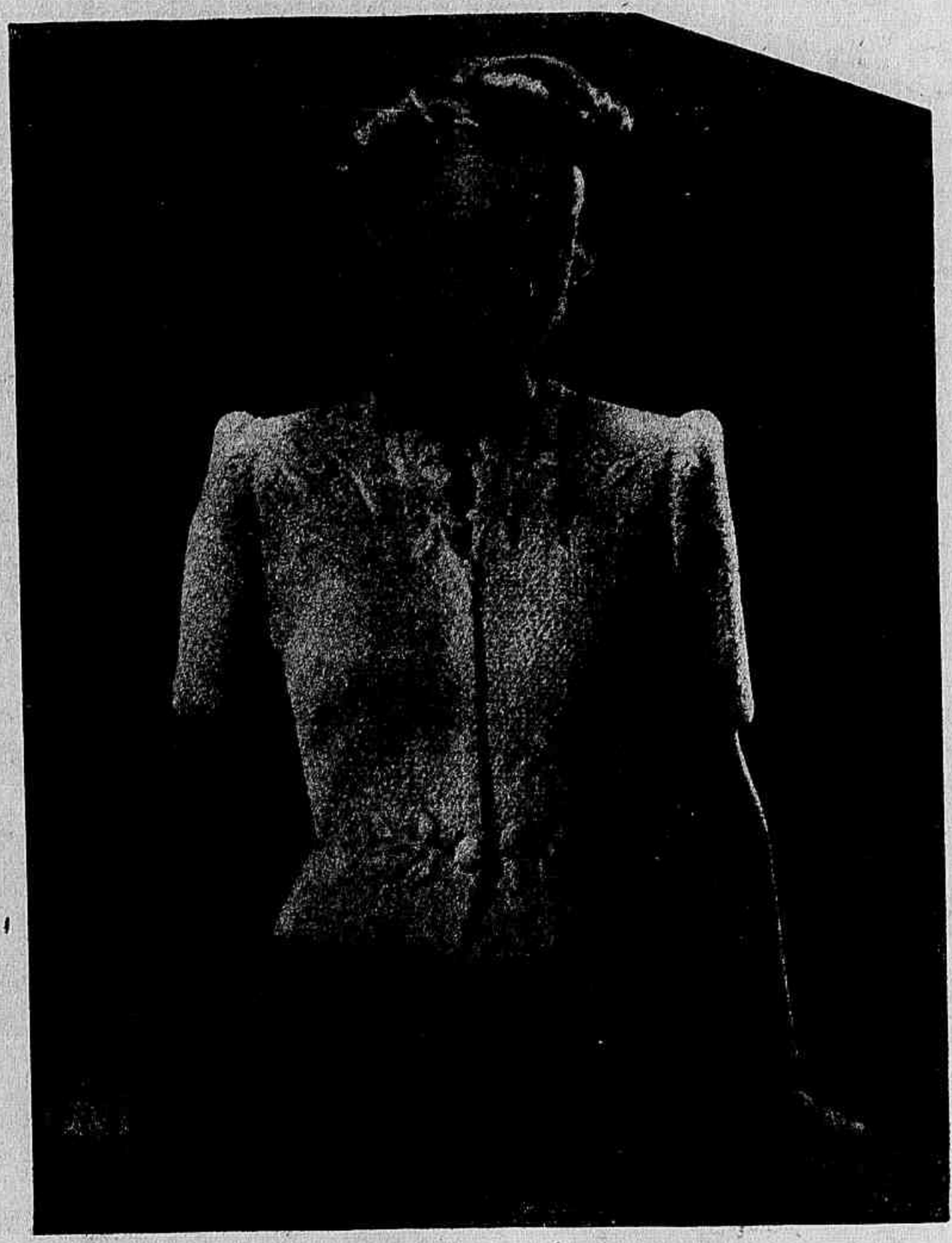
O sr. Arthur Woodward adotou o mister de *criador* de momentos históricos. Os seus trabalhos, destinados ao Museu de Los Angeles, obedecem a tal cuidado de exatidão e tal rigor de pormenores, que só se distinguem da realidade pelas dimensões... e por lhes faltar a vida.

Os soldados dum exército, por exemplo, são modelados, todos eles, com os detalhes e a expressão necessários. Todas as figuras são confeccionadas em cera, na proporção de dois centímetros e meio por trinta centímetros, e providas de cabelos humanos. Há pesquisadores especializados que indicam todas as condições a serem observadas em cada cena, inclusivamente a iluminação e o estado da atmosfera no momento histórico que se revive.

Para reproduzir o momento histórico de Monterrey, na Califórnia, em que pela primeira vez foi içada a bandeira norte-americana, procedeu-se a investigações minuciosas até se averiguar que a madrugada era de perfeita limpidez e uma luz gloriosa começava a derramar-se sobre o quadro.

Blusa de crochet de lã

Labores

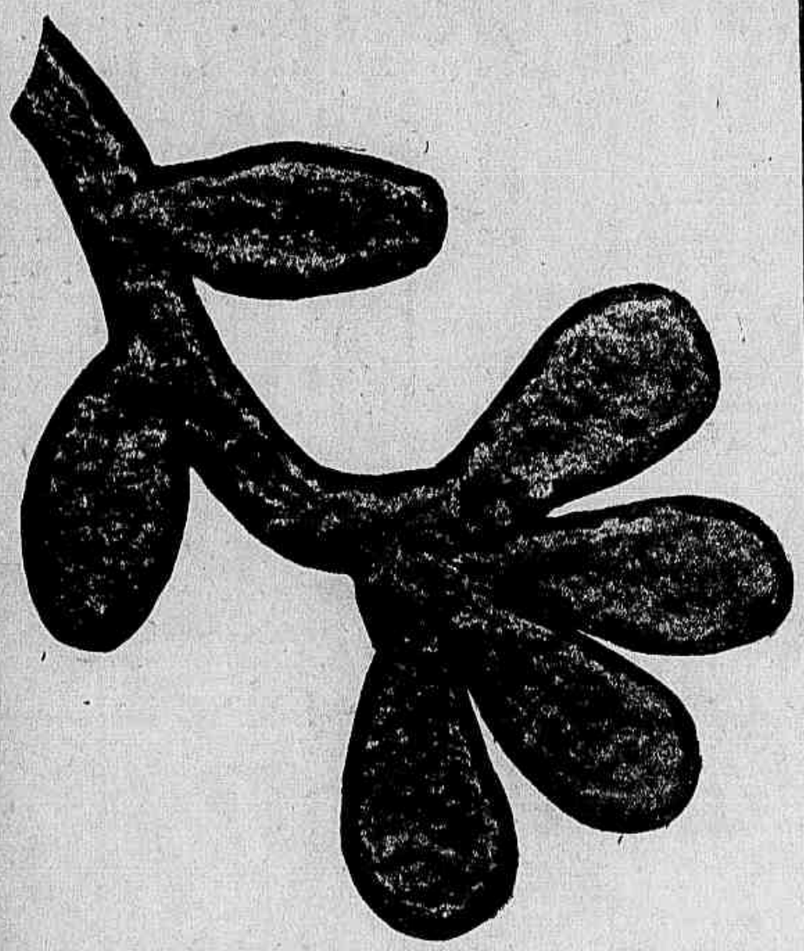


Do outro lado da trancinha de base, fazer 2 pontos altos, 2 meios pontos, 2 pontos simples e 1 malha de trancinha. Partir o fio. Fixar as 4 petalas na parte de cima do calice (examinar o modelo). Para as hastes fazer trancinhas com 2 ou 3 fios de lã e pregá-las com o avesso para cima.

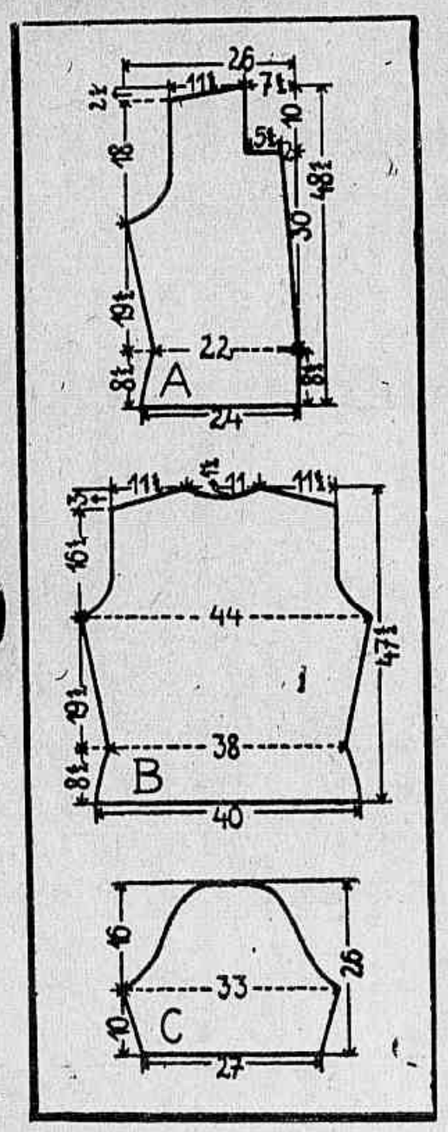
Execução — Cortar os moldes com as medidas exatas e segui-lo. Um quadrado de 5 centimetros apresenta 20 malhas em comprimento e 13 carreiras na altura.

Todas as peças são começadas pela parte de baixo. Para cada frente fazer uma trancinha de 98 malhas, para as costas uma trancinha de 162 malhas e para cada manga uma trancinha de 110 malhas. Na frente direita, a 8 centimetros e meio de altura e a 1 centimetro da beirada, fazer uma casa de 2 centimetros de largura. Fazer as costuras antes de pregar as mangas franzir a parte de cima e, para alargar os ombros, coser 1 pedaço de fita gros-grain (14 centimetros) de 3 a 4 centimetros de largura dos quais arredondam-se os cantos da ourela em comprimento. Para a terminação das frentes e em volta da gola fazer tiras de 2 centimetros de largura e pregá-las com pontos invisiveis sobre o direito. Pregar um pedaço de fita no avesso das frentes, na altura da cintura; isto feito, pregar pelo direito as guirlandas, depois pregar um botão coberto com crochet. Pregar depois as guirlandas da parte de cima, cujas ultimas folhas alcançam as mangas.

Blusa de crochet que tanto pode ser executada em lã como em linha.



A guirlanda de crochet.



Os moldes com as suas medidas.

As medidas indicadas neste modelo conveem para manequim 42.

São necessarias 300 grs. de lã crespa amarelo claro de grossura média, uma agulha de crochet n.º 2, outra n.º 1 ½ e um metro de fita de 1 centimetro e meio de largura, do tom da lã.

Ponto empregado — Com a agulha de crochet n.º 2 indo e vindo, fazer sempre alternando 1 ponto simples e uma malha de trancinha, na primeira carreira em cada 2.ª malha da trancinha de base, em todas as outras carreiras meter sempre a agulha de crochet nos dois fios da malha do ponto inferior. Para as guirlandas que guarnecem a frente, trabalhar com a agulha de crochet mais fina, 26 folhas e duas flôres da seguinte maneira. Folhas: fazer 11 malhas de trancinha, depois fazer 1 ponto sobre a ultima malha da trancinha, nas oito malhas seguintes fazer 2 pontos simples, 4 meios pontos (pontos baixos), 2 pontos simples e depois 3 malhas de trancinha na ultima malha da trancinha; depois fazer sobre o outro lado da trancinha de base 2 pontos simples, 4 meios pontos, 2 pontos simples, uma malha de trancinha para juntar-se à primeira e cortar o fio. Flôr: calice: Fazer 3 malhas de trancinha, fazer 4 pontos altos na mesma malha (primeira malha), 2 malhas de trancinha, voltar o trabalho e fazer 2 pontos altos sobre cada ponto alto. Para cada uma das 4 petalas, fazer 9 malhas de trancinha. Fazer uma malha de trancinha na penultima malha da trancinha, nas seguintes 6 malhas fazer 2 pontos simples, 2 meios pontos, 2 pontos altos e 3 pontos altos na 7.ª malha.

Retrato feito em crochet

Sem duvida alguma é uma grande artista esta norte-americana, mrs. A. L. Lentz, que executou este retrato de Roosevelt em crochet; mas deve tambem ser dotada de grande paciencia.

femininos

Casaco de tricot com pregas nas costas

As medidas dadas para tamanho médio. Todo o **tricot** é executado no ponto de **jersey**: uma carreira pelo direito, uma carreira pelo avesso.

Executado em lã "kayak" são necessarias 900 grs., e duas agulhas de **tricot** de 3mm. e meio de diametro.

As costas são feitas em 3 partes:

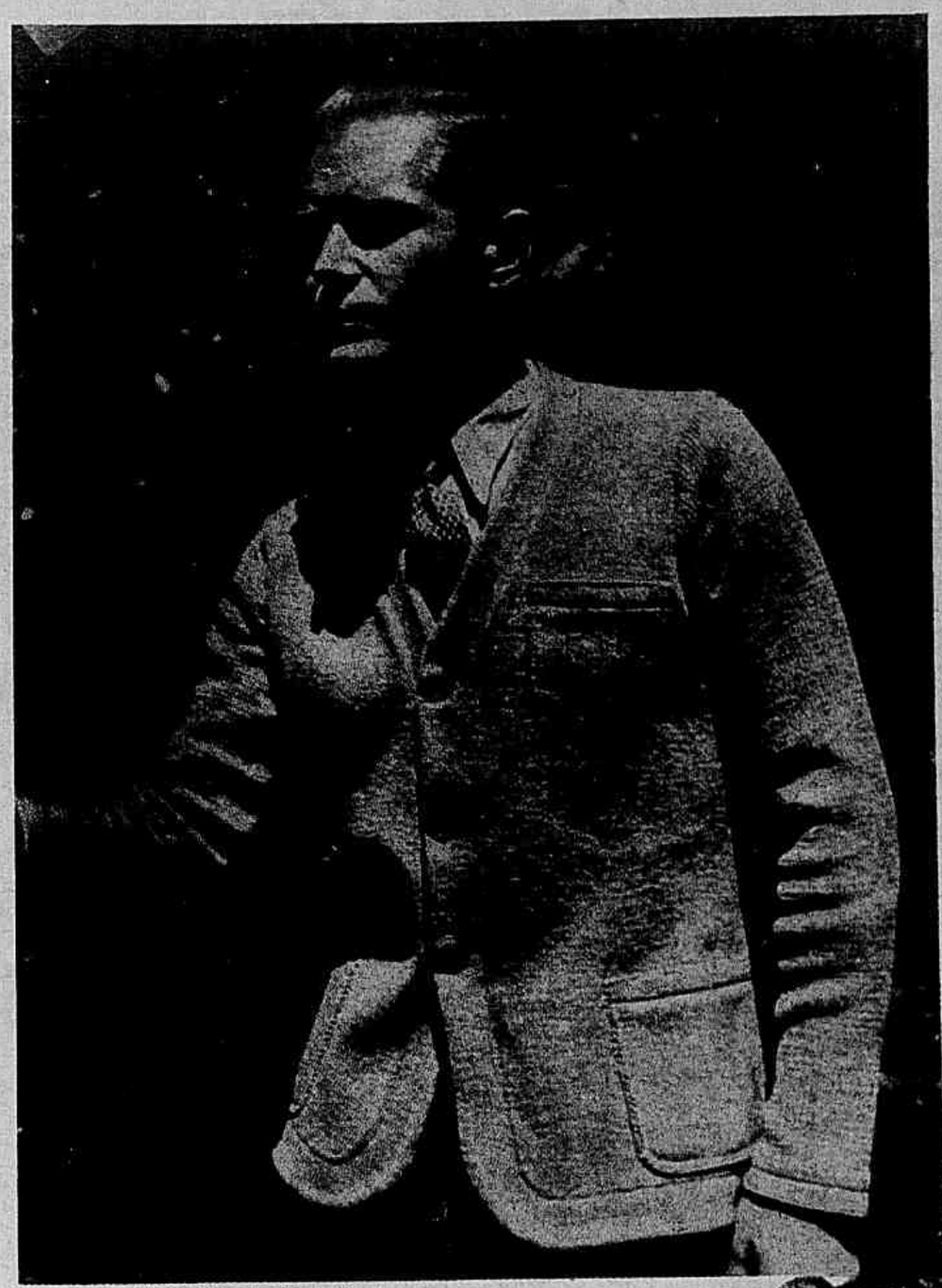
a) — a parte de baixo;

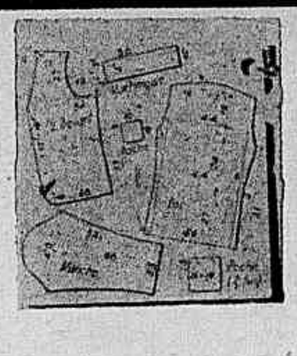
b) — o meio que forma duas pregas, mantidas por uma costura sob a martingale;

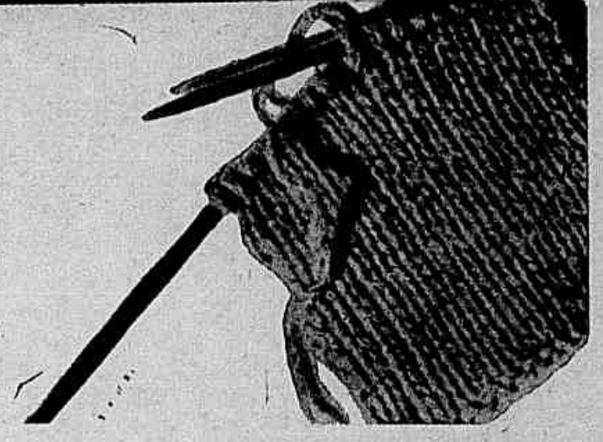
c) — pala.

Para começar a parte de baixo das costas pôr na agulha de **tricot** 130 malhas. Tricotar 23 centimetros fazendo de cada lado 3 vezes 1 diminuição com 7 centimetros de intervalo. Tricotar 4 centimetros sem diminuir e depois fechar todas as malhas. A parte para a parte **b**— pôr na agulha de **tricot** 184 malhas. O ponto a 8 centimetros de cada extremidade é tricotado sempre o avesso sobre o direito e inverso para o avesso (dobra da prega). Tricotar 24 centimetros fazendo de cada lado sempre 1 aumento todos os 3 centimetros. Depois diminuir de cada lado 10 vezes 1 malha com 1 carreira de intervalo. A 7 centimetros da cava, fechar todas as malhas. Para a pala que se começa pela parte de baixo, pôr na agulha de **tricot** 120 malhas, fazer de cada lado 8 vezes 1 diminuição com uma carreira de intervalo. Continuar em linha réta e quando a pala medir 10 centimetros de altura fazer de cada lado 3 vezes 1 aumento com duas carreiras de intervalo. Quando a pala medir 16 centimetros de altura fechar de cada lado com 1 carreira de intervalo, em 6 vezes, 44 malhas para cada ombro e de uma só vez as malhas restantes. Reunir as tres peças, formando as pregas de cada lado na parte em que é pregada a pala e na parte de baixo tomando por base a dobra produzida pelo ponto avesso a 8 centimetros das extremidades (a prega tem pouco mais ou menos 5 centimetros de profundidade).

Frente — Começa-se pela parte de baixo (lado direito). Pôr na agulha de **tricot** 78 malhas. Numa das extremidades (lado do abotoamento) fazer, com 1 carreira de intervalo, 3 vezes 1 aumento de 2 malhas e 8 vezes 1 aumento de 1 malha (arredondado da parte da







frente que continua em seguida em linha réta até ao ponto indicado mais adiante). Simultaneamente do lado da costura tricotar 23 centimetros fazendo 3 vezes 1 diminuição com 7 centimetros de intervalo, tricotar 5 centimetros sem diminuir e 19 centimetros fazendo um aumento todos os 3 centimetros. Quando medir 47 centimetros de altura, fechar para a cava 13 malhas a 10 pontos do lado da costura. Deixar o trabalho à espera e tricotar os dez pontos em linha réta do lado da costura, e do lado da cava fechar com 1 carreira de intervalo 3 vezes 2 malhas e 4 vezes 1 malha. Retomar o trabalho deixado à espera, e fechar do lado do abotoamento 1 malha em cada centimetro pouco mais ou menos durante 20 centimetros. Tricotar 3 centimetros sem diminuir e fazer desse lado 2 vezes 1 aumento com 1 centimetro de intervalo. Simultaneamente, completar a cava fechando com 1 carreira de intervalo 3 malhas, duas vezes 2 malhas e 7 vezes 1 malha. Quando a cava medir 10 centimetros de altura, fazer 5 vezes 1 aumento com 2 centimetros de intervalo. Quando a cava medir 23 centimetros de altura, fechar 11 por 11 as 44 malhas do ombro. Fazer a parte da frente do lado esquerdo da mesma maneira, mas formando 3 casas, a dois centimetros da beirada, fechando 5 malhas que são postas novamente na agulha na carreira seguinte. A primeira a 24 centimetros da parte de baixo, as duas outras com intervalo de 10 centimetros e meio.

Mangas — Começar pela parte de baixo pondo na agulha de **tricot** 65 malhas. Tricotar 3 centimetros. Tricotar 1 carreira avesso sobre o direito (dobra da bainha). Retomar o ponto de **jersey**, tricotar 12 centimetros em linha réta, depois fazer de cada lado 17 vezes 1 aumento com um intervalo de 2 centimetros e meio, pouco mais ou menos. Quando medir 52 centimetros de altura, fechar de cada lado com uma carreira de intervalo 1 vez 4 malhas, 2 vezes 2 malhas e sempre 1 malha durante 11 centimetros, e 2 malhas durante 3 outros centimetros. Fechar de uma só vez as malhas restantes.

Bolsos — Para um dos bolsos grandes, pôr na agulha 38 malhas, fazer de cada lado com 1 carreira de intervalo 3 vezes 1 aumento. Depois tricotar em linha réta. Quando medir 16 centimetros de altura, tricotar 1 carreira pelo avesso sobre o direito (dobra da bainha). Tricotar ainda 3 centimetros e fechar as malhas.

Para o bolso pequeno, pôr na agulha de **tricot** 26 malhas. De cada lado fazer 2 vezes 1 aumento com uma carreira de intervalo. Quando medir 10 centimetros de altura, formar a bainha da mesma maneira que o bolso grande.

Martingale: — Pôr na agulha de **tricot** 30 malhas. Tricotar 7 pontos pelo direito, 1 ponto pelo avesso, 14 pontos pelo direito, 1 ponto pelo avesso, 7 pontos pelo direito. Na volta tricotar os pontos como se apresentam, pelo direito os pontos pelo direito, pelo avesso os pontos pelo avesso. Tricotar assim até obter 38 centimetros de comprimento. Dobrar o trabalho na linha dos pontos pelo avesso dobrando a martingale. Fazer um pesponto na maquina a 1 centimetro das beiradas.

Para a tira que rodeia todo o casaco pelo avesso, pôr na agulha de **tricot** 14 malhas, tricotar em linha réta pouco mais ou menos 2 metros 75 centimetros de comprimento. Pregar a tira na borda e dobrar para o avesso fixando esta bainha por um pesponto na máquina.

Singer

N - 7 3

Um belíssimo livreto SINGER, GRATIS!

Envie-nos este coupon e receberá um magnífico manual ilustrado, contendo interessantes sugestões sobre a ARTE DE COSER e DECORAÇÃO DO LAR.

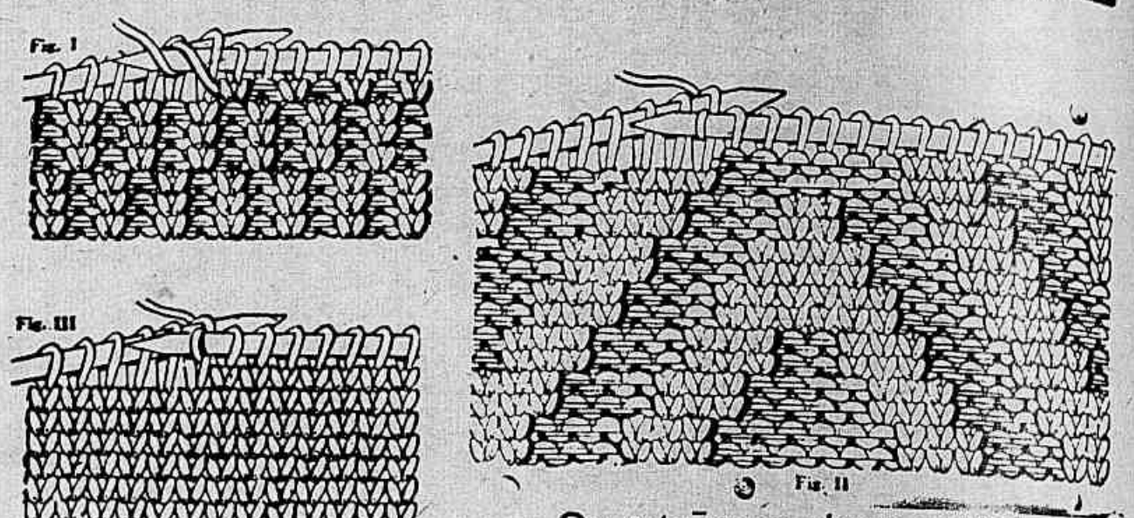
SINGER SEWING MACHINE CO.
Caixa Postal, 2967 — São Paulo

NOME .....
RUA .....
BAIRRO .....
CIDADE .....
ESTADO .....

THERMOMETROS PARA FEBRE
CASELLA-LONDON
Min Casella London 84914
FUNCCIONAMENTO GARANTIDO

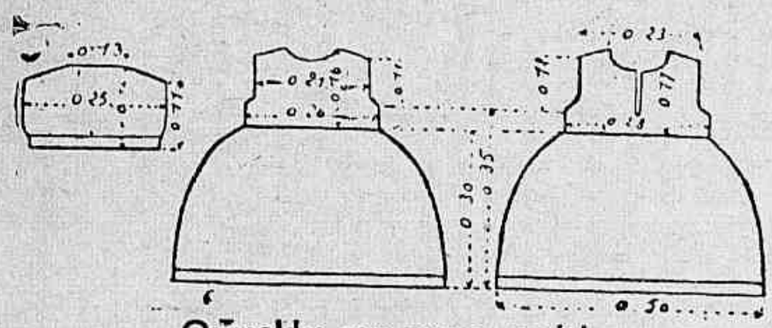
Modelos para Crianças

1 — Roupa para menino de veludo verde, a blusa de crepe branco com listas verdes. 2 — Vestido para dama de honor, de tafetá branco com listas verdes, nervuras na cintura. Faixa e laços de fita de veludo verde.



Os pontos empregados no vestidinho.

Vestidinho de tricot



Os moldes com as suas medidas.

Este vestidinho é executado com "radialaine", em branco, rosa, coral, verde claro, jade, azul, amarelo claro ou vermelho vivo.

Para menina de 3 anos e meio a 4 anos são necessarias 200 grs. deste fio, duas agulhas de 3mm. de diametro e um jogo de cinco agulhas de aço.

Costas — Começa-se pela parte de baixo pondo na agulha 162 malhas; tricotar durante tres carreiras 1 malha pelo direito 1 malha pelo avesso, pondo as malhas sobre o direito sobre as malhas pelo direito da carreira precedente e as do avesso sobre as do avesso; fazer outras tres carreiras, mas colocando os pontos do direito sobre o do avesso da ultima carreira das tres primeiras (fig. 1). Depois fazer o seguinte ponto: 3 malhas pelo direito, 3 malhas pelo avesso, e tricotar assim as 78 malhas, depois fazer 6 malhas do meio pelo direito e recomeçar 3 malhas pelo avesso, 3 malhas pelo direito, isto até ao fim da carreira. Voltar da mesma maneira pondo as malhas pelo direito sobre as malhas pelo direito e as do avesso sobre as do avesso. Nas duas carreiras seguintes começar por 2 malhas pelo direito na primeira carreira e continuar em seguida 3 malhas pelo direito, 3 malhas pelo avesso; no meio restam só 4 malhas pelo direito, isto para deslocar as malhas de uma malha para o meio de cada lado do trabalho. Desloca-se assim todas as duas carreiras; o meio tendo sucessivamente em seguida 2 malhas pelo direito, depois 6 malhas avesso, 4 e 2 para depois recomeçar 6 malhas pelo direito, etc. (fig. 2). Quando o trabalho medir 33 centimetros de altura, fazer o ponto de **jersey** (fig. 3), tomando duas malhas juntas toda a carreira; voltar pelo avesso, tomando ainda duas malhas juntas, mas sómente todas as 8 malhas para ficar na agulha com somente 70 a 72 malhas. Tricotar 5 centimetros a direito, depois fechar de cada lado 5 malhas para começar as cavas; na carreira seguinte fechar duas malhas de cada lado, depois 3 malhas e em seguida continuar a direito até medir 47 centimetros de altura. Fechar 14 malhas no meio para a gola, depois tricotar cada lado separadamente, fechar duas malhas do lado da gola 3 vezes, depois ainda fazer 6 carreiras e formar o ombro fechando as malhas que restam em tres vezes. Fazer o outro lado da mesma maneira.

Frente — Fazer exatamente igual às costas até medir 4 centimetros de altura no trabalho de **jersey**. Separar então o trabalho no meio para a abertura da frente. Tricotar primeiro um deixando o outro lado à espera, trabalhar da mesma maneira que nas costas do lado da cava e a direito no lado da abertura. Quando a abertura medir 10 centimetros de altura fechar então 10 malhas para a gola, depois 3 vezes 2 malhas deste mesmo lado e em seguida seis carreiras; enviezar o ombro fechando as malhas restantes em tres vezes.

Mangas — Começar pela parte de cima pondo na agulha de **tricot** 42 malhas; trabalhar no ponto de **jersey** (fig. 3) aumentando 2 malhas no começo de cada carreira até que se obtenha 84 malhas, tricotar então a direito até medir 13 centimetros de altura, depois trabalhar no ponto da fig. 1 tricotando na primeira carreira 2 malhas juntas todas as 2 malhas; fazer 3 carreiras, depois inverter o desenho e fazer mais 3 carreiras, inverter novamente o desenho e fazer mais 2 carreiras, fechar na terceira carreira.

Coser os ombros e apanhar em volta da gola e da abertura todas as malhas com as agulhas de aço, tendo o direito do vestido na sua frente, fazer 7 carreiras no ponto de **jersey** (o avesso será o direito) e fechar as malhas muito frouxas. Dobrar esta tira para formar um **rouleauté** e coser no ponto em que foram apanhadas as malhas com pontos escondidos feitos com agulha. Pregar um botão na gola e fazer uma alça do outro lado

1 — Casaco de lã beige para ser usado com uma calça de lã marron. 2 — Manteau de lã branca com xadrez azul marinho, a gola e bolsos de lã azul marinho. 3 — Vestidinho de crepe ou linho branco com xadrez vermelho, guarnecido com cadarço zig-zag vermelho. 4 — Saia com bretelles de lã verde, blusa de crepe ou de voile branco com listas vermelhas.

1 — Calcinha de flanela de algodão. 2 — Sapatinho de flanela de fantasia. 3 — Casaco de crochet. 4 — Camisa de cambraia guarnecida com bordado. 5 — Touca de tecido lavavel.
6 — Calça longa de tricot de lã. 7 — Touca de setim guarnecida com arminho.
8 — Vestido longo guarnecido com bordado e preguinhas. 9 — Camisa de cambraia abotoada nas costas. 10 — Camiseta guarnecida com renda e bordado. 11 — Calcinha guarnecida com festões. 12 — Corpinho para a calcinha.
13 — Vestidinho de veludo ou flanela guarnecido com flôres aplicadas.
14 — Coberta acolchoada e lençol com renda.
15 — De voile bordado esta guarnição para o carrinho. 16 — Casaco de lã enfeitado com franzidos e laços. 17 — Fronha de cambraia com babado. 18 — Babador bordado. 19 — Babador com viez de côr. 20 — Cueiro e corpete de fantasia, debruados com fita.
21 — Calcinha com breteles de tecido de fantasia.
22 — Pijama de flanela. 23 — Calça-camisa de flanela guarnecida com bordado na gola.

CORREIO FEMININO

Alguem (São Paulo) — Gostou muito da solução para o seu caso e apela novamente para o CORREIO FEMININO afim de resolver a situação de uma parenta. Então, o companheiro abandonou sua tia depois de vinte e seis longos anos de união, declarando agora que nunca foi feliz em sua companhia, e resolveu afinal "aproveitar o resto da vida"? Que aproveite, então. Não pretendo, de forma alguma, impôr a todo mundo os meus pontos de vista. Digo apenas o que faria si estivesse no logar de quem me escreve. Eu não gastaria cera com defunto tão ruim. Quero dizer: não choraria (garanto!) nem uma lágrima em homenagem a semelhante espécime de gente. Sua tia se lamenta muito, dizendo que nem ao menos a segurança material ele pretende lhe proporcionar, abandonado-a miseravelmente sob todos os pontos de vista. Creio que atitude tão mesquinha há de servir para encorajá-la a esquecer esse homem. Si tivesse morrido, ela teria que passar de qualquer maneira sem o ordenado dele, não era? Pois, faça de conta que morreu mesmo (fez peor do que isso...). Em nossos tempos, e numa cidade grande como essa, não é dificil a ninguem arranjar trabalho honesto. Sua tia deve aparentar uma atitude altiva. Mostrando-se senhora de si, indiferente e dando a entender que não precisa dele... quem sabe si não voltará arrependido, hein? Homem não é qualidade de gente não!...

Nadir (Paraíba) — A "pequenina e boa" nos deu enfim um ar de sua graça! Antes tarde do que nunca... Você é uma menina simples, diz que não precisa de conselhos, pois nunca lhe apareceram complicações na vida sentimental, escreveu apenas para dizer quanto gosta do "Correio Feminino" da REVISTA DA SEMANA. Obrigada, querida. Quanta saudade de Tambaú e Praia do Poço a sua cartinha veiu reavivar em mim! Hoje, parece que o calor veiu mesmo tomar conta do Rio, e... apesar das praias daquí terem fama de ser as mais belas do mundo, para os olhos de um nordestino faltar-lhes-á sempre o complemento decorativo e a nosso ver indispensavel: o coqueiral. Temos Copacabana, Urca, Ipanema, porém a que continuará sempre em primeiro logar em nossa preferência é... Tambaú!

Julita (Belem do Pará) — Confessa que é bastante sapeca e "para cúmulo de caiporismo está gostando de um rapaz tão tímido que chega a esfriar as mãos quando dansa com você". De forma que há seis meses estão marcando passo: nem ele se resolve a fazer uma declaração, e nem você tambem, apesar do sapequismo, creou ainda coragem suficiente para tomar a iniciativa. E, como não é dotada de muita paciência, apela para o **Correio**, pedindo solução.

Francamente, não compreendo como é que alguem possa se interessar por um homem que vive esfriando as mãos assim, a tom de caixa... Talvez tenha sido mesmo a diferença de temperamentos que a fez se inclinar para ele. Mas, não acredito que isso dê certo para sempre. Pense muito, repare bem si pode realmente gostar muito de um homem irresoluto, quando a sua natureza é ardente, impetuosa e... sapeca, enfim.

Si estiver mesmo decidida, então, o remédio para o seu caso é uma "intermediária"... para não dizer outro nome.

Mas, pelo amor de Deus, não vá chegar à conclusão de que estou me candidatando ao logar!

Manaíra.

O segredo do encanto

Você já viu alguma vez uma senhora — a outros respeitos impecavelmente vestida — mas com luvas manchadas, um rasgão nas meias ou sapatos acalcanhados? Si já viu, deverá ter observado como você esqueceu rapidamente as boas impressões sobre a sua aparência para só recordar o que lhe desagradou. Muitas vezes, entretanto, há alguma cousa mais sutil que prejudica uma perfeita apresentação.

Um gosto apurado deveria representar uma única cousa para todas as mulheres — o uso constante de um creme moderno, que as libertaria, ao mesmo tempo, das manchas e mau odor causados pela transpiração das axilas. ARRID, por exemplo! Este creme puro está sendo usado mais do que qualquer outro produto semelhante, para proteger a feminilidade das mulheres.

Deve haver alguma razão para a grande popularidade de ARRID, e de facto há. E' tão simples de aplicar, que tudo que se necessita fazer é tomar um pouco desse creme e espalhá-lo na região axilar, e imediatamente se esquecerá de qualquer preocupação sobre o mais leve mau odor.

Ainda mais, o Selo de Aprovação do Instituto Americano de Lavanderias (American Institute of Laundering) assegura-lhe que o seu melhor vestido estará completamente a salvo de quaisquer perigos que o suor causa aos tecidos. Por isso,

si você ainda não usou esse excelente creme axilar, experimente-o hoje mesmo e não se arrisque a comprometer os efeitos de um bom-gosto impecavel.

Braços e Axillas sem macula

LIVRES DE PELLOS QUE TANTO AFEIAM E ESTRAGAM COM O SUOR OS SEUS VESTIDOS

As grandes estrellas de Hollywood e do velho mundo não usam jámais a navalha ou outros meios antiquados para remover os pellos superfluos nos braços, axillas e pernas. O depilatorio ideal "Racé" destróe instantaneamente e até á raiz todo vestigio de pennugem e mesmo os pellos mais grossos. "Racé" é o moderno depilatorio em pó, branco, suave e perfumado, não contem substancias prejudiciaes à pelle e não tem máo cheiro.

"Racé" elimina os pellos com incrivel rapidez, não irrita a pelle e evita que os pellos tornem a crescer mais vigorosos.

NÃO MAIS VESTIDOS INUTILIZADOS

pelo suor originado dos pellos das axillas, que exhalam cheiro desagradavel.

Use "Racé" e faça-nos o obsequio de contar os resultados ás suas amigas.

RACE vende-se nas principaes drogarias, perfumarias e pharmacias.

"LABORATORIOS VINDOBONA"

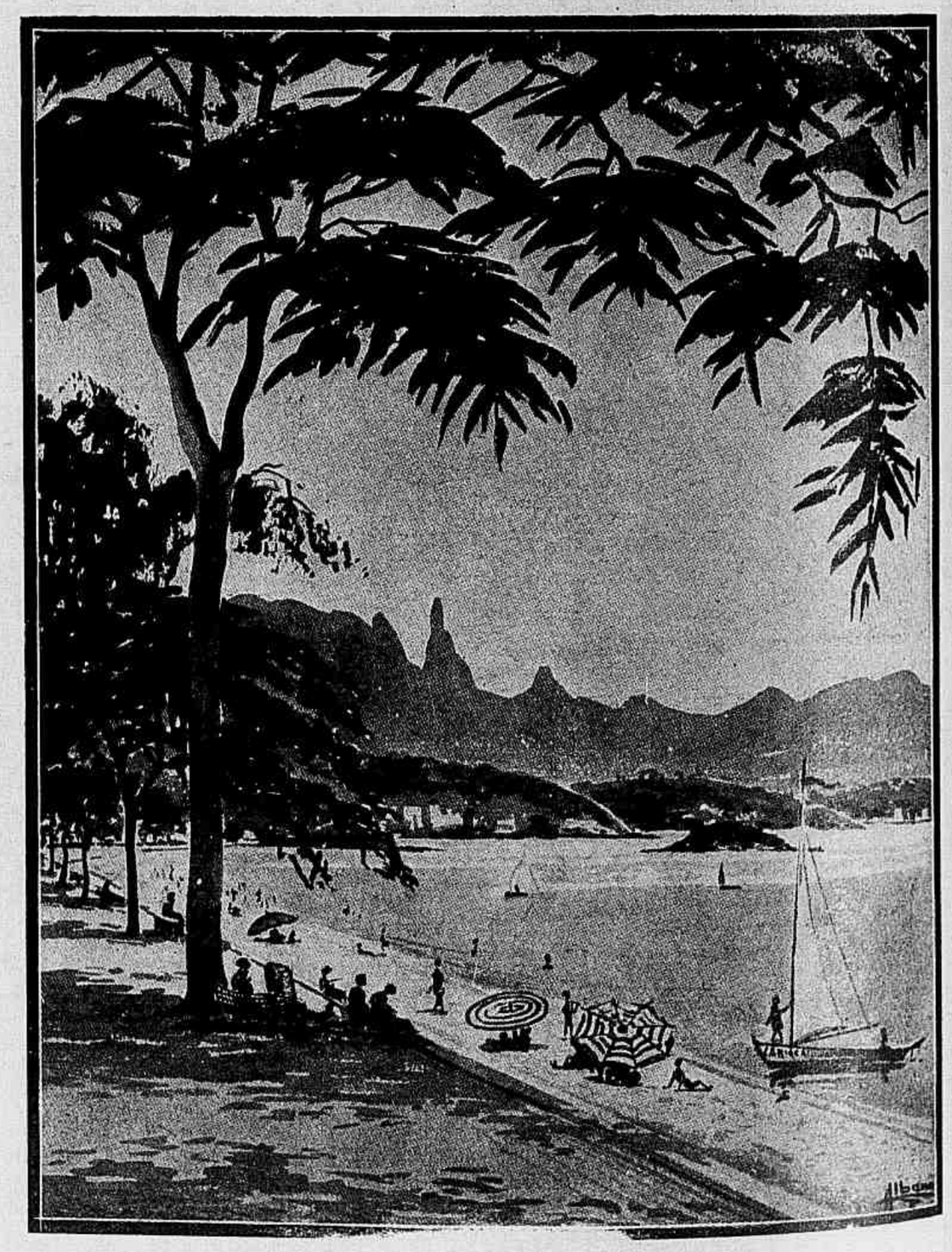
RUA URUGUAYANA, 104 - 5.º AND. — TEL. 23-1100 — RIO DE JANEIRO

PEÇA FOLHETOS GRATIS — PEDIDOS DO INTERIOR ATTENDEM-SE NO MESMO DIA

Racé
o perfeito destruidor do pello

LABORATORIOS VINDOBONA R. S. — R. 6
RUA URUGUAYANA, 104 - 5.º AND. — RIO DE JANEIRO
Queira enviar-me o folheto explicativo do DEPILATORIO RACÉ
Nome .....
Rua .....
Cidade ..... *Estado* .....

JARDIM CARIOCA
(ILHA DO GOVERNADOR)



No Jardim Carioca, na Ilha do Governador, estão à venda os melhores terrenos, a longo praso, sem juros e com direito a sorteios de quitação.
COMPRE POR COBRE O QUE VALE OURO!
Prospectos e informações á Av. Rio Branco, 108 — 6.º
Fônes 42-3554 e 42-3812 — Rio.

TOILETTES PARA CASAMENTO

1 — Vestido para dama de honor de tulle azul com pintas prateadas. Dois laços na cintura de veludo azul safira. 2 — Vestido elegante de crepe georgette preto. Bouquets de bleuets na gola e na cintura. 3 — Vestido para pequena dama de honor de crepe azul claro. Uma guirlanda de rosinhas côr de rosa em volta da pala. Faixa de setim azul claro. Chapéu de tulle azul guarnecido com rosinhas. 4 — Vestido para noiva, de crepe marocain branco, com guarnição de franzidos ninho de abelha. Véu de renda. 5 — Elegante vestido para noiva, de tafetá branco. Pequena corôa de flôres de laranja e véu de tulle ilusion. 6 — Vestido para noiva de setim branco com mangas e pala de renda. Duplo véu sobre o rosto.

MODELOS JUVENIS

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
CASA CIRIO — OUVIDOR 181

Para os proximos dias de verão, apresentamos aqui, ás nossas gentis leitoras, os mais leves e variados modelos. Ao alto: á esquerda, 4 interessantes "shorts" para praia ou esportes. A' direita um elegante modelo para passeio. No centro 2 elegantes modelos esportivos, executados em linho, e a seguir um juvenil vestido muito proprio para passeios-matinais.

PESTANAS TENTADORAS
PARA OLHOS ADORAVEIS

Eis a maneira facil de tornar os olhos mais lindos e fascinantes:

1) Frize as pestanas com KURLASH — o aparelho americano que revira os cílios em um minuto.
2) KURLASH não necessita de aquecimento ou cosméticos e o seu manejo é simples.
3) Após o manejo de KURLASH veja no espelho o resultado obtido em um minuto.
4) As pestanas tornam-se mais longas e belas e o olhar fascinante.

KURLASH

Distrib. S. V. Mangual & Cia. Ltda.
Rua Paulino Fernandes, 55 — Rio
PREÇO PELO CORREIO 22$000

Modelos para ocasiões diversas

1 — Vestido e casaco de crepe azul, os botões são verdadeiras joias, imitação de saliras rodeadas por duas ordens de brilhantes. O casaco bordado com soutache do mesmo tom. Chapéu de veludo azul escuro. 2 — Vestido de crepe cinzento, guarnecido com flôres aplicadas, dos dois lados da frente. Chapéu preto assim como as luvas e sapatos.

Vestido simulando um costume de foulard azul marinho com pintas brancas, com gola, punhos e cinto de faille branca. Acompanhado por um casaco sem mangas do mesmo tecido.

Co de lã azul acinzentado. Casaco ajustado, saia lisa e blusa de crepe do mesmo tom.

o preparado que dá "IT"

«A hygiene da mulher é a deusa que a embelleza».
Certamente, o saber vestir é uma condição de successo no destino feminino, mas o segredo do exito está, essencialmente, no asseio corporal. Porque o asseio integral tem uma influencia viva na saude e uma projecção radiosa na personalidade.

Leite de Rosas

LEITE DE ROSAS DESENCARDE E ALVEJA AS AXILLAS E OS COTOVELLOS ENNEGRECIDOS. DANDO A ESSAS REGIÕES APPARENCIA ATTRAHENTE E CONSERVANDO-AS RIGOROSAMENTE LIMPAS E PERFUMADAS.
DESODORANTE IDEAL, SUA APPLICAÇÃO NO CORPO CORRESPONDE A UM ASSEIO COMPLETO.

Limpa e amacia a cutis

Leite de Rosas é phantastico na eliminação das espinhas, sardas, pannos, cravos, rugas, etc. Maravilhoso fixador do pó de arroz, de aroma divino, deve ser usado a todo momento para proteger a pelle contra as queimaduras do sol e as variações do tempo.

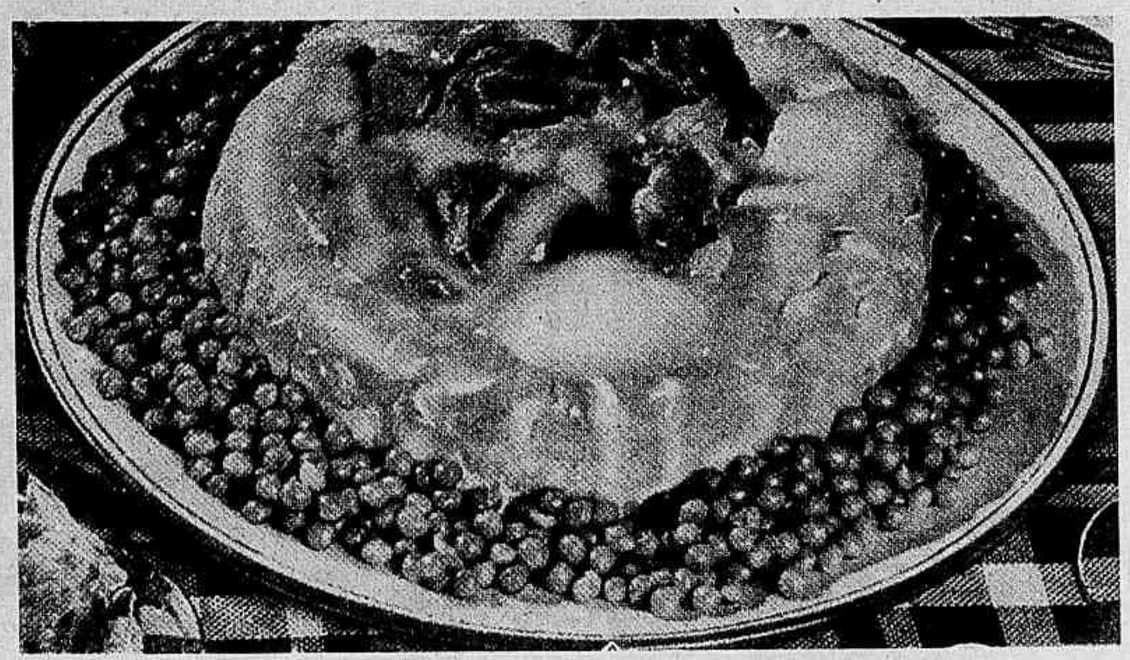
O Laboratorio, á rua J. J. Seabra, 10 — (Phone 26-0725) — Rio de Janeiro — distribue litteratura e "amostra gratis". Convem lêr com attenção o prospecto e a bulla, que acompanham o vidro, para conhecer todos os segredos do uso.

MENU DO ALMOÇO

BETERRABAS COM CAMARÕES — LINGUA ENSOPADA COM BOLO DE PÃO E ERVILHAS — FILETS DE CARNEIRO COM MÔLHO METTERNICH — CENOURAS — PUDIM DE CREME — BOLO DAS ARDENAS

BETERRABAS COM CAMARÕES

Tomar duas ou três beterrabas grandes, pôr para cozinhar e depois raspar e cortar em fatias de um centimetro pouco mais ou menos de espessura. Colocar as rodelas dentro de um prato fundo e despejar por cima azeite para que banhem bem e uma colher de vinagre. Deixar durante duas horas neste tempero. Durante este tempo pôr para cozinhar uma bôa porção de camarões, descascar e em seguida envolver os camarões numa maionaise bem espessa (empregar duas gemas cozidas para uma crua). Misturar os camarões com a maionaise, os camarões devem ser bastantes, para não ser uma maionaise de camarões mas sim camarões envolvidos em maionaise. Retirar as fatias de beterrabas do tempero, arrumá-las numa travessa ou melhor num prato redondo de cristal, sobre cada fatia de beterraba colocar um montinho de camarões.



Lingua ensopada com bolo de pão e ervilhas.

Esta mistura é excelente e o prato muito bonito. Pode-se torná-lo mais interessante cortando as beterrabas em cubos de 4 a 5 centimetros, que são em seguida cavados e postos igualmente no tempero da maneira já indicada. Pôr então os camarões dentro dessas pequenas cavidades de maneira a passar acima em monte.

LINGUA ENSOPADA COM BOLO DE PÃO E ERVILHAS

Depois de aferventada e limpa é a lingua posta para cozinhar na agua temperada com sal e um bouquet de cheiros.

Depois de tirada a pele é cortada em fatias enviezadas.

O môlho: Pôr numa panela uma colher de manteiga e raspar dentro um pouco de cebola, assim que começar a tomar côr juntar uma colher de farinha de trigo, mexer bem e juntar 4 chicaras de caldo e um calice de vinho do Porto, ou meio copo de vinho branco. Deixar engrossar e depois juntar as fatias de lingua, temperar o môlho fora do fogo com salsa picada e uma colherinha de mostarda.

Despejar este ensopado no meio do bolo de pão.

BOLO DE PÃO

Unta-se bem com manteiga uma fôrma baixa e aberta no centro e vai-se arrumando dentro fatias de pão da vespera untadas com manteiga e peneirando por cima queijo ralado, junte uma chicara de caldo e deixe algum tempo para amolecer do miolo do pão. Depois despejar dentro um copo grande de leite no qual se misturou dois ovos pouco batidos, peneira-se por cima com queijo e vai ao forno em banho-Maria.

ERVILHAS

As ervilhas são debulhadas e postas para cozinhar em agua temperada com sal e comum bouquet de cheiros, depois de cozidas escorrer bem a agua e temperar com manteiga.

FILETS DE CARNEIRO COM MOLHO METTERNICH

Tomar um quilo de lombo de carneiro e cortar em filets mignons, lardear com finas tiras de toucinho.

Preparar o seguinte tempero: uma cebola picada refogada na manteiga, depois molhada com um copo de vinho branco, um calice de vinagre, uma colher de azeite, um pequeno bouquet de cheiros, pimenta do reino em grão, sal, deixar ferver e depois diminuir o fogo para cozinhar lentamente. Depois coar e despejar por cima dos filets que precisam ficar neste tempero algumas horas. Depois são retirados os filets, enxutos e depois vão tomar côr na manteiga bem quente (uns cinco minutos de cada lado).

Môlho: Pôr numa panela um decilitro de vinho branco, igual quantidade de vinagre, 3 cebolinhas e deixar ferver para reduzir a metade, deixar amornar, juntar fora do fogo duas gemas de ovos batendo bem com o batedor, juntar em seguida um bom pedaço de manteiga, sal, pimenta, deixar cozinhar em fogo brando, depois coar e juntar 4 colheres de polpa de tomates, e mais um pouco de manteiga batida.

Para obter-se um môlho espesso, manter quente no banho-Maria. Retirar os filet da frigideira, juntar um copo de vinho branco, deixar reduzir este môlho, despejar sobre os filets e servir o outro môlho já preparado na molheira.

CENOURAS

Pôr numa panela, com agua fria temperada com sal, cenouras tenras e raspadas. Pôr para cozinhar em fogo brando.

Pôr numa panela 30 gramas de manteiga, assim que aquecer juntar uma colher de farinha de trigo. Molhar com dois decilitros do caldo em que foram cozidas as cenouras. Mexer numa tigela uma gema de ovo, juntar um pouco do caldo, depois despejar dentro da panela, dar uma fervura, retirar do fogo forte e juntar 30 gramas de manteiga e um pouco de suco de limão. Pôr as cenouras dentro deste môlho, misturar tudo muito bem com uma colher de pau.

PUDIM DE CREME

Tomar 250 gramas de palitos franceses e cobrir cada biscoito com marmelada de damasco. Untar muito bem uma fôrma com manteiga e colocar os biscoitos por camadas. Entre cada camada por passas (retiradas as sementes), laranja e cidra cristalizadas, picadas em pedacinhos, terminar por uma camada de palitos. Fazer um creme com leite, gemas de ovos batidas com açucar, mas antes de cozinhar este creme despejar a metade dentro da fôrma do pudim. Pôr o pudim para cozinhar em banho-Maria. Engrossar o resto do creme para fazer um môlho.

Decorar o pudim depois de virado para o prato com pedacinhos das frutas cristalizadas.

BOLO DAS ARDENAS

Misturar 125 grs. de manteiga e 20 grs. de açucar. Bater muito bem 3 claras, juntar as 3 gemas, bater um pouco mais e juntar a manteiga e o açucar, juntamente com três colheres de leite, juntar em seguida 250 grs. de farinha de trigo e 25 grs. de fermento. Amassar tudo muito bem e despejar dentro de uma fôrma grande bem untada com manteiga, a massa deve chegar só até o meio da fôrma. Colocar a fôrma na porta do forno, assim que a massa crescer pôr para assar no forno bem quente, uns vinte a vinte e cinco minutos pouco mais ou menos.

Dois aspectos colhidos nos salões do Clube Pacaembú, em São Paulo, durante o baile pró monumento a Caxias, ali realizado.

De São Paulo

Sociedade Poloneza Josef Pilsudski em São Paulo

Aspecto de uma reunião na séde da "Sociedade Poloneza Josef Pilsudski", em São Paulo, que teve a presença do sr. Consul Polonez e de outras personalidades. A cantora Wanda Zakowska interpretou varios numeros de seu repertorio e foi calorosamente aplaudida.

Duas cartas de Prudente de Moraes

Sob este título tivemos o prazer de publicar em nossa edição de 4 de outubro — página 3 — um judicioso artigo do sr. Aureliano Leite, em que foram omitidas, por lapso de composição e revisão, algumas palavras cuja falta alterou o sentido do último periodo no final da primeira coluna do referido artigo.

Repetimo-lo agora no seu verdadeiro texto, apresentando desculpas ao nosso distinto colaborador, a quem concienciosamente devemos a presente retificação:

"As suas expansões cordiais, tanto como os seus desabafos figadais, encontram-se aí dentro dessas missivas, como as duas entranhas se acomodam perpetuamente no interior de cada carcassa animal."

ORCHIDEA-SCHMIDT
São Paulo, rua Augusta, 2786
TEL. 8-3697
O maior e melhor sortimento em ORCHIDEAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS!
Peçam catalogo
VISITEM O MEU ORCHIDEARIO. EM PIRAQUARA.

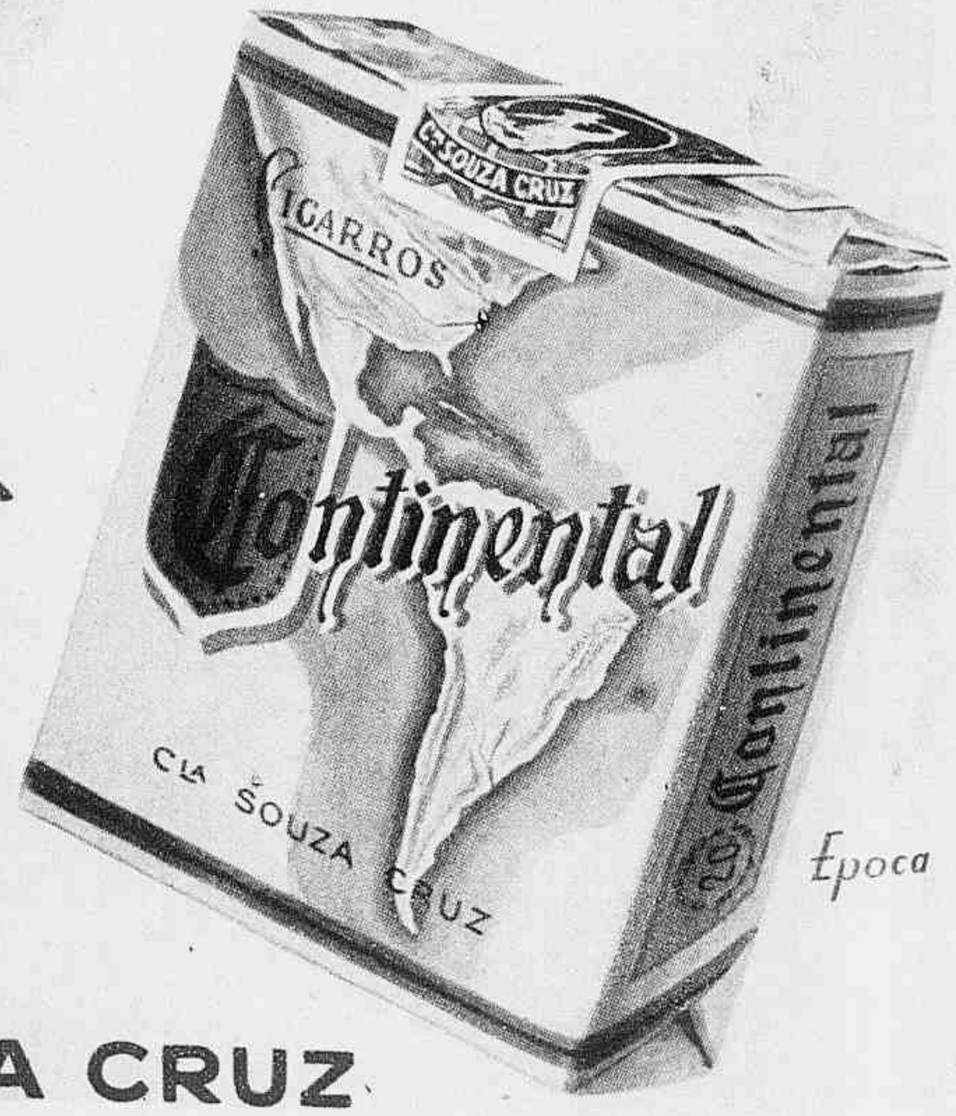
INSTITUTO ROENTGEN
Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.
Rua Barão de Itapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 — Tel. 4-0394
— SÃO PAULO —

ENLACE OLIVEIRA -- LLORENTE

Em baixo: Constituiu um acontecimento de relevo social o enlace matrimonial do sr. Paulo Quintino de Oliveira, filho do sr. João Quintino de Oliveira e de d. Ester de Oliveira, com a senhorita Julia Llorente, filha do sr Julio Llorente e de d. Ida Llorente, recentemente realizado na Igreja de N. S. do Carmo, em S. Paulo. Após a cerimonia, realizou-se na Sociedade Harmonia de Tenis uma recepção oferecida pelas familias dos nubentes, á sociedade paulistana.

Quando os homens pensam...

não dispensam um cigarro



CIA · DE CIGARROS SOUZA CRUZ

Época

"Canhoto" do Mapa

SERIE C

Nº 2143

COM este MILHAR, vai V. Exa. concorrer, pela Loteria Federal de 10 de Dezembro de 1941, sem qualquer despesa alem do preço diario do seu jornal, a um dos nossos premios mensais do valor de 5:000$000 cada um, que lhe poderá caber, mesmo por aproximação.

Foram emitidas 10 series de Mapas para Novembro, das letras A a J. Haverá 1 premio do valor de 5:000$000 e 5 "premios de consolação", do valor de 100$000, para cada serie.

CONCURSO POPULAR N. 56, DO

O matutino de maior tiragem do Distrito Federal

DE 2 A 30 DE NOVEMBRO DE 1941

10 premios do valor de 5:000$000 cada um

50 premios do valor de 100$000 cada um

PELO MENOS 3 LEITORES TERÃO QUE RECEBER, CADA MES, OS NOSSOS PREMIOS DO VALOR DE 5:000$000 CADA UM

— E' que, de acordo com a cláusula I, mesmo que nenhum concorrente seja sorteado, distribuir-se-ão três premios daquele valor aos portadores de Mapas com MILHARES mais aproximados do 1.º premio da Loteria Federal.

3 LEITORES FORAM CONTEMPLADOS NO "CONCURSO POPULAR" DE SETEMBRO, COM OS NOSSOS PREMIOS DO VALOR DE 5:000$ CADA UM

Pela Loteria Federal de 11 de Outubro, realizou-se o sorteio relativo ao nosso "Concurso Popular" n.º 54, de Setembro último, com o seguinte resultado: — 1.º Premio, 2670; 2.º, 1408; 3.º, 1288; 4.º, 6613; 5.º, 5875; e 6.º, 1816.

Havíamos distribuido, gratuitamente, para aquele concurso, 10 Mapas com o milhar 2670, das Series A a J, a cada um dos quais caberia um dos nossos premios do valor de 5:000$000. Entretanto, apenas três foram aproveitados pelas pessoas que os receberam, sendo-lhes entregues no dia 13 de Outubro, conforme a noticia detalhada em nossa edição do dia 14 do mesmo mês. São os seguintes os leitores contemplados, todos desta capital:

5:000$000 — **Mapa n.º 2670, Serie E, D.ª Maria da Gloria da Silva, residente à rua Tangará, 520, Bonsucesso;**

5:000$000 — **Mapa n.º 2670, Serie H, D.ª Guiomar Teixeira, residente à rua Teixeira Junior, 19, S. Cristovão; e**

5:000$000 — **Mapa n.º 2670, Serie J, D.ª Durvalina Pereira dos Santos, residente à rua Cardoso de Melo, 58, Osvaldo Cruz.**

814:100$000

Com os premios correspondentes ao sorteio de 11 de Outubro, pela Loteria Federal, relativos ao "Concurso Popular" n.º 54, de Setembro último, eleva-se a 814:100$000 o valor dos premios já distribuidos aos leitores do DIARIO DE NOTICIAS através deste nosso concurso, sendo 615:000$000, correspondentes a 123 premios do valor de 5:000$000, cada um; 55:100$000, correspondentes a 551 "Premios de Consolação", do valor de 100$000, cada um; 4:000$000, premios POR APROXIMAÇÃO, correspondentes a 4 Mapas distribuidos pelas revistas "Eu Sei Tudo" e "Revista da Semana"; e 140:000$000, correspondentes aos três "Premios Perseverança" - 1938, 1939 e 1940.

SE V. EXA. VAI CONCORRER AO "PREMIO PERSEVERANÇA - 1941", QUEIRA GUARDAR ESTE "CANHOTO", FAZENDO ABAIXO AS INDICAÇÕES PEDIDAS ABSOLUTAMENTE NECESSARIAS NO FIM DO ANO:

N.º e data da relação de "Mapas" recolhidos" em que foi publicado, conforme a cláusula "d", o n.º deste Mapa: .....

Nome por extenso: .....

Residencia: .....

Localidade: .....

17 LEITORES CONTEMPLADOS COM OS "PREMIOS DE CONSOLAÇÃO" DO VALOR DE 100$000, CADA UM

Alem dos três premios do valor de 5:000$000, e dos três, por aproximação, do valor de 1:000$000, distribuimos mais 17 "premios de consolação", do valor de 100$000, cada um, os quais couberam aos seguintes leitores:

DISTRITO FEDERAL

* **Mapa n.º 1408, Serie B, Sr. Luiz** Zamagna, res. à rua Sacadura Cabral, 309;
* **Mapa n.º 1408, Serie E, Sr. Sabino** J. de Oliveira Vasconcelos, res. à rua Felipe Cardoso, 501;
* **Mapa n.º 1408, Serie G, D.ª Ilka** Siqueira, res. à rua Benjamim Constant, 143;
* **Mapa n.º 1408, Serie I, Srta. Geni** de Freitas, res. à rua Bela de São Luiz, 56, c. 2;
* **Mapa n.º 1288, Serie D, Sr. Germano** de Paula Viana, res. à rua Cons.º Galvão, 140, c. 5;
* **Mapa n.º 1288, Serie E, D.ª Estela** Faria Sodré de Castro, res. à rua Bernardo Vasconcelos, 281;
* **Mapa n.º 1288, Serie F, Sr. Eduardo** Gomes da Silva, res. à rua Campos da Paz, 91-A;
* **Mapa n.º 1288, Serie H, Sr. Wamberto** Torres Tenorio, res. à rua Cajueiros, 127;
* **Mapa n.º 1288, Serie I, Sr. Olimpio** dos Santos, res. à trav. do Patrocinio, 106;
* **Mapa n.º 6613, Serie D, Sr. David** Ferreira, res. à rua Buriti, 201;
* **Mapa n.º 5875, Serie I, Sr. José Lemos**, res. à rua Almirante Gavião, 43, apt. 1;
* **Mapa n.º 1816, Serie E, D.ª Joana** Meier, res. à rua Neves Leão, 36; e
* **Mapa n.º 1816, Serie J, Sr. Anibal** Ribeiro da Cunha, res. à rua Getulio, 244, c. 2.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

* **Mapa n.º 1408, Serie D, Sr. Matias** de Alencar, res. no Beco Martinez, 94, Olinda;
* **Mapa n.º 1408, Serie J, Sr. Bernardino** Ferreira de Matos, res. à rua Lourenço de Campos, 11, São Mateus;
* **Mapa n.º 6613, Serie H, Sr. Heitor** Firme, res. à rua São José, 34, Niterói; e
* **Mapa n.º 5875, Serie D, Sr. Benedito** Feliciano de Carvalho, res. à rua Baronesa, 28, Nova Friburgo.

Este Mapa é distribuido, obsequiosamente, por intermedio da "Revista da Semana"

GUARDE EM SEU PODER ESTE "CANHOTO", PARA COM ELE HABILITAR-SE AO "PREMIO PERSEVERANÇA - 1941", ENVIANDO À REDAÇÃO APENAS O MAPA

Condições do CONCURSO POPULAR N.º 56 do DIARIO DE NOTICIAS

(de 2 a 30 de Novembro de 1941)

a) — O DIARIO DE NOTICIAS publicará, de 2 a 30 de Novembro de 1941, na segunda página, 25 coupons, (um por dia), numerados de 1 a 25, para serem recortados diariamente e colados no Mapa ao lado, na ordem em que vão sendo publicados, só podendo ser colado um coupon da mesma data.

b) — Terminada a publicação dos 25 coupons, a 30 de Novembro, o leitor completará o Mapa e o mandará pelo Correio ou o trará pessoalmente à redação do DIARIO DE NOTICIAS, à rua da Constituição n.º 11. No dia seguinte, o DIARIO DE NOTICIAS dará a lista dos Mapas (pelo número) recebidos na véspera e que entrarão no sorteio de 10 de Dezembro de 1941, pela Loteria Federal.

c) — Os Mapas preenchidos devem ser enviados à redação de 1 a 8 de Dezembro. Os que chegarem fora deste prazo não entrarão no sorteio.

d) — Feita a entrega ou a remessa do Mapa à nossa redação, deverá o leitor certificar-se, pela lista que publicaremos no dia seguinte, se o mesmo chegou ao nosso poder, pois só entrarão no sorteio os Mapas cujos milhares aparecerem nessas listas, as quais serão publicadas antes do sorteio, diariamente, de 1 a 9 de Dezembro.

e) — Qualquer reclamação relativa a extravio de Mapas remetidos à redação tem que ser feita dentro de 24 horas, a contar da data da remessa, não podendo, entretanto, ser recebida qualquer reclamação depois de 10 de Dezembro.

f) — Pelas condições, simplificadas ao máximo, deste concurso, não se faz necessario a troca do Mapa por um talão numerado. O proprio Mapa já é numerado com o MILHAR com o qual o leitor entrará no sorteio.

g — Será permitida a falta, no Mapa, de três coupons, no máximo.

h) — O sorteio será feito pela Loteria Federal de 10 de Dezembro de 1941. Cada leitor que houver concorrido com um Mapa cujo milhar corresponder aos 4 algarismos finais do primeiro premio daquela loteria, receberá um premio do valor de 5:000$000. Os leitores que houverem concorrido com Mapas cujos milhares corresponderem aos 4 algarismos finais dos 2.º, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º premios da mesma loteria, receberão os nossos "premios de consolação", do valor de 100$000 cada um.

i) — No caso de nenhum dos concorrentes ser contemplado no sorteio pela Loteria Federal de 10 de Dezembro, com um dos nossos premios maiores do valor de 5:000$000, concederemos 3 premios desse valor aos possuidores dos três Mapas cujos milhares, mais altos ou mais baixos, sejam os mais aproximados do milhar final do 1.º premio da referida loteria. Essa maior aproximação poderá ser verificada pelos proprios leitores pela publicação das listas e Mapas habilitados, a ser feita de acordo com a cláusula "d". Na hipótese de haver mais de três Mapas, das diversas series, igualmente mais aproximados, entrarão os mesmos em um sorteio de "desempate", pela loteria de 13 de Dezembro. Tambem no caso de ser contemplado pela loteria do dia 10 apenas um concorrente, distribuir-se-ão mais dois premios do valor de 5:000$000 cada um, POR APROXIMAÇÃO; se forem contemplados dois, distribuir-se-á, igualmente POR APROXIMAÇÃO, mais um premio do mesmo valor de 5:000$000, procedendo-se, no caso do "empate", a novo sorteio, pela loteria do dia 13, como na primeira hipótese formulada.

j) — Realizado o sorteio, a 10 de Dezembro, pela Loteria Federal, o DIARIO DE NOTICIAS mandará entregar os premios aos leitores que houverem assinado os Mapas contemplados, sendo a entrega feita nos lugares indicados no Mapa como residencia do leitor concorrente.

k) — Nenhum leitor poderá concorrer a este Concurso com mais de um Mapa, sendo anulados, durante o controle a ser feito pelo DIARIO DE NOTICIAS, antes do sorteio, os Mapas do concorrente que infringir esta disposição, ainda que os mesmos tenham constado das listas de "Mapas recolhidos", a que se refere a cláusula "d". Essa nulidade envolve os "canhotos" daqueles Mapas, os quais não poderão ser trocados por talões numerados para o nosso "PREMIO PERSEVERANÇA - 1941", a ser sorteado no fim do ano.

O "Premio Perseverança - 1941" é representado por uma casa mobiliada do valor de 65:000$000, e será sorteado entre os leitores do DIARIO DE NOTICIAS que hajam participado do nosso "Concurso Popular" em 1941. Cada leitor concorrerá com um número (milhar) por cada concurso mensal de que haja participado entre Janeiro e Dezembro.

CRESCE TODOS OS MESES O NÚMERO DE LEITORES CONTEMPLADOS COM OS PREMIOS DO VALOR DE 5:000$000 CADA UM, DO CONCURSO POPULAR DO "DIARIO DE NOTICIAS"

— Para dar lugar às fotografias de novos sorteados, retiramos os "clichés" dos seguintes leitores, tambem contemplados com os nossos premios mensais do valor de 5:000$000 cada um:

5:000$—Sr. Aug. Rodrigues, Av. Pr. Duarte 222, Caxias, E. Rio;
5:000$—D.ª Maria de L. Guimarães, r. Filgueiras Lima 134, Rio;
5:000$—Sr. Ant.º Torres Araujo, rua Licinio Cardoso 210, Rio;
5:000$—Sr. Eduardo Magalhães, rua Borja Reis 67, Rio;
5:000$—D.ª Edna Soter da Silveira, rua 2 de Abril 21, Rio;
5:000$—Sr. Antonio Correia de Sousa, rua Ana Neri 316, Rio;
5:000$—Sr. José A. de Carvalho, V. Regina 45, Colegio, E. Rio;
5:000$—D.ª Alice Duton, rua 24 de Maio 516, Rio;
5:000$—D.ª Luiza Simões Lopes, Hotel Wilson, Flamengo 4, Rio;
5:000$—Sr. Armilio Monteiro, rua Araxá 16, Grajaú, Rio;
5:000$—Sr. Alvino da Silveira Reis, Nepomuceno, E. Minas;
5:000$—Sr. Juvenal J. Medeiros, rua André Azevedo 58, Rio;
5:000$—D.ª Elza Scott, rua Barão de Sto. Angelo 183, Rio;
5:000$—Sr. Antonio Prelado, rua Gal. Caldwell 173, Rio;
5:000$—Sr. Alecrino de Oliveira Cruz, Campos, E. Rio;
5:000$—D.ª Maria de Lourdes S. Almeida, r. Valparaizo 33, Rio;
5:000$—Sr. José P. dos Santos, rua Assiz Carneiro 107, Rio;
5:000$—D.ª Teresa C. Aguiar, Bueno do Prado, E. Minas;
5:000$—Sr. José de Oliveira, rua Dr. Ferrari 144, Rio;
5:000$—Sr. Antonio Palheiro, rua Xingú 52, Rio;
5:000$—D.ª Edite Meneses, Vitoria, E. Santo;
5:000$—Sr. Ant. Medeiros, Av. Mirandela 121, Nilópolis, E. Rio;
5:000$—Sr. Valdemar P. Mota, rua Bento Lima 70, Rio;
5:000$—Sr. Manuel S. Carneiro, rua Lucidio Lago 326, Rio;
5:000$—Sr. Valentim S. Machado, rua Idalina 110, Rio;
5:000$—D.ª Rosa Pimentel Pires, rua Evangelina 100, Rio;
5:000$—Sr. Hugo A. Ferreira, Av. Suburbana 3091, Rio;
5:000$—Sr. Guilherme M. da Silva, r. Irma 48, Nilópolis, E. Rio;
5:000$—Sr. Camilo H. Peixoto, rua Pompeu Loureiro 69, Rio;
5:000$—Sr. Julio Vieira, rua Macalba 18, Rio;
5:000$—Sr. Vicente Fróis, Trav. Alvaro 227, Rio;
5:000$—D.ª Maria Isabel Tavares, rua B. Monteiro 65, Rio;
5:000$—Sr. José A. Teixeira, rua Sinal 399, Rio;
5:000$—Sr. Francisco S. Ferreira, V. Pereira Carneiro, Niterói;
5:000$—D.ª Emilia P. Costa, rua Guamá 22, Rio;
5:000$—D.ª Guiomar Neves, rua Campos da Paz 88, Rio;
5:000$—Sr. Otavio Barbosa, rua Bento Gonçalves 155, Rio;
5:000$—Sr. Justino Maciel, rua Assiz Carneiro 87, Rio;
5:000$—Sr. Nestor A. Pinto, rua Gal. Pedra 160, Friburgo, E. Rio;
5:000$—D.ª Carmelinda S. Pinto, Av. 1.º de Maio 18, Rio;
5:000$—Sr. Mario Aló, rua Dr. Nabuco de Freitas 122, Rio;
5:000$—Sr. Artur C. Santos, rua dos Invalidos 165, Rio;
5:000$—D.ª Anita Fiore, rua Bom Pastor 26, Rio;
5:000$—D.ª Valeria D. Silveira, rua Fernandes Marinho 70, Rio;
5:000$—Sr. Antonio Sebastião de Oliveira, Pr. Itú 10, Rio;
5:000$—Sr. Carlos Godói Filho, rua Delgado Carvalho 53, Rio;
5:000$—D.ª Emilia P. Lopes, rua Cosme Velho 291, Rio;
5:000$—D.ª Jocelina O. Figueiredo, rua Sgt. W. Lima 32, Rio;
5:000$—D.ª Maria Ferreira, rua Cons.º Zenha 45, Rio;
5:000$—Sr. Serafim P. Lopes, rua Ocidental 140, Rio;
5:000$—Sr. Luiz L. Andrade, rua 24 de Maio, São Paulo;
5:000$—Sr. Jorge A. Martins, Ilha Grande, E. Rio;
5:000$—Sr. Osvaldo R. Costa, rua Cel. Guimarães 208, Niterói;
5:000$—Sr. Álvaro F. Pereira, rua Silva Teles 58, Rio;
5:000$—Sr. Julio A. Glockner, r. Manuel Reis 21, Caxias, E. Rio;
5:000$—Sr. Aureo de Assiz, rua 24 de Maio 254, Rio;
5:000$—Sr. Geraldo de Sousa, rua Valparaizo 33, Rio;
5:000$—Sr. Mario Batista, rua Pacheco Leão 38, Rio;
5:000$—Sr. Antonio Gonçalves, Sebastião Lacerda, E. Rio;
5:000$—Sr. Clemente Pereira, rua Catumbi 61, Rio;
5:000$—Sr. Manuel R. Silva, rua Fagundes Varela 109, Rio;
5:000$—D.ª Ambrosina Moura, rua Paraopeba 225, Rio;
5:000$—Dr. Luiz Vachod, Vargem Alegre, E. Rio;
5:000$—Sr. Silvio Ferreira, rua do Açude 19, Rio;
5:000$—Sr. Joaquim O. Silva, rua Riachuelo 30, Rio;
5:000$—Sr. Diniz F. Silva, rua M. de Sapucaí 11, Rio;
5:000$—Sr. Karobe Stechny, rua Carvalho Alvim 170, Rio;
5:000$—D.ª Gabriela G. Maia, rua Riachuelo 316, Rio;
5:000$—Sr. Jorge Claudino, rua 26 n.º 4, Rio;
5:000$—D.ª Clotilde Bessa, rua Basilo Brito 226, Rio;
5:000$—Menino Carlos Américo, Av. João Luiz Alves 88, Rio;
5:000$—Sr. Antonio Soares, rua Pereira Nunes 78, Rio;
5:000$—D.ª Cenira Teixeira, rua Salvador Pires 46, Rio;
5:000$—D.ª Olga G. do Couto, rua R. Guimarães 53, Rio;
5:000—Menino José M. Lima, rua Claraide 65, Nilópolis, E. Rio;
5:000$—D.ª Rosa V. Campos, rua Delfina Enes 56, Rio;
5:000$—D.ª Maria G. Santos, rua S. Pompeu 65, Rio;
5:000$—Sr. José G. da Mota, Praia de S. Cristovão 529, Rio;
5:000$—D.ª Nair S. Agra, rua Felisberto Freire 622, Rio;
5:000$—Sr. Lourenço J. Santos, rua Silverio 72, Rio;
5:000$—Sr. José R. da Silva, rua A. Cruz 36, Campos, E. Rio;
5:000$—Sr. Álvaro O. Coimbra, r. Od. Braga 17, Nilópolis, E. Rio;
5:000$—D.ª Maria I. Martins, Trav. Miranda 14, Rio;
5:000$—Sr. Homero Santos, rua Uruguai 283, Rio;
5:000$—Sr. Raul V. Rosa, rua D. Teresa 72, Rio;
5:000$—Sr. Alexandre Alves, rua Álvaro Ramos 59, Rio;
5:000$—Sr. José Cardoso, rua Magalhães 38, Rio;
5:000$—Sr. Alcides Silva, rua D. Freire 136, Rio;
5:000$—D.ª Maria Rangel, rua Teodoro da Silva 753, Rio;
5:000$—Sr. Deusdedit M. Costa, rua Cajapú 233, Rio;
5:000$—Sr. S. M. Monteiro, Av. J. Carlos 329, Vitoria, E. Santo;
5:000$—D.ª Idalina Santos, rua Teodoro da Silva 601, Rio;
5:000$—Men. Marli Lopes, rua Maria Passos 236, Rio;
5:000$—D.ª Iná Catunda, rua Derby Clube 215, Rio;
5:000$—Sr. Renato Prudente, rua Costa Ferraz 24-A, Rio; e
5:000$—Sr. Djalma de Sousa, Estr. Otaviano 469, Rio.

OS TRÊS "PREMIOS PERSEVERANÇA" JÁ ENTREGUES

40:000$000 — "Premio Perseverança - 1938" — Um automovel Studebaker, à srta. Maria de Lourdes, filha do cap. médico dr. Rafael Figueiredo, residente à rua José Higino 270, Rio;

50:000$000 — "Premio Perseverança - 1939" — Uma casa no D. Federal, à rua Maria Antonia 136, Engenho Novo, ao sr. Silvino da Silva Braga, residente à rua do Catete 219, Rio; e

50:000$000 — "Premio Perseverança - 1940" — Uma casa no D. Federal, à rua Gerson Ferreira 245, Olaria, à srta. Luiza Galdino de Andrade, residente à estrada do Engenho da Pedra 237, Rio.

5:000$ 5:000$ 5:000$ 5:000$ 5:000$ 5:000$ 5:000$

Menino Osvaldo Angelo, res. à rua Padre Anchieta 15, Niterói, E. do Rio

D.ª Vicentina R. Sena, res. à rua das Missões n.º 502, nesta capital

Menino Wilson C. Ferreira, res. à rua Luiz Silva 115, c. 1, nesta capital

Sr. Valdemiro S. Buiça, res. à rua Estacio de Sá 163-A, nesta capital

Sr. Antonio G. Veloso, res. à r. Jerônimo Monteiro 211, Vitoria, E. Santo

Sr. Antonio D. Ribeiro, res. à rua Sabóia Lima n.º 72, nesta capital

Sr. Manuel Sousa Dantas, res. à rua Álvaro Chaves 15, nesta capital

5:000$ 5:000$ 5:000$ 5:000$ 5:000$ 5:000$ 5:000$

Sr. José L. F. Omena F.º, res. à rua Cons.º Agostinho n. 50, nesta capital

Sr. Antonio Andrade, res. à r. C. Porto Alegre n.º 23, nesta capital

Sr. Antonio R. Azevedo, res. à rua B. de Mesquita 647, nesta capital

D.ª Ana J. P. Santos, res. à rua Apodí n.º 99, nesta capital

D.ª Leonor G. Malta, res. à r. Cândido Benicio n.º 576, nesta capital

Men. Ricardo R. Houling, res. à rua Maria Eugenia 61, nesta capital

Dona Rosaria Isaias, res. à r. Otavio Braga, n.º 1648, Nilópolis, E. Rio

5:000$ 5:000$ 5:000$ 5:000$ 5:000$ 5:000$ 5:000$

Sr. Irineu B. Marques, res. à r. Caramurú 57, Vitoria, E. E. Santo

Sr. Antonio O. Neves, res. à rua E. Alvarenga, n.º 1427, Nilópolis, E. Rio

Sr. Meneses O. Pires, res. à rua Américo Rocha, n.º 104, nesta capital

Menina Cora A. Ribeiro, res. à Pr. das Pérolas, 90, sob., nesta capital

Sr. Almir M. Barros, res. à rua Maj. Mascarenhas 32, nesta capital

Men. Carlos A. Prodoscimi, res. à rua Ceará 943, Belo Horizonte, E. Minas

D.ª Durvalina P. Santos, res. à rua C. Melo n.º 58, nesta capital

5:000$

D.ª Maria G. Silva, res. à rua Tangará n.º 520, nesta capital

Alem destes, 551 leitores receberam os nossos "Premios de Consolação" do valor de 100$000, cada um.

COMO GANHAR

O plano deste Concurso não foi nem poderia ser elaborado de modo a permitir que TODOS ganhem. Aqui, está, porem, um Concurso no qual NINGUEM poderá perder.

O caminho mais seguro para conquistar um dos nossos premios do valor de 5:000$000 é, evidentemente, PERSEVERAR. E enquanto V. Exa. espera sua vez estará lendo, cada manhã, um jornal que procurará sempre informá-lo com amplitude e seriedade sobre tudo o que vai ocorrendo na cidade, no país e no mundo, fornecendo-lhe, ainda, todos os dias, através das suas variadas secções, um verdadeiro espelho da vida que passa.

Ninguem, assim, mesmo o mais desprotegido da sorte, poderá perder !

5:000$

Dona Guiomar Teixeira, res. à r. Teixeira Junior 19, nesta capital

FAÇA DO "DIARIO DE NOTICIAS" O SEU JORNAL E O JORNAL DOS SEUS AMIGOS !

— Se o presado leitor deseja cooperar para a maior difusão e o incessante engrandecimento do SEU JORNAL, faça, obsequiosamente, um dos seus amigos que ainda não lêem habitualmente o DIARIO DE NOTICIAS, participar deste nosso "Concurso Popular" de Novembro. Para isso, bastará dar, pelo telefone 42-2910, ramal 3, o nome e o endereço do amigo escolhido e nós a ele enviaremos um Mapa, pelo Correio, gratuitamente. A experiencia tem demonstrado que só rarissimamente uma pessoa que lê o nosso jornal durante 15 ou 30 dias seguidos o abandona para se fazer leitor de qualquer outro.

MAPA Nº 2143 (Série C)

Para colecionar os 25 coupons do "CONCURSO POPULAR" N.º 56 do "Diario de Noticias", a serem publicados de 2 a 30 de Novembro de 1941

PARA QUE ESTE MAPA POSSA ENTRAR NO SORTEIO, E' PRECISO QUE SEJA ASSINADO E TRAGA AS INDICAÇÕES PEDIDAS ABAIXO

Coupon n.º 1 2 - 11 - 41	*Coupon n.º 2* 4 - 11 - 41	*Coupon n.º 3* 5 - 11 - 41	*Coupon n.º 4* 6 - 11 - 41	*Coupon n.º 5* 7 - 11 - 41
Coupon n.º 6 8 - 11 - 41				*Coupon n.º 7* 9 - 11 - 41
Coupon n.º 8 11 - 11 - 41				*Coupon n.º 9* 12 - 11 - 41
Coupon n.º 10 13 - 11 - 41				*Coupon n.º 11* 14 - 11 - 41
Coupon n.º 12 15 - 11 - 41				*Coupon n.º 13* 16 - 11 - 41
Coupon n.º 14 18 - 11 - 41				*Coupon n.º 15* 19 - 11 - 41
Coupon n.º 16 20 - 11 - 41				*Coupon n.º 17* 21 - 11 - 41
Coupon n.º 18 22 - 11 - 41	*Coupon n.º 19* 23 - 11 - 41	*Coupon n.º 20* 25 - 11 - 41	*Coupon n.º 21* 26 - 11 - 41	*Coupon n.º 22* 27 - 11 - 41
Até por aproximação poderá V. Exa. conquistar um dos nossos premios do valor de 5:000$000 !	*Coupon n.º 23* 28 - 11 - 41	*Coupon n.º 24* 29 - 11 - 41	*Coupon n.º 25* 30 - 11 - 41	Mais de 32.000 leitores já estão participando, todos os meses, deste Concurso do DIARIO DE NOTICIAS

OS "PREMIOS PERSEVERANÇA" ANUAIS

1939

Uma casa do valor de 50:000$000, construida à rua Maria Antonia 136, Engenho Novo, com a qual foi contemplado, em sorteio pela Loteria Federal, o nosso leitor Sr. Silvino da Silva Braga.

1940

Esta casa, do valor de 50:000$000, acha-se localizada à rua Gerson Ferreira, 245, Ramos, e representa o "Premio Perseverança - 1940", com o qual foi contemplada, em sorteio pela Loteria Federal, a Srta. Luiza Galdino de Andrade, residente à rua Estrada do Engenho da Pedra, 287, na mesma localidade.

1941

UMA CASA MOBILIADA E TERRENO — 65:000$000

A exemplo do que fizemos em 1938, 1939 e 1940, os leitores que participarem do nosso "Concurso Popular" mensal em 1941 concorrerão, no fim do ano, ao sorteio do nosso "Premio Perseverança - 1941", representado, como os de 1939 e 1940, por uma casa a ser construida no Distrito Federal, esta, porem, do valor de 65:000$000, nesse preço incluidos o terreno e o completo mobiliario com que será guarnecida.

— Declaro estar de acordo em ficar este Mapa sem efeito no caso de, no controle a ser procedido pelo DIARIO DE NOTICIAS, vir a encontrar-se, com a minha assinatura, mais de UM MAPA deste Concurso n.º 56, relativo ao mês de Novembro de 1941.

Vai concorrer ao "Premio Perseverança - 1941" ?

Assinatura por extenso .. ..

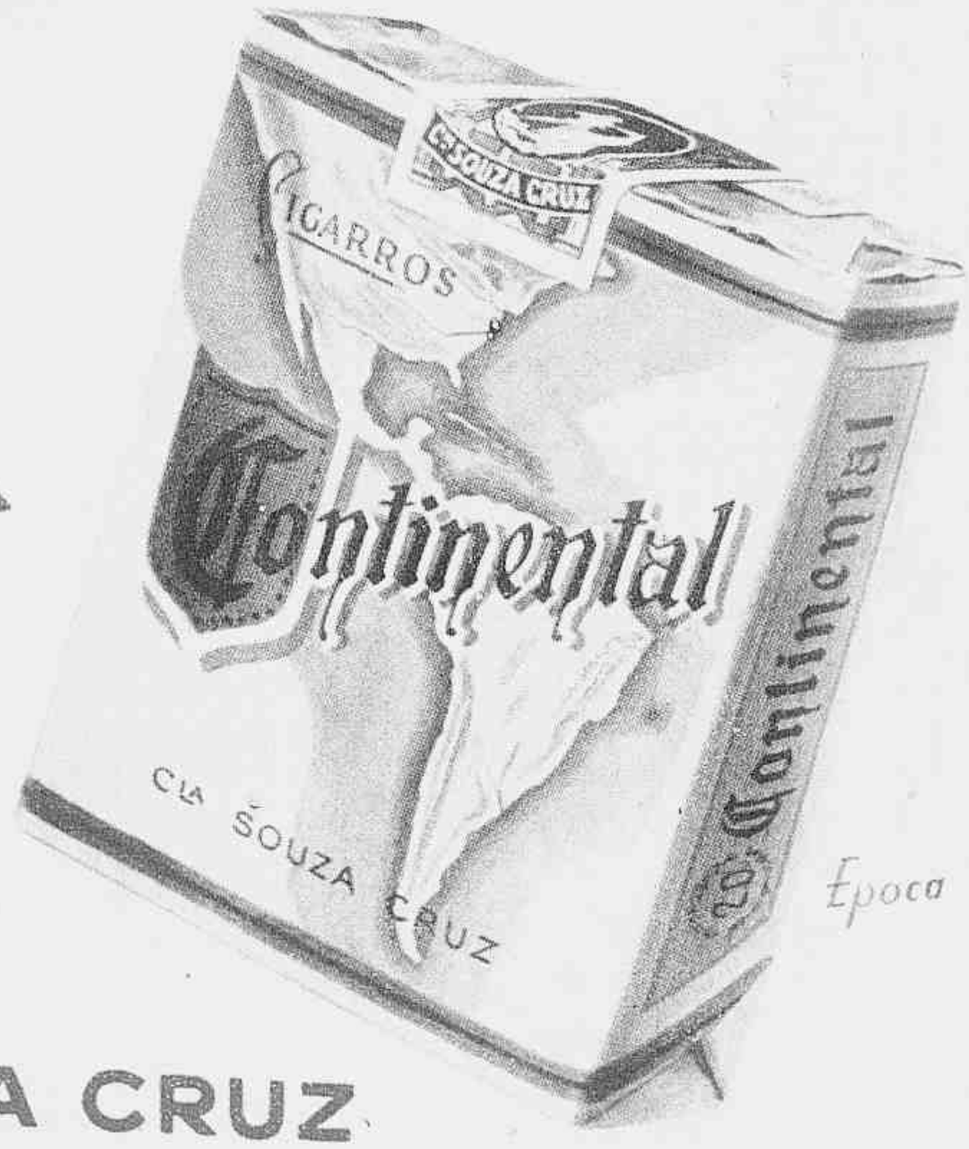
Rua e n.º .. ..

Cidade .. .. Estado .. ..

Data .. .. Já tem Mapa para Dezembro ? .. .. E' assinante ? .. ..

Quando os homens pensam...

não dispensam um cigarro



CIA · DE CIGARROS SOUZA CRUZ

Época